

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA



CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO E ADOÇÃO DE CÃES EM LISBOA

SOFIA NUNES EUSÉBIO MENESES MONTEIRO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

ORIENTADORA:
Dra. Marta Antas Fernandes Videira

COORIENTADOR:
Mestre Telmo Renato Landeiro Raposo Pina Nunes

2022

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



CARACTERIZAÇÃO DOS FATORES ASSOCIADOS AO ABANDONO E ADOÇÃO DE CÃES EM
LISBOA

SOFIA NUNES EUSÉBIO MENESES MONTEIRO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

JÚRI

PRESIDENTE:

Doutora Ilda Maria Neto Gomes Rosa

ORIENTADORA:

Dra. Marta Antas Fernandes Videira

VOGAIS:

Doutora Maria Isabel Neto Cunha Fonseca
Dra. Marta Antas Fernandes Videira

COORIENTADOR:

Mestre Telmo Renato Landeiro Raposo Pina Nunes

DECLARAÇÃO RELATIVA ÀS CONDIÇÕES DE REPRODUÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Nome: Sofia Nunes Eusébio Meneses Monteiro

Título da Dissertação: Caracterização dos fatores associados ao abandono e adoção de cães em Lisboa

Ano de conclusão: 2022

Designação do curso de Mestrado ou de Doutoramento: Mestrado Integrado em Medicina Veterinária

Área científica em que melhor se enquadra :

- Clínica Produção Animal e Segurança Alimentar
 Morfologia e Função Sanidade Animal

Declaro sobre compromisso de honra que a tese ou dissertação agora entregue corresponde à que foi aprovada pelo júri constituído pela Faculdade de Medicina Veterinária da ULISBOA.

Declaro que concedo à Faculdade de Medicina Veterinária e aos seus agentes uma licença não-exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, nas condições abaixo indicadas, a minha tese ou dissertação, no todo ou em parte, em suporte digital.

Declaro que autorizo a Faculdade de Medicina Veterinária a arquivar mais de uma cópia da tese ou dissertação e a, sem alterar o seu conteúdo, converter o documento entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Retenho todos os direitos de autor relativos à tese ou dissertação, e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros).

Concordo que a minha tese ou dissertação seja colocada no repositório da Faculdade de Medicina Veterinária com o seguinte estatuto (assinale um):

- Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso mundial;
- Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na Faculdade de Medicina Veterinária durante o período de 6 meses, 12 meses, sendo que após o tempo assinalado autorizo o acesso mundial*;

* Indique o motivo do embargo (OBRIGATÓRIO)

Publicação de artigo(s) científico(s).

Nos exemplares das dissertações de mestrado ou teses de doutoramento entregues para a prestação de provas na Universidade e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito na Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa deve constar uma das seguintes declarações (incluir apenas uma das três):

- É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa, 8 de fevereiro de 2022

Assinaturas

Aluna: Sofia Monteiro Orientadora: Marta Videira

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os que diretamente ou indiretamente contribuíram para a realização deste percurso académico, em especial aos professores que me inspiraram e transmitiram os seus conhecimentos nas diversas áreas.

À Dra. Marta, o meu sincero agradecimento por toda a ajuda, disponibilidade e confiança em todos os momentos. Tem sido uma inspiração como pessoa e como profissional, pela sua dedicação à causa animal.

Quero agradecer ao Professor Telmo por me ter sempre incentivado e ajudado na realização desta dissertação, por me ter encorajado nas alturas mais complicadas e ter estado sempre disponível.

À Casa dos Animais de Lisboa e a todos os funcionários com quem tive o prazer de trabalhar durante o meu período de estágio. À Dra. Cândida, pela confiança, paciência e por tudo o que me ensinou, foi sem dúvida uma mestre para mim! À Dra. Ana pela boa-disposição, auxílio na vertente clínica e cirúrgica e pela introdução ao plano do programa de captura, esterilização e devolução (CED). À Dra. Rosa e ao Dr. Vasco, pela forma generosa e divertida como me receberam e ajudaram ao longo da campanha de vacinação e na realização das várias vistorias. Gostava de agradecer também à Dra. Fernanda pela ajuda técnica nas cirurgias e ao Dr. Leonel na componente clínica. À Dra. Elizabete, pela forma clara, consistente e dinamizadora como se dedica a esta causa e tenta dar a conhecer a Casa dos Animais de Lisboa (CAL) e os seus animais, valorizando e promovendo sempre o trabalho voluntário que lá se faz. Um agradecimento à Paula por me ajudar a descobrir as fichas dos animais e ao Rui por me ajudar a desenvolver o programa informático do canil de forma a facilitar algumas pesquisas. À Rita por ser sempre atenta e carinhosa com todos e por me mostrar o funcionamento e o desenvolvimento do programa CED. Quero também agradecer a todos os tratadores e vigilantes que se esforçam e dão o seu melhor todos os dias para tornar o canil num espaço mais acessível e seguro para aqueles que o visitam e também por proporcionarem o melhor bem-estar possível aos animais residentes.

À equipa do Hospital Escolar: a todos os médicos, enfermeiros e demais colaboradores pela forma como me receberam e trataram e por fazerem deste centro um exemplo de excelência de cuidados médico-veterinários. Foi com grande entusiasmo que tive o prazer de assistir às mais variadas consultas das diversas áreas clínicas e pude aprender bastante.

Aos meus amigos e companheiros da *Vida Loka*, amigos de todas as horas nesta caminhada e que tornaram tudo muito mais intenso e especial, Alex, Luana, Margarida, Ana, Pilar, Rita, Bia, Nídia e Sara <3. Obrigada por todos os momentos de partilha que esta faculdade nos proporcionou. Momentos de euforia, festas, encontros, eventos, emoções fortes que nunca vou esquecer, sempre ao vosso lado!

À Joana pela amizade e apoio, especialmente nas noites em branco a estudar. Sem ti teria sido bem mais difícil!

À Beatriz, pela forma bonita como se dedica a esta causa e ao amor incondicional que tem e expressa pelos animais, és sem dúvida alguém muito especial que quero levar!

Aos *Eiffel Tower*, que me aturam há anos e aguentam conversas incansáveis sobre cães, gatos e outros bichos sem se mostrarem cansados por saberem o quanto gosto desta profissão. Vocês são “os meus” e sabem que vos adoro incondicionalmente! Um obrigada especial às minhas meninas Bia, Ana, Francisca, Joana, Mafalda, Marta e Rita por serem as amigas de todas as horas e que muito admiro!

À Joana, a mana do Porto, por todos os desabafos, gargalhadas e por alinhares em todas as aventuras desde cedo, sempre com apoio dos extraordinários Teresa e Carlos!

Aos meus amigos de biologia, que me acompanharam desde o início do meu percurso académico e me incentivaram a nunca desistir da minha vocação. Sem vocês teria sido bem menos divertido! À Vânia, Johnny, Ana e Filipe que tanto me aturaram e pela amizade que ficou! À Vanda por continuares a ser tão presente na minha vida e por manifestares esse teu cuidado e amor por todos os animais! Ao Dani e ao Duarte por me meterem sempre juízo e ajudarem em tudo o que podem! Ao João por encheres uma casa com a tua boa-disposição e me fazeres sempre rir!! À Cátia, minha lontra austríaca, por estares presente em TODOS(!) os momentos e à minha querida Inês por alinhares em tudo até ao fim apesar de já saberes o que a casa gasta! Convosco todos os momentos são verdadeiramente inesquecíveis!

Aos amigos de Erasmus, com destaque à Maria João por me ter aturado e vivenciado esta incrível aventura comigo. Ao Roberto por ser a nossa estrela guia em Itália e à aventureira Elena, que adorei conhecer, ainda mais em Portugal! Em França, quero agradecer à minhas queridas Marie, Melissa, Julie e Bruna por todo o apoio, convívios e maravilhosos passeios!

Paulinha, obrigada por todas conversas, alegrias a boa-disposição ao longo deste tempo! Deste-me a companheira de quarto perfeita, a minha querida Ginja!

Ao João, um companheiro incansável que me apoiou em tudo. Tenho muito orgulho na pessoa que és, tenho muita sorte em te ter na minha vida, tu sabes!

À minha família. A pessoa que sou, todas as minhas bases e princípios é a vocês que devo. Obrigada, em especial, aos meus pais, que foram sempre muito presentes, estruturantes na minha educação, pilares da minha vida, que me apoiaram e apoiam em todos os momentos. À minha maninha, com quem partilhei todas as aprendizagens, desgostos, ambições, mas também grandes vitórias!

A todos os animais que fizeram parte da minha vida, com especial agradecimento ao meu Spotty, por terem despertado o amor que tenho pela causa animal e a empatia por aqueles que esperam incessantemente por encontrar alguém que os ame da mesma forma!

Caracterização dos fatores associados ao abandono e adoção de cães em Lisboa

Resumo

O abandono de animais de companhia é uma realidade frequente nos Centros de Recolha Oficial (CRO). Para reduzir o número de animais admitidos, é importante identificar a sua proveniência e os fatores de risco subjacentes, assim como maximizar a adoção.

Este estudo teve por objetivo caracterizar os fatores associados ao abandono e adoção de cães na Casa dos Animais de Lisboa (CAL) entre 2017 e 2019 e compreender a dinâmica do processo de adoção, caracterizando os animais procurados e adotados e os visitantes/adotantes. Para caracterizar os cães admitidos, consultaram-se os dados da plataforma digital “Gestpet”, mapas de movimentos e fichas de identificação. Foi também distribuído um questionário que incidia sobre o perfil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados. Os dados foram compilados em *Excel* e analisados em *R*.

Nos três anos analisados, notou-se uma diminuição do número de animais admitidos. Estes eram maioritariamente machos, com idade até dois anos, de porte médio, pelo liso, curto e de cor castanha, raça indeterminada e não potencialmente perigosa (RNPP). As admissões foram, sobretudo, de animais errantes e por abandono e/ou maus-tratos. Dos animais recebidos, mais de 75% foram adotados ou restituídos. Relativamente aos animais adotados, a sua maioria eram machos, com idades até 2 anos, de porte médio, pelo liso, curto, de cor castanha, eram de raça indeterminada e RNPP. O tempo de permanência no CRO aumentou com o avançar da idade e foi inferior para as fêmeas, porte pequeno, pelo médio/comprido, raça indeterminada e RNPP. A grande parte dos visitantes tinha entre 31-50 anos, nível de educação superior, era do sexo feminino, profissionalmente ativa, com agregados familiares de duas ou mais pessoas, sem crianças e residia em apartamento. Aqueles que não tinham sido detentores de animais nos últimos 10 anos adotaram mais do que aqueles que o tinham sido. A maioria procurava gatos, jovens, sociáveis e meigos, cães de porte pequeno; já o sexo, raça, cor, tipo e tamanho de pelo foram pouco relevantes. Fazer companhia ou retirar um animal de um abrigo foram as motivações principais.

As adoções incluíram sobretudo gatos, fêmeas, jovens, raças indeterminadas, com pelo liso, curto e cães de porte médio. O comportamento foi o aspeto mais determinante para adotar. As mulheres adotaram mais cães de porte pequeno do que os homens e estes, mais cães de porte grande e de RPP. As mulheres preferiram adotar gatos e fêmeas e os homens, cães e machos. A cor foi apenas fator de preferência por parte de mulheres.

Este estudo salienta a necessidade de desenvolver uma rede de comunicação entre os vários CRO que permita a permuta de animais, promovendo a reunião entre os possíveis adotantes e o animal que procuram, esperando-se assim um aumento da taxa de adoção.

Palavras-chave: Animais errantes, Adoção, Abandono, Centro de Recolha Oficial.

Characterization of the factors associated to relinquishment and adoption of dogs in Lisbon

Abstract

The relinquishment of companion animals is a frequent reality in animal shelters. To reduce the number of admitted animals, it is important to identify their origin and underlying risk factors, as well as maximizing adoption.

This study aimed to characterize the factors associated with relinquishment and adoption of dogs admitted to Casa dos Animais de Lisboa (CAL) between 2017-2019, and to understand the dynamics of the adoption process, identifying the characteristics of the desired/adopted animals, and those from the visitors/adopters. To characterize admitted dogs, data from the “Gestpet” digital platform, movement maps and identification sheets were consulted. A questionnaire was also distributed, focusing on the visitors’ profile and characteristics of the desired/adopted animals. Data were compiled in Excel and analysed in R.

In the three-year period, it was seen a decrease in the number of animals admitted. These were mostly males, aged under two, of medium size, brown color, smooth and short hair, mixed and not potentially dangerous breeds (RNPP). Most admissions were strays/free roaming and abandoned and/or mistreated dogs. Among the admitted animals, more than 75% were adopted or returned. Concerning adopted animals, most of them were males, aged under two, of medium size, brown color, smooth and short hair, indeterminate breeds and RNPP. The length of stay at the CRO increased along with aging, being lower for females, small size, medium/long hair, indeterminate breeds and RNPP. Most visitors were 31-50 years old, had higher education, were female, actively working, with households of two or more people, without children and lived in an apartment. Those who had not been animal keepers in the previous 10 years adopted more than those who had. Most were looking for cats, and young, sociable and sweet animals, small-sized dogs; however, sex, breed, hair color, type and length were less relevant. Main motivations were companionship and to take an animal out of a shelter.

Most adoptions included cats, females, young animals, indeterminate breeds, smooth, short hair, and medium sized dogs. Behavior was the most determinant aspect for adoption. Women adopted more small-sized dogs than men and these, more large-sized and RPP dogs. Women preferred adopting cats and females and men, dogs and males. Color was a preference factor only for women.

This study highlights the need to develop a communication network between the various shelters which would allow the exchange of animals, promoting the pairing between prospective owners and the animal profiles sought, estimating an increase in the adoption rate.

Keywords: Relinquishment, Adoption, Stray animals, Animal shelters

Índice

Resumo	v
Abstract	vi
I. Relatório de Atividades de Estágio	1
1. Estágio Curricular na CAL	1
2. Estágio extracurricular no HEV-FMV/ULisboa	2
II. Revisão bibliográfica	3
1. A população canina	3
2. O impacto dos cães errantes na sociedade	3
3. Os Centros de Recolha Oficial.....	4
3.1. Funções dos Centros de Recolha Oficial	4
3.1.1. Recolha e alojamento dos animais	4
3.1.2. Esterilização	5
3.1.3. Programas de captura, esterilização e devolução (CED)	5
3.1.4. Identificação eletrónica	6
3.1.5. Tratamentos, controlo de zoonoses e quarentena	6
3.1.6. Animais perigosos e potencialmente perigosos	7
3.1.7. Adoção	7
3.1.8. Occisão e eutanásia	8
3.2. A situação em Portugal e Lisboa em particular	8
4. Fatores de risco associados ao abandono e insucesso das adoções	9
4.1. Fatores humanos.....	10
4.2. Fatores não humanos.....	11
5. Adoção- Características dos adotantes e animais adotados.....	13
5.1. Fatores associados à detenção de cães.....	14
5.2. Características procuradas pelos adotantes	15
III. Caracterização dos fatores associados à adoção e abandono de animais errantes na cidade de Lisboa	19
1. Introdução.....	19
2. Objetivos.....	19
3. Materiais e Métodos	20
3.1. Cães admitidos entre 2017 e 2019 na CAL.....	20
3.2. Inquérito aos visitantes	22
4. Resultados.....	25
4.1. Caracterização dos cães admitidos na CAL por ano (2017-2019)	25
4.1.1. Número de cães admitidos por ano	25

4.1.2.	Sexo dos cães admitidos.....	25
4.1.3.	Idade dos cães admitidos.....	25
4.1.4.	Porte dos cães admitidos.....	26
4.1.5.	Cores e padrões dos cães admitidos.....	26
4.1.6.	Tipo de pelo dos cães admitidos.....	27
4.1.7.	Tamanho do pelo dos cães admitidos.....	27
4.1.8.	Raça indeterminada e raças puras dos cães admitidos.....	28
4.1.9.	Raças potencialmente perigosas (RPP) e raças não potencialmente perigosas (RNPP) dos cães admitidos.....	28
4.1.10.	Motivos de entrada dos cães admitidos.....	29
4.1.11.	Motivos de entrada dos cães admitidos em função do sexo.....	30
4.1.12.	Motivos de entrada dos cães admitidos em função da idade.....	30
4.1.13.	Motivos de entrada dos cães admitidos em função do porte.....	31
4.1.14.	Motivos de entrada dos cães admitidos em função da raça.....	32
4.1.15.	Motivos de entrada dos cães admitidos em função de pertencerem ou não a raças potencialmente perigosas (RPP).....	33
4.1.16.	Cães admitidos na CAL (2017-2019) e o seu destino até 30 de junho de 2020	34
4.2.	Caracterização das adoções de cães na CAL entre janeiro de 2017 e junho de 2020	35
4.2.1.	Caracterização dos cães adotados.....	35
4.2.2.	Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães adotados.....	36
4.2.3.	Relação entre as características dos animais adotados e o tempo até à adoção	37
4.3.	Inquérito aos visitantes da CAL: caracterização do perfil dos visitantes e sua influência na adoção.....	38
4.3.1.	Caracterização demográfica e socioeconómica.....	38
4.3.2.	Disponibilidade de tempo e encargos previstos com a adoção.....	41
4.3.3.	Fatores associados à visita.....	41
4.3.4.	Experiência com animais.....	42
4.3.5.	Motivações para a adoção de um animal de companhia.....	43
4.3.6.	Características desejadas no animal procurado.....	44
4.3.6.1.	Características físicas.....	44
4.3.6.2.	Características comportamentais.....	45
4.3.7.	Motivos para o insucesso da visita.....	45
4.3.8.	Caracterização dos animais adotados.....	46
4.3.8.1.	Fatores que influenciaram a adoção.....	47
4.3.8.1.1.	Principais razões que levaram à adoção animal.....	47

4.3.8.1.2. Caraterísticas dos animais determinantes para a adoção	47
4.3.9. Associação entre as características dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados	48
4.3.9.1. Associação entre o sexo dos visitantes e a espécie, sexo e cor dos animais procurados/adotados	48
4.3.9.2. Associação entre os concelhos dos visitantes e a idade dos animais procurados/adotados	49
4.3.9.3. Associação entre existência de varanda/quintal na habitação dos visitantes e a espécie e porte dos animais procurados/adotados.....	49
5. Discussão	50
5.1. Caracterização dos cães admitidos na CAL (2017-2019)	50
5.1.1. Caracterização dos cães admitidos	50
5.1.2. Destino dos cães admitidos (janeiro de 2017 a 30 de junho de 2020)	55
5.1.2.1. Caracterização das adoções na CAL	55
5.1.2.1.1. Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães adotados 57	
5.2. Inquérito aos visitantes da CAL	57
5.2.1. Caracterização dos visitantes	57
5.2.2. Caracterização dos animais procurados	59
5.2.3. Caracterização dos animais adotados	60
5.2.4. Associação entre as características dos adotantes e as características dos animais adotados/procurados	61
6. Limitações do estudo	62
7. Conclusão.....	63
IV. Bibliografia	65
V. Anexos	76
Anexo 1. Tempo (dias) até à adoção de um cão na CAL	76
Anexo 2. Associações entre o perfil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.	78
Anexo 3. Inquérito para os munícipes que visitaram a Casa dos Animais de Lisboa (CAL)	103

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Total de animais recolhidos e adotados nos anos 2017, 2018 e 2019 em Portugal.	9
Gráfico 2 – Sexo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	25
Gráfico 3 – Idade dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).....	26

Gráfico 4 – Porte dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=717).	26
Gráfico 5 – Cores e padrões dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	27
Gráfico 6 – Tipo do pelo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	27
Gráfico 7 – Tamanho do pelo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	28
Gráfico 8 – Raças dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	28
Gráfico 9 – Raças potencialmente perigosas (RPP) e Raças não potencialmente perigosas (RNPP) dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	29
Gráfico 10 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).	29
Gráfico 11 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função do sexo (n=1303).	30
Gráfico 12 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função da idade (n=1303).	31
Gráfico 13 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função do porte (n=717).	32
Gráfico 14 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função da raça (n=1303).	33
Gráfico 15 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função de pertencerem ou não a RPP (n=1303).	34
Gráfico 16 – Cães admitidos na CAL (2017-2019) e o seu destino até 30 de junho de 2020 (n=1303).	34
Gráfico 17 – Tempo (dias) até à adoção de um cão na CAL (n=1303).	37
Gráfico 18 – Motivações para a adoção de um animal (n=70).	44
Gráfico 19 – Características comportamentais procuradas num animal.	45
Gráfico 20 – Razões para os visitantes não adotarem no dia da visita (n=28).	46
Gráfico 21 – Comportamento exibido pelos animais adotados durante a visita (n=42).	47
Gráfico 22 – Principais razões que levaram à adoção de determinado animal	47
Gráfico 23 – Relevância de alguns fatores para a adoção.	48
Gráfico 24 – Tempo até à adoção em função do sexo.	76
Gráfico 25 – Tempo até à adoção em função do porte.	76
Gráfico 26 – Tempo até à adoção em função da idade.	76
Gráfico 27 – Tempo até à adoção em função da cor.	76
Gráfico 28 – Tempo até à adoção em função do tipo de pelo.	77
Gráfico 29 – Tempo até à adoção em função do tamanho do pelo.	77
Gráfico 30 – Tempo até à adoção em função da raça.	77
Gráfico 31 – Tempo até à adoção em função de pertencer ou não a uma RPP.	77

Lista de Tabelas

Tabela 1- Animais recolhidos, adotados, eutanasiados, esterilizados e vacinados na região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT).....	9
Tabela 2 – Cães admitidos entre (2017-2019) e adotados até 30 de junho de 2020 (n=638)	35
Tabela 3 – Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães admitidos entre (2017-2019) e que foram adotados até 30 de junho de 2020 (n=633).	36
Tabela 4 – Perfil dos visitantes e a sua influência na adoção (n=70).....	40
Tabela 5 – Disponibilidade de tempo e encargos previstos com a adoção (n=69).....	41
Tabela 6 – Fatores associados à visita na CAL e sua influência na adoção (n=70).....	42
Tabela 7 – Experiência dos visitantes com animais e sua influência na adoção (n=70).	43
Tabela 8 – Características físicas procuradas num animal (n=70).....	44
Tabela 9 – Características dos animais adotados (n=42).	46
Tabela 10 – Associação entre o sexo dos visitantes e a espécie, sexo e cor dos animais procurados/adotados.....	49
Tabela 11 – Associação entre o concelho de proveniência dos visitantes e a idade dos animais procurados/adotados.....	49
Tabela 12 – Associação entre a existência de varanda/quintal na habitação dos visitantes e a espécie e porte (no caso dos cães) dos animais procurados/adotados.	50
Tabela 13 – Associação entre os grupos etários dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	78
Tabela 14 – Associação entre o sexo dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	80
Tabela 15 – Associação entre as habilitações literárias dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	81
Tabela 16 – Associação entre o estado civil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	83
Tabela 17 – Associação entre o meio de vida dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	85
Tabela 18 – Associação entre número total de pessoas do agregado dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.	87
Tabela 19 – Associação entre a existência de crianças no agregado familiar dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.	89
Tabela 20 – Associação entre o concelho de proveniência dos visitantes características dos animais procurados/adotados.....	90
Tabela 21 – Associação entre tipo de habitação dos visitantes características dos animais procurados/adotados.....	91

Tabela 22 – Associação entre a tipologia da habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.....	93
Tabela 23 – Associação entre a existência de quintal/varanda na habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.	95
Tabela 24 – Associação entre o tempo que os visitantes indicaram poder dedicar ao animal por dia e as características dos animais procurados/adotados.....	97
Tabela 25 – Associação entre o intervalo de valores que os visitantes pensavam gastar anualmente, em média, com o animal e as características dos animais procurados/adotados.	99
Tabela 26 – Associação entre o facto de os visitantes terem animais ao dia da visita e as características dos animais procurados/adotados.	101
Tabela 27 – Associação entre o facto de os visitantes terem tido animais nos últimos 10 anos e as características dos animais procurados/adotados.....	102

Lista de abreviaturas e siglas

AHA – American Humane Association

ASPCA – American Society for the Protection of Cruelty to Animals

CAL – Casa dos Animais de Lisboa

CED – Captura Esterilização e Devolução

CRO – Centro de Recolha Oficial

DECO – Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor

DGAV – Direção Geral de Alimentação e Veterinária

DL – Decreto-Lei

EUA – Estados Unidos da América

FAWAC – Farm Animal Welfare Advisory Council

FEDIAF – European Pet Food Industry Federation

FMV-ULisboa – Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa

HEV – Hospital Escolar Veterinário

HSI – Humane Society International

IC – Intervalo de confiança

ICAM – International Companion Animal Management Coalition

LVT – Lisboa e Vale do Tejo

PNLVERAZ – Plano Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e Outras Zoonoses

RPP – Raças potencialmente perigosas

RNPP – Raças não potencialmente perigosas

SIAC – Sistema de Identificação de animais de companhia

SICAFE – Sistema de Identificação de Canídeos e Felinos

SIRA – Sistema de Identificação e Recuperação Animal

WHO – World Health Organization

WSPA- World Society for the Protection of Animals

Lista de símbolos

% - percentagem

< - menor que

> - maior que

Kg- quilograma

p – p-value

I. Relatório de Atividades de Estágio

O estágio curricular foi realizado na Casa dos Animais de Lisboa (CAL), entre 1 de março de 2019 e 31 de julho de 2019, tendo sido prolongado posteriormente até dia 13 de março de 2020. No entanto, em junho de 2020 a estagiária regressou para terminar a recolha de dados. Este trabalho foi realizado sob orientação da Dra. Marta Videira e coorientação do Professor Dr. Telmo Nunes.

Previamente ao estágio curricular, a estudante teve a oportunidade de fazer um estágio extracurricular no Hospital Escolar Veterinário (HEV) da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Lisboa (FMV-ULisboa), entre 24 de setembro e 14 de dezembro de 2018.

1. Estágio Curricular na CAL

O estágio foi efetuado num horário entre as 9h e as 17h durante a semana e, ocasionalmente, durante o fim de semana entre as 10h e as 12h. A estagiária participou em diversas atividades que faziam parte do normal funcionamento de um Centro de Recolha Oficial (CRO) e desenvolveu várias competências na área da medicina de abrigos, contabilizando um total de 1840 horas de trabalho. As atividades incluíram a realização de cirurgias, tratamentos médico-veterinários, participação no programa de vacinação, vistorias e acompanhamento das adoções.

Na área de cirurgia, ajudou na realização de cerca de 150 ovariectomias e orquiectomias a gatos e cães.

Na parte relativa aos tratamentos médicos, a estagiária auxiliou na contenção dos animais, realização de exames físicos e administração de medicação por via oral e/ou parentérica aos animais residentes. Assistiu também a algumas eutanásias, sempre por motivos de doença incurável ou por ser a única via para eliminar a dor e o sofrimento irrecuperável do animal.

Os animais que deram entrada no CRO foram sempre submetidos a exames físicos e ainda a exames complementares de diagnóstico, quando necessário. Foram realizadas recolhas de sangue para hemograma, análises bioquímicas e para outros testes de diagnóstico, como leishmaniose ou FIV/FeLV. Foram também recolhidas amostras de fezes nos casos suspeitos de panleucopénia e parvovirose. No caso de se apresentarem saudáveis, os animais eram devidamente vacinados e desparasitados.

A estagiária participou também no programa de vacinação realizado ao longo do ano em várias freguesias da cidade de Lisboa e também nas instalações da CAL. Este programa incluiu a deslocação às freguesias estipuladas numa carrinha de vacinação própria, na qual se procedia à inoculação da vacina da raiva e à introdução de *transponder* nos animais dos municípios que até ela se deslocavam.

Foram realizadas vistorias nas quais se pretendeu dar respostas às solicitações dos munícipes. A maioria incidia sobre problemas relacionados com insalubridade, regulação de animais de companhia e queixas relativas ao bem-estar animal.

Foi também possível fazer o acompanhamento e verificação no local de colónias de gatos ao abrigo do programa de captura, esterilização e devolução (CED), e identificar esses animais com a introdução de *transponder* no ato cirúrgico.

A estagiária acompanhou também diversas visitas e adoções realizadas no CRO. Foi também com esta parte do estágio que foi possível desenvolver uma componente importante do seu estudo a partir da realização de inquéritos aos munícipes.

2. Estágio extracurricular no HEV-FMV/ULisboa

Durante este período desenvolveram-se atividades clínicas nos serviços de medicina geral, medicina interna, dermatologia, oftalmologia, oncologia, radiologia, ecografia, cirurgia e internamento. No total, foram realizadas 500 horas em turnos rotativos de 8 horas ou no caso do internamento, de 12 horas.

No hospital, a estagiária assistiu a várias consultas de primeira, segunda opinião e de referência. Acompanhou vários casos clínicos e teve a oportunidade de realizar a anamnese e exame físico dos animais. Nos vários serviços ajudou na contenção dos animais, na preparação e administração de diversos fármacos e na colheita de sangue e urina para análises. Participou na realização de exames dermatológicos, com a observação microscópica de amostras recolhidas e na realização de exames oftalmológicos como a observação dos reflexos palpebral e pupilar, resposta de ameaça, teste de Schirmer, teste de fluoresceína, tonometria e exame de fundo de olho. Observou ainda eletrorretinografias e cirurgias oculares.

No serviço de oncologia foi possível ajudar na preparação e administração de quimioterápicos. No serviço de radiologia, auxiliou no posicionamento dos animais na radiografia e tomografia computadorizada com recurso a sedação, quando necessário e acompanhou os relatórios de exame. Assistiu também à realização de ecografias abdominais quer como exame complementar de diagnóstico como para a monitorização de doenças já diagnosticadas. No serviço de cirurgia a estagiária ajudou na preparação das cirurgias, na monitorização da anestesia e participou como assistente.

Nestes estágios, a estagiária teve a oportunidade de desenvolver competências médico-veterinárias, sociais e humanas fundamentais naquela que é uma profissão muito ligada às emoções e afetos. Desta forma, pensa ter adquirido uma experiência rica, diversa e com uma perspetiva entusiasmante daquele que pode vir a ser o seu papel como médica veterinária.

II.Revisão bibliográfica

1. A população canina

A população de cães (*Canis lupus familiaris*) é uma entidade dinâmica que pode ser classificada de acordo com dois critérios – a existência ou não de detentor e a sua liberdade de movimentos (ICAM 2007). Os cães com detentor podem estar sujeitos a restrição de movimentos (ao estarem num recinto vedado ou por passearem com supervisão humana) ou não, vagueando sem controlo humano os quais se considera que pertençam à subpopulação de animais errantes (ICAM 2019, Smith et al. 2019). Além destes, consideram-se também errantes os que estão perdidos (e têm também detentor), os cães comunitários (animais sem restrições de movimentos e, frequentemente, com mais do que um detentor) e os que não têm detentor e apresentam liberdade de movimentos (ICAM 2019; Smith et al. 2019).

2. O impacto dos cães errantes na sociedade

Existem aproximadamente 700 milhões de cães em todo o mundo, dos quais cerca de 75% são animais errantes, ou seja, que não apresentam restrição de movimentos e que podem, ou não, ter detentor (Smith et al. 2019). A ausência da restrição de movimentos permite que estes animais se reproduzam livremente. A necessidade de gestão populacional de animais errantes prende-se com questões de saúde pública, destacando-se o controlo da transmissão de várias zoonoses (Harhay et al. 2011; Pastoret et al. 2014; Zhang et al. 2015), mas também de segurança (Morales et al. 2011; Clarke e Fraser 2013; Akpinar et al. 2015), de bem-estar animal (Morters et al. 2014, Smith et al. 2019) assim como por problemas associados a interferência com a vida selvagem (Hughes and Macdonald 2013; Newsome et al. 2013; Doherty et al. 2017) e predação de espécies pecuárias (ICAM 2019).

A qualidade de vida de um cão errante é reduzida, particularmente daqueles que não têm detentor, em virtude de uma dieta inadequada, uma grande prevalência de fome e desidratação (Matter and Daniels 2000; HSI 2001). Carecem também de cuidados médico-veterinários e por isso são mais suscetíveis a desenvolver doenças, existindo uma alta prevalência de doenças de pele e ectoparasitas (Totton et al. 2011). Desta forma, as cinco liberdades estabelecidas pelo Conselho de Bem-Estar de Animais de Produção (FAWAC) - a liberdade de sede, fome e má-nutrição; a liberdade de dor, ferimentos e doença; a liberdade de desconforto; a liberdade para expressar comportamento natural e a liberdade de medo e *stress* - estão fortemente comprometidas nestes animais.

No âmbito da saúde pública e controlo de zoonoses, a raiva é uma das zoonoses mais preocupantes provocada por um vírus da família *Rabdoviridae*, género *Lyssavirus* que leva, anualmente, à morte de 60 000 pessoas (Hampson et al. 2015; World Health Organization

2017). Os cães são hospedeiros reservatório do vírus e são responsáveis por mais de 95% das mortes humanas causadas por mordeduras por parte destes animais (WHO 2017).

Portugal é um país oficialmente indomado de raiva e tem um Plano Nacional de Luta e Vigilância Epidemiológica da Raiva Animal e Outras Zoonoses (PNLVERAZ) que contempla um conjunto de ações de profilaxia médica e sanitária e em que estão integrados os Centros de Recolha Oficial (CRO).

A nível nacional, a gestão do bem-estar e controlo populacional de animais errantes é da competência dos centros de recolha oficial (CRO), os quais se podem definir como “um qualquer alojamento oficial onde um animal é hospedado por um período determinado pela autoridade competente” (DL 260/2012 de 12 de dezembro).

3. Os Centros de Recolha Oficial

Os CRO têm como objetivos a vigilância, controlo e prevenção de zoonoses, assim como a segurança das populações humanas através de diversas ações que incluem a recolha de animais errantes. Ao fornecer-lhes alojamento e cuidados médicos, previnem a aproximação destes animais a zonas habitacionais, garantindo simultaneamente a proteção dos elementos, alimentação, segurança e bem-estar (DGV 2010).

O seu funcionamento deve ser assegurado pela existência de pessoal com formação adequada à realização de tarefas de limpeza e manejo dos animais, assim como de equipamento apropriado à sua captura e transporte, que permitam garantir as condições de bem-estar e estado clínico e hígido-sanitário dos animais (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

Estes centros devem ainda manter, pelo prazo de um ano, o registo da identificação dos animais (número de identificação eletrónica quando aplicável, nome, espécie, raça, idade e sinais particulares) assegurando também o número de animais por espécie, o registo do movimento mensal relativo às datas de entrada e saída, os nascimentos, os óbitos, assim como a sua origem e destino (DL 260/2012 de 12 de dezembro).

3.1. Funções dos Centros de Recolha Oficial

3.1.1. Recolha e alojamento dos animais

Os CRO fazem a recolha de animais errantes, assim como agressores, acidentados ou resultantes de intervenção compulsiva, encaminhados por determinação das entidades policiais por razões de segurança pública ou por determinação da Direção-Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV) devido a questões de saúde pública ou animal, ou por ordem judicial. Podem também recolher animais mediante o requerimento por parte dos detentores que se vejam impossibilitados de manter a sua detenção por razões devidamente justificadas (como doença ou limitações físicas) (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

A detecção de um animal errante deve ser comunicada aos serviços municipais ou às entidades policiais, que procederão à sua captura e acolhimento no CRO, ou poderá ser entregue a uma dessas entidades, no caso da pessoa que o tenha observado também o tenha capturado (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

As condições de detenção e de alojamento para a acomodação dos animais de companhia devem salvaguardar os seus parâmetros de bem-estar animal, e nenhum deve ser detido se estas não estiverem asseguradas ou se não se adaptar ao cativeiro. Devem dispor de espaço adequado às suas necessidades fisiológicas e etológicas, permitindo a prática de exercício físico, a fuga e refúgio de animais sujeitos a agressão por parte de terceiros (DL 260/2012 de 12 de dezembro).

3.1.2. Esterilização

É da responsabilidade das câmaras municipais a promoção de ações de sensibilização da população para a importância da esterilização, nomeadamente através dos centros de recolha oficial. A esterilização é obrigatória para animais que tenham dado entrada nos CRO e não tenham sido reclamados pelos seus detentores no prazo de 15 dias desde a recolha, seguida de encaminhamento para adoção (Lei 27/2016, de 23 de agosto). Os animais com idade inferior a seis meses podem seguir para adoção sem antes serem esterilizados, devendo esta ser assegurada, pelos novos titulares, até aos oito meses de idade. Aqueles que forem capturados na via pública mais do que uma vez e que tenham detentor, deverão ser esterilizados no CRO, sendo as despesas a cargo dos respetivos detentores (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

3.1.3. Programas de captura, esterilização e devolução (CED)

Neste âmbito, estes centros desenvolvem e implementam programas de captura, esterilização e devolução (CED) que visam a gestão da população de gatos errantes. Os programas CED, consistem na manutenção de colónias em locais designados para o efeito, autorizados pelas câmaras municipais sob parecer do médico veterinário municipal. Os animais capturados são esterilizados, marcados com um corte na orelha esquerda, registados e identificados eletronicamente, desparasitados e vacinados contra a raiva. Estes animais são periodicamente avaliados sob o ponto de vista clínico e os que forem portadores de doenças transmissíveis a outros animais ou seres humanos são retirados da colónia (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

3.1.4. Identificação eletrónica

A identificação dos animais de companhia é uma medida muito importante na prevenção do abandono. Em Portugal, segundo o Decreto-Lei 260/2012 de 12 de dezembro, entende-se por abandono de animais de companhia “a não prestação de cuidados no alojamento, bem como a sua remoção efetuada pelos detentores para fora do domicílio ou dos locais onde costumam estar mantidos, com vista a pôr termo à sua detenção, sem que procedam à sua transmissão para a guarda e responsabilidade de outras pessoas, das autarquias locais ou das sociedades zoófilas”.

Desta forma, a identificação eletrónica permite estabelecer a ligação entre o animal e o seu detentor, possibilitando a responsabilização do mesmo pelo cumprimento dos parâmetros de bem-estar, sanitários e legais e agilizando a devolução do animal ao detentor, em caso de fuga ou perda.

Em 2003 com a publicação do Decreto-Lei 313/2003 de 17 de dezembro, foi criado o Sistema de Identificação de Caninos e Felinos (SICAFE) que estabelecia as exigências da identificação eletrónica e registo de cães e gatos. Neste decreto-lei estava descrito que os cães perigosos ou potencialmente perigosos, os utilizados em atos venatórios e os de exposição para fins comerciais ou lucrativos deveriam ser identificados e registados entre os 3 e os 6 meses a partir de 1 de julho de 2004. A obrigatoriedade para os restantes cães de companhia só seria aplicada para os que nasceram a partir de 1 de julho de 2008. Acerca dos gatos, a obrigação de identificação ficaria afixada numa data a definir. A par deste modelo de registo e identificação de animais, existia desde 1992, por iniciativa privada, o Sistema de Identificação e Recuperação Animal (SIRA) que tinha como finalidade facilitar a recuperação de animais perdidos e encontrados por terceiros, mas que eram introduzidos de forma voluntária.

De forma unir as duas bases de dados criou-se em 2019 o Sistema de Informação de Animais de Companhia (SIAC) (DL 82/2019 de 27 de junho) que tornou obrigatória a identificação e registo de cães, gatos e furões. Atualmente, este procedimento deverá ser realizado até 120 dias após o nascimento destes animais ou no caso de entrada em território nacional destes animais por período superior a 120 dias. Este sistema inclui também toda a informação sanitária do animal.

3.1.5. Tratamentos, controlo de zoonoses e quarentena

Os animais recolhidos são avaliados por médico veterinário, procedendo-se aos tratamentos necessários para garantir o seu bem-estar e salubridade, de forma a poderem ser alojados e cedidos para adoção, incluindo desparasitação e vacinação obrigatórias (Portaria 146/2017 de 26 de abril). Esta inclui a antirrábica, obrigatória em cães com mais de três meses de idade e a título voluntário em gatos e outras espécies sensíveis. É também

nos CRO ou noutros locais de hospedagem devidamente autorizados que se faz o sequestro de animais agressores ou agredidos que não estejam devidamente vacinados contra a raiva, com a duração de pelo menos 15 dias. No final desse período sendo eliminada a suspeita de raiva, o animal deve ser vacinado (Portaria 264/2013 de 16 de agosto).

3.1.6. Animais perigosos e potencialmente perigosos

Os CRO recebem também os animais que tenham causado ofensa à saúde ou ao corpo de uma pessoa, tenham ferido gravemente ou morto outro animal. Nesta situação é atualizada a informação na ficha individual do animal constante da base de dados competente, sendo o detentor notificado para, no prazo de 15 dias, apresentar a documentação necessária referida no nº2 do artigo 5º, de forma a determinar a classificação deste como perigoso (Lei 46/2013 de 4 de julho).

Define-se como animal perigoso “um animal que tenha mordido, atacado ou ofendido o corpo ou a saúde de uma pessoa (...) que tenha ferido gravemente ou morto um outro animal fora da propriedade do seu detentor (...) tenha sido declarado voluntariamente pelo seu detentor como tendo um carácter e comportamento agressivos” ou “que tenha sido considerado por uma autoridade competente como um risco para a segurança de pessoas ou animais pelo comportamento agressivo ou especificidade fisiológica”. Por sua vez, os animais potencialmente perigosos são designados como: “qualquer animal que, devido às suas características da espécie, ao comportamento agressivo, ao tamanho ou à potência de mandíbula, possa causar lesão ou morte a pessoas ou outros animais, nomeadamente cães pertencentes às raças potencialmente perigosas previamente definidas, bem como os cruzamentos de primeira geração destas, cruzamentos destas entre si ou com outras raças, obtendo assim uma tipologia semelhante a algumas raças referidas como potencialmente perigosas” (DL 315/2009 de 29 de outubro). Em Portugal as raças potencialmente perigosas são o Cão de Fila Brasileiro, Dogue Argentino, *Pit bull Terrier*, *Rottweiler*, *Staffordshire Terrier* Americano, *Staffordshire Bull Terrier* e *Tosa Inu* (Portaria 422/2004 de 24 de abril).

3.1.7. Adoção

A cedência de animais para adoção pode ser feita findo o prazo de reclamação de 15 dias após entrada do animal no CRO. É imputado a este último a identificação e registo do animal na base de dados nacional em nome do adotante, a vacinação obrigatória e tratamentos antiparasitários adequados antes da sua saída (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

3.1.8. Occisão e eutanásia

Nos termos da Lei 27/2016 de 23 de agosto, é proibida a ocasião de animais por motivos de sobrelotação ou de incapacidade económica, exceto por razões relacionadas com o estado de saúde ou o comportamento dos mesmos.

A ocasião nos CRO só pode ser realizada por um médico veterinário em situações de exceção muito concretas. Entre estas enquadram-se os casos de ofensa grave à integridade física de uma pessoa, devidamente comprovada por relatório médico; se existir um comportamento agressivo ou assilvestrado que comprometa a socialização com pessoas ou outros animais e a cedência/adoção dos mesmos ou em caso de serem portadores de zoonoses ou outras doenças infetocontagiosas, em que a sua permanência no CRO é uma ameaça à saúde animal e/ou saúde pública (Portaria 146/2017 de 26 de abril).

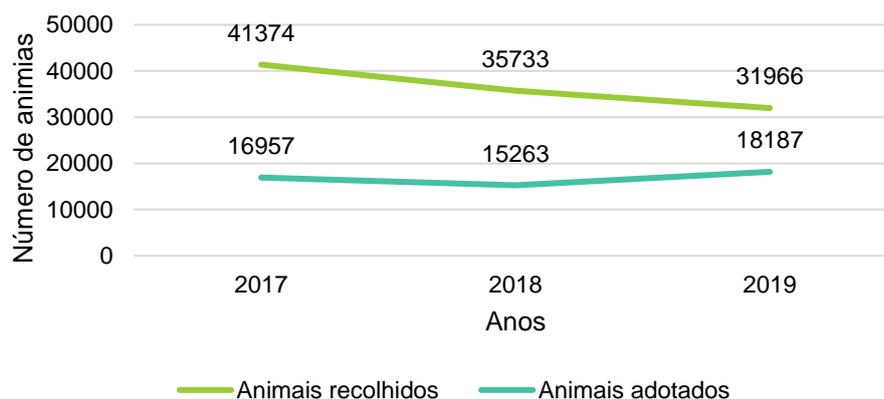
A eutanásia pode ser efetuada nos CRO por um médico veterinário no caso comprovado de doença incurável ou quando se demonstrar ser a única via para eliminar a dor e o sofrimento irrecuperável do animal. Tanto a eutanásia, como o abate ou ocasião devem induzir a morte do animal através de métodos que garantam a ausência de dor e sofrimento, devendo ser imediata, indolor e respeitando a dignidade do animal (Lei 27/2016 de 23 de agosto).

3.2. A situação em Portugal e Lisboa em particular

Em 2019 estimou-se que cerca de 85 milhões de famílias detinham, pelo menos, um animal de companhia na União Europeia e que 25% tinham um cão. O mesmo estudo apontou para a existência de aproximadamente 2 050 000 cães em Portugal (FEDIAF 2019).

Estima-se que, por ano, cerca de trinta mil animais de companhia sejam acolhidos em CRO, dos quais apenas 35% são adotados (DGAV 2020). O gráfico 1 sumariza o total de animais recolhidos e adotados nos anos 2017, 2018 e 2019 em Portugal, de acordo com o relatório anual no âmbito da Lei 27/2016 de 23 de agosto da Assembleia da República (DGAV 2020). Estes dados apontam para um decréscimo dos animais recolhidos e um aumento dos animais adotados no ano de 2019 relativamente aos anos anteriores.

Gráfico 1- Total de animais recolhidos e adotados nos anos 2017, 2018 e 2019 em Portugal.



Os animais recolhidos são todos os cães e gatos que entraram no CRO: errantes (com e sem detentor), abandonados, vítimas de maus-tratos, agressores, ou provenientes de recolhas compulsivas. Os animais adotados são os animais que, não tendo detentor ou não tendo sido reclamados, foram cedidos em processo de adoção (DGAV 2018, 2019, 2020).

O mesmo relatório reporta também um aumento dos animais esterilizados e um decréscimo do número de animais eutanasiados e vacinados ao longo desses três anos (DGAV 2020). A Tabela 1 inclui os dados relativos aos animais que deram entrada em CRO na região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT).

Tabela 1- Animais recolhidos, adotados, eutanasiados, esterilizados e vacinados na região de Lisboa e Vale do Tejo (LVT).

DSAVR LVT ^a	Recolhidos	Adotados	Eutanasiados	Esterilizados	Vacinados
2017	9112	5038	1357	5287	22854
2018	9052	4703	949	5885	14232
2019	8989	5265	593	8331	12550

Notas: ^a – DSAVR- Direção de Serviços de Alimentação e Veterinária; LVT- Lisboa e Vale do Tejo

4. Fatores de risco associados ao abandono e insucesso das adoções

Existe um elevado número de animais recolhidos pelos CRO e abrigos em todo o mundo (AHA 2013; DGAV 2020). Estudos revelam que 7 a 20% dos que são admitidos nestes centros provêm de adoções sem sucesso (Powell et al. 2021). Assim, têm sido realizados vários estudos no sentido de compreender quais os fatores de risco associados ao abandono e insucesso das adoções e encontrar soluções que permitam reduzir esta realidade. Estes fatores estão relacionados com componentes humanas e não humanas (Salman et al. 1998; Carter and Taylor 2017).

4.1. Fatores humanos

Os fatores humanos podem constituir mais de 85% dos motivos de abandono (Carter and Taylor 2017; Hemy et al. 2017). Estes incluem a idade, o sexo, o rendimento, a educação, o contexto habitacional dos detentores, mudanças do estilo de vida, questões de saúde, custo e origem do animal de companhia, desconhecimento sobre animais de companhia e suas necessidades (Kidd et al. 1992; Patronek et al. 1996; Salman et al. 1998; Scarlett et al. 1999; New et al. 2000; Shore et al. 2003; Marston et al. 2004; Shore 2005; Diesel et al. 2010; Lambert 2014; Dolan et al. 2015; Weiss et al. 2015; Carter and Taylor 2017; Hemy et al. 2017).

Alguns estudos indicam que quanto mais velho o detentor, menor a probabilidade de abandono (Salman et al. 1998; New et al. 2000; Diesel et al. 2008). Segundo New et al. (2000) o risco é maior por parte de pessoas com menos de 50 anos.

O sexo dos detentores não reúne consenso (Dolan et al. 2015), com estudos apontando para um maior risco de abandono ora por parte de mulheres (Scarlett et al. 1999), ora por parte de homens (Kidd et al. 1992; New et al. 2000), ora indicando um igual risco para ambos os sexos (Salman et al. 1998).

As componentes económica e social estão também frequentemente interligadas e associadas ao abandono, mas podem variar consoante o estudo e área geográfica analisada (Weiss et al. 2014; Carter and Taylor 2017; Protopopova and Gunter 2017). Estas dizem respeito aos rendimentos absolutos do agregado, os custos inerentes aos cuidados com os animais, fatores como a precariedade, flutuações no mercado de trabalho ou instabilidade na habitação (AHA 2013; Weiss et al. 2014; Dolan et al. 2015; Carter and Taylor 2017). As regiões e comunidades em risco são aquelas cujos rendimentos são mais baixos (AHA, 2013).

Alguns autores sugerem que o risco de abandono aumenta quando o custo de aquisição do animal é zero ou muito baixo (New et al. 2000; Shore et al. 2003).

Estudos sugerem que existe maior risco de abandono e devolução por parte de pessoas com habilitações literárias inferiores (Salman et al. 1998; Scarlett et al. 1999; New et al. 2000; AHA 2013, Weiss et al. 2014).

Em relação à associação entre o tipo de habitação e o tempo de detenção de um animal, segundo Mondelli e colaboradores (2004), os adotantes que moram em apartamentos mantêm os seus cães por um tempo significativamente inferior aos que vivem em moradias. O arrendamento e a existência de casas com restrições impostas pelos senhorios são fatores associados ao risco de abandono (AHA, 2013). Alguns autores apontam para um maior risco de abandono associado a cães que vivem maioritariamente no exterior da habitação do que exclusivamente no interior ou em ambientes mistos (Patronek et al. 1996; Salman et al. 1998; New et al. 1999; Kwan and Bain 2013).

A composição do agregado familiar parece também exercer alguma influência no risco de abandono, havendo uma maior probabilidade de insucesso das adoções por parte de

famílias com crianças de idade inferior a 10 anos (Kidd et al. 1992; Miller et al. 1996; Mondelli et al. 2004; Diesel et al. 2008; AHA 2012), o que aparentemente se deve a uma maior incidência de problemas comportamentais, nomeadamente de episódios de agressão por parte dos animais (Miller et al. 1996, Messam et al. 2018). A existência de muitos animais no mesmo agregado também se revelou um fator de risco (Salman et al. 1998; Shore 2005; AHA 2013; Hemy et al. 2017).

O insucesso das adoções pode ainda estar relacionado com o desconhecimento dos comportamentos naturais e expectativas desajustadas sobre o compromisso que é necessário assumir (Kidd et al. 1992; Houpt et al. 1996; Salman et al. 1998; Marston and Bennett 2003; Diesel et al. 2008, 2010; Coe et al. 2014; Mohan-Gibbons and Weiss 2015; Hawes et al. 2020) especialmente por parte de detentores sem experiência (Kidd et al. 1992; Wells and Hepper 2000). Quanto mais tempo o detentor estiver com o animal, menor é o risco de abandono, sobretudo a partir dos dois ou mais anos de coabitação (New et al. 2000; Hemy et al. 2017).

4.2. Fatores não humanos

Os fatores de risco relacionados com a componente não humana incluem problemas comportamentais, o sexo, o porte, a raça, a idade, e o estado de saúde do animal (DiGiacomo et al. 1998; Scarlett et al. 1999, 2002; New et al. 2000; Shore et al. 2003; Irvine 2003; Marston et al. 2005a; AHA 2013; Dolan et al. 2015; Carter and Taylor 2017).

As causas mais comuns de restituição dos animais adotados são problemas de comportamento e temperamento (Wells and Hepper 2000; Scarlett et al. 2002; Mondelli et al. 2004; Shore 2005; Marston et al. 2005; Diesel et al. 2008; Bollen and Horowitz 2008; Hawes et al. 2020; Powell et al. 2021). Segundo Lepper e colaboradores (2002), cães entregues a um CRO por problemas comportamentais têm menor probabilidade de serem adotados, e os que o são têm maior predisposição para serem novamente devolvidos (Mondelli et al. 2004; Shore 2005; Diesel et al. 2008), principalmente durante o primeiro mês (New et al. 2000; Wells and Hepper 2000; Marston and Bennett 2003; Shore 2005).

Os comportamentos percebidos como inadequados podem assumir várias formas: coprofagia, defecar/urinar em contexto inapropriado, hiperatividade, comportamentos predatórios ou destrutivos, vocalização excessiva, medo, fugas ou até agressão direcionada a outros animais ou seres humanos (Wells and Hepper 2000; Mondelli et al. 2004; Horwitz e Neilson 2007).

A incompatibilidade com animais já existentes e crianças foi registada como um dos problemas de comportamento mais associados ao abandono (Shore 2005; Powell et al. 2021).

A agressão é um dos problemas comportamentais mais descritos (New et al. 2000; Wells and Hepper 2000, Keuster et al. 2006; Hawes et al. 2020) e uma das principais causas de abandono (Keuster et al. 2006; Fatjó et al. 2007). Esta parece ser mais prevalente em

machos (Oxley et al. 2018; Messam et al. 2018; Cannas et al. 2018; Caffrey et al. 2019; Notari et al. 2020), talvez por uma natureza mais competitiva (Scandurra et al. 2018; Cannas et al. 2018).

Segundo alguns autores, os cães de porte pequeno têm maior predisposição para provocar mordeduras, dada uma maior reatividade do que a apresentada por cães de porte maior (Guy et al. 2001; Cornelissen and Hopster 2010; Messam et al. 2012, 2018). Por outro lado, animais de grande porte têm tendência para provocar mordeduras de grande gravidade (Rezac et al. 2015; Morzycki et al. 2019).

Relativamente às raças mais predispostas a episódios de agressão, os resultados são diversos. Investigadores em Espanha verificaram que, os Pastores Alemães e cães sem raça definida, foram responsáveis pela maioria das agressões, sendo que os da “lista de cães perigosos” como o *American Staffordshire Terrier* e *Pit bull* apenas provocaram um pequeno número de casos (Rosado et al. 2009). Por outro lado, as raças *Pit bull* e *Rottweiler* foram as que mais provocaram a morte de seres humanos durante algumas décadas nos Estados Unidos da América (EUA) (Sacks et al. 2000; Kaye et al. 2009). Bettencourt (2013) indicou que, na Área Metropolitana de Lisboa, os cães de raça indeterminada, os *Staffordshire Bull Terriers*, os Dálmatas e os Podengos Portugueses foram os mais regularmente responsáveis por episódios de agressão.

Sendo os problemas comportamentais uma das maiores causas de restituição, a reabilitação através de um programa de treino previamente à sua adoção (Marston and Bennett 2003; Carter and Taylor 2017) e uma introdução faseada aos membros da família antes da adoção definitiva (Shore 2005) seriam estratégias para a prevenção destes problemas. Uma das ferramentas utilizadas, atualmente, para compreender a origem de problemas comportamentais em cães tem sido a utilização de questionários sobre a personalidade / temperamento caninos, como é o caso do *Canine Behavioral Assessment and Research Questionnaire* (C-BARQ) (Duffy and Serpell 2012). Este questionário avalia diferentes dimensões comportamentais como a agressão, medo e facilidade de treino, permitindo a identificação de certas características da personalidade que podem comprometer a díade cão-ser-humano (Duffy e Serpell 2012; Canejo-Teixeira 2020). Desta forma, poderá definir-se o tratamento mais apropriado para o animal na prática clínica e desenvolver estratégias que permitam encontrar os detentores certos para os cães no contexto da medicina de abrigo, prevenindo o abandono e adoções sem sucesso (Canejo-Teixeira 2020).

A proporção de machos admitidos nos abrigos é maior em alguns estudos (Marston et al. 2004, 2005; Cannas et al. 2014, Fatjó et al. 2015; Zak et al. 2015; Talamonti et al. 2018), enquanto noutros o número é praticamente igual (Salman et al. 1998; Hemy et al. 2017). No entanto, independentemente do sexo, parece haver um maior risco de abandono quando são

animais sexualmente intactos (Patronek et al. 1996; Salman et al. 1998; New et al. 2000; Marston et al. 2004, 2005; AHA 2013).

Relativamente ao porte, em alguns centros houve maior admissão de animais de porte médio (cerca de 45%) (Diesel et al. 2010; Fatjó et al. 2015; Hemy et al. 2017), enquanto noutros a de cães de porte pequeno (cerca de 42%) foi mais prevalente (Marston et al. 2004). Estes resultados podem dever-se a diferenças de popularidade das raças, da densidade populacional e proximidade a outros abrigos (Diesel et al. 2010).

A identificação das raças nos canis é, frequentemente, baseada na aparência física dos animais (Voslarova et al. 2015), podendo levar a uma classificação errónea e inconsistente (Voith et al. 2009; Olson et al. 2015; Protopopova and Gunter 2017). Vários estudos registaram que a maioria das admissões de cães (60 a 95%) eram de raças indeterminadas e que este era um fator de risco de abandono (Salman et al. 1998; New et al. 2000; Shore 2005; AHA 2013; Voslarova et al. 2015; Barnard et al. 2015; Fatjó et al. 2015; Hemy et al. 2017; Protopopova and Gunter 2017; Gunter 2018; Talamonti et al. 2018).

Vários estudos indicam que, a maior parte dos animais admitidos, têm menos de 2 anos (Patronek et al. 1995; Miller et al. 1996; New et al. 2000; Bollen and Horowitz 2008; Barnard et al. 2015; Hemy et al. 2017, Protopopova and Gunter 2017; Carter and Taylor 2017; Talamonti et al. 2018) apesar das suas idades exatas serem difíceis de determinar (Protopopova and Gunter 2017). Segundo Carter e Taylor (2017), mais de metade dos animais abandonados nos abrigos investigados eram recém-nascidos.

Estudos indicam que há um maior risco de insucesso na adoção quanto mais novo for o cão (New et al. 2000; Weng et al. 2006). Por outro lado, está também descrita uma maior taxa de abandono em animais adotados com mais de seis meses (Patronek et al. 1996; Salman et al. 1998).

5. Adoção- Caraterísticas dos adotantes e animais adotados

A adoção de animais é uma ação que se pretende responsável em que o bem-estar do animal deve ser assegurado através da garantia de acesso a água e alimentação e cuidados médico-veterinários, incluindo medidas profiláticas de vacinação e identificação previstas na lei (Lei 8/2017 de 3 de março).

Por animais adotados entende-se aqueles que, não tendo detentor, ou não tendo sido reclamados, foram cedidos em processo de adoção (DGAV 2020). O titular pode ser uma pessoa singular ou coletiva (DL 314/2003 de 17 de dezembro).

As motivações evocadas pelo público para a adoção de animais são diversas, nomeadamente: a morte ou outro tipo de perda (ex. fuga) de um animal anterior, o sentimento de pena e a vontade de retirar animais de abrigos, o desejo de adquirir uma companhia para

si e/ou para crianças e outros animais já existentes no contexto habitacional (Němcová and Novák 2003; Maddalena et al. 2012; Reese et al. 2016).

Os cães que entram nos CRO ficam em competição pelo espaço e pela adoção. Uma forma de diminuir a sobrepopulação e aumentar a eficiência das adoções consiste em identificar as características dos adotantes e dos animais procurados por estes e alocar recursos para a potencializar a adoção desses animais (Cain et al. 2020).

5.1. Fatores associados à detenção de cães

Alguns estudos têm sido conduzidos no sentido de caracterizar as pessoas que possuem cães de forma a conseguir prever a probabilidade de adoção pelos diferentes visitantes. Algumas características estudadas incluem o sexo, o rendimento, as qualificações acadêmicas, a experiência prévia com cães e as condições da habitação.

Alguns estudos demonstram que as mulheres têm uma maior predisposição para acolher cães a partir de canis ou abrigos (Normando et al. 2006; Lam and Wu 2011; Reese et al. 2016, 2017; Vodičková et al. 2019). Segundo Westgarth et al (2007), agregados familiares com mulheres têm duas vezes mais probabilidade de ter um cão.

Relativamente aos rendimentos, não existe um consenso (Holland 2019). Alguns autores referem que, a detenção de cães, é mais frequente por quem possui rendimentos mais elevados (Marston et al. 2005a; Dotson and Hyatt 2008; Saunders et al. 2017). No entanto, Marsa-Sambola et al. (2016) indicaram que, os adolescentes de famílias com altos rendimentos, tinham menor predisposição para ter um cão e Murray et al. (2010) não encontraram qualquer relação entre os rendimentos e a detenção de um.

Estes últimos autores referiram também que famílias com qualificações académicas mais elevadas tinham menor probabilidade de ter um cão, o que pode ser explicado por trabalhos com qualificações superiores exigirem mais horas de trabalho e menos tempo disponível. No mesmo estudo, verificou-se que a probabilidade de ter um cão era tanto maior quanto maior o número de pessoas do agregado familiar.

A presença de crianças parece também exercer um papel importante na detenção de cães (Westgarth et al. 2007; Downes et al. 2009; Murray et al. 2010). Agregados com crianças até 10 anos têm cerca de metade da probabilidade de ter um cão (Murray et al. 2010). Alguns estudos registaram uma maior probabilidade de ter um cão por parte de famílias com crianças em idade escolar (5-19 anos) (Westgarth et al. 2007; Downes et al. 2009) e jovens adultos (20-29 anos) (Westgarth et al. 2007). Downes et al. (2009) sugerem que uma causa seja a pressão social das crianças pelos seus colegas e a influência destas na tomada de decisão dos pais.

Também a experiência prévia com cães surge como um fator importante para a decisão e sucesso da adoção (Němcová and Novák 2003; Tesfom and Birch 2013; Holland

2019). Existe uma grande prevalência de detentores de animais que tiveram animais de companhia enquanto crianças (Marston et al. 2005; Westgarth et al. 2010; Reese et al. 2016).

Segundo Marston et al. (2005), os animais de porte maior e os mais ativos eram mais facilmente adotáveis nos canis rurais, comparado com os localizados nas zonas mais urbanas. Downes et al. (2009) indicaram também que a detenção de cães está associada à localização da habitação, registando-se uma maior probabilidade de os ter em casas localizadas em zonas rurais do que em urbanas, possivelmente por não apresentarem as restrições de espaço inerentes a um apartamento (Downes et al. 2009). No entanto, Westgarth et al. (2007) não encontraram uma associação entre o tipo de habitação e a detenção de cães.

5.2. Características procuradas pelos adotantes

Os critérios para adoção de um cão são subjetivos, variam entre diferentes estudos e podem incluir o seu temperamento, aparência, saúde, raça, idade, porte, sexo, cor e comportamento (Patronek et al. 1995; Lepper et al. 2002; Marston et al. 2005; Winograd 2009; Weiss et al. 2012; Brown et al. 2013; Svoboda and Hoffman 2015). Num estudo de Wells e Hepper (1992), a raça, a idade, o porte e a cor não havia diferença estatisticamente significativa entre os que foram adotados e o que não foram. Posagem et al. (1998), por outro lado indicam que animais de raças puras, porte pequeno e certas cores de pelo estão associadas a uma maior probabilidade de ser adotados. Esta diferença pode resultar do método ou simplesmente da população avaliada em cada estudo (Weiss et al. 2012).

A aparência física é uma das condicionantes mais importantes na escolha dos adotantes (Weiss et al. 2012, 2014; Protopopova et al. 2012; Garrison et al. 2014; Cain et al. 2020). Alguns estudos revelam diferenças significativas entre as populações de diferentes países na escolha do cão ideal (Kidd et al. 1992; King et al. 2009; Diverio et al. 2016).

A respeito do porte, vários autores indicam que os cães de porte pequeno são os mais selecionados e tendem a ser adotados mais rapidamente relativamente aos de porte médio e grande (Posage et al. 1998; Lepper et al. 2002; Marston et al. 2005; Diesel et al. 2007; DeLeeuw 2010; Protopopova et al. 2012, 2014; Brown et al. 2013; Sietou et al. 2014; Svoboda and Hoffman 2015; Zak et al. 2015; Sinski et al. 2016). Outros estudos mostram que não só o porte pequeno, como o médio são preferidos em relação ao grande (Patronek 1995; Cannas et al. 2014), possivelmente devido a preocupações relacionadas com a habitação (Shore et al. 2003; Brown et al. 2013, Vodičková et al. 2019; Cain et al. 2020), com o custo de manutenção e a força física (Vodičková et al. 2019) e com possíveis acidentes com crianças (Messam et al. 2018) ou outros animais (Clancy and Rowan 2003). Na Austrália, dá-se preferência a animais de porte médio (Bennett and Rohlf 2007; King et al. 2009). Alguns estudos apontam para uma preferência significativa por cães de porte pequeno por mulheres e de grande por homens (King et al. 2009; Vodičková et al. 2019), não se tendo verificado

diferenças estatisticamente significativas relativamente ao porte médio (Vodičková et al. 2019).

O tempo de estadia de um cão num abrigo aumenta com o avançar da idade, sendo os cachorros os mais rapidamente adotados (Diesel et al. 2007; Cannas et al. 2014; Garrison and Weiss 2014; Goleman et al. 2014; Sietto et al. 2014; Protopopova et al. 2014; Svoboda and Hoffman 2015; Zák et al. 2015; Kay et al. 2018; Holland 2019; Cain et al. 2020). Várias justificações têm sido sugeridas, como a aparência dos cachorros, a percepção de que estes não possuem, à partida, maus hábitos e o desejo de experienciar esta fase da vida do seu animal (Holland 2019). O risco de problemas de saúde e custos médico-veterinários por parte dos animais mais velhos também pode justificar essa preferência (Clancy and Rowan 2003). O estado de saúde dos animais revelou ser um critério de adoção relevante (King et al. 2009; Diverio et al. 2016), por vezes mais importante do que o comportamento (Weiss et al. 2012). Lepper et al. (2002) relataram que animais entregues devido a problemas de saúde tinham menor probabilidade de adoção do que os restantes.

Vodičková et al. (2019) indicaram que a grande maioria dos cães adotados (90%) tinham menos de 5 anos e eram igualmente adotados por ambos os sexos. No entanto, mais velhos parecem ser predominantemente adotados por mulheres (Diverio et al. 2016; Vodičková et al. 2019).

Pensa-se que o efeito da raça no tempo de permanência dos cães nos abrigos possa ser confundido com o porte do animal (Brown et al. 2013). Enquanto alguns autores destacam um menor tempo de permanência de raças de porte pequeno (Lepper et al. 2002; DeLeeuw 2010; Protopopova et al. 2014; Svoboda and Hoffman 2015; Kay et al. 2018), Brown et al. (2013) verificaram um tempo menor para raças gigantes.

Apesar de alguns estudos revelarem a preferência dos adotantes por raças puras (Patronek, 1995; Posage et al. 1998; Lepper et al. 2002; Diesel et al. 2007; DeLeeuw 2010; Sietto et al. 2014); outros apontam para uma maior taxa de adoção de animais de raça indeterminada, comparando com animais que apresentavam algum sinal de uma raça específica (Němcová and Novák 2003; Kay et al. 2018). Esta discrepância pode dever-se a diferenças regionais, de preferência e/ou disponibilidade das raças (Brown et al. 2013). Alguns autores verificaram que as raças do tipo *Pit bull* (*American Bully*, *American Pit Bull Terrier*), *American Staffordshire Terrier* e *Staffordshire Bull Terrier* tiveram tempos de permanência superiores à maioria das restantes (Lepper et al. 2002; Brown et al. 2013; Svoboda and Hoffman 2015; Gunter et al. 2016, Raudies et al. 2021) e foram consideradas menos adotáveis (Lepper et al. 2002). Alguns estudos indicam que os homens preferem cães de raça pura (King et al. 2009; Diverio et al. 2016) e que as mulheres preferem os de raça indeterminada (Diverio et al. 2016).

As mulheres indicaram também ter mais disponibilidade para se dedicarem ao animal (King et al. 2009; Diverio et al. 2016); e os homens para gastar mais dinheiro (King et al. 2009).

Segundo Reese et al. (2016), pessoas com habilitações literárias superiores estavam mais predispostas a adotar animais de abrigos e raças indeterminadas, enquanto pessoas com habilitações literárias inferiores procuravam cães com cruzamento de *Pit bull* e raças puras.

Relativamente à influência do sexo do animal na adoção, vários estudos têm indicado uma preferência por fêmeas, as quais apresentam um menor tempo de estadia nos abrigos (Lepper et al, 2002; Mondelli et al. 2004; DeLeeuw, 2010; Cannas et al. 2014; Sietou et al. 2014; Svoboda and Hoffman 2015; Žák et al. 2015; Sinski et al. 2016, Raudies et al. 2021), ao contrário de Soto et al. (2005) que observaram uma maior saída de animais do sexo masculino. Os inquiridos justificaram esta escolha com a possibilidade de as fêmeas originarem ninhadas indesejadas e por considerarem que os machos seriam mais fáceis de cuidar (Soto et al. 2005). Já Brown et al. (2013) não verificaram diferenças significativas na preferência do sexo do animal em cachorro, e Němcová e Novák (2003) indicaram também que o sexo não influenciou a adoção.

Alguns autores têm ainda registado que mulheres preferem fêmeas e homens preferem machos (Normando et al. 2006; Diverio et al. 2016) outros apontam para uma preferência pelo sexo oposto (King et al 2009); e outros indicam indiferença (Vodičková et al. 2019).

Em alguns estudos, os animais esterilizados foram preferidos aos inteiros (Lepper et al. 2002; Clevenger and Kass 2003; Marston et al. 2004; Brown et al. 2013). No entanto, o facto da esterilização prévia à adoção ser uma prática comum dos canis pode tornar o sexo e a fertilidade do animal características menos importantes para os adotantes (Protopopova and Gunter 2017; Vodičková et al. 2019).

No que se refere ao tamanho do pelo, o comprido é indicado como o preferido por alguns autores (Wells and Hepper 1992; Sietou et al. 2014; Protopopova et al. 2014), e o curto por outros (King et al. 2009).

A cor no processo de adoção revelou-se uma característica importante para alguns autores (Posage et al. 1998; Lepper et al. 2002; Diesel et al. 2007; Goleman et al. 2014, Svoboda and Hoffman 2015), mas irrelevante para outros (Němcová and Novák 2003; King et al. 2009, Protopotova et al. 2012, 2014; Brown et al. 2013; Diverio et al. 2016). Alguns indicaram existir um menor tempo até a adoção de cães com cores mais claras (Posage et al. 1998; Lepper et al. 2002). Algumas das cores preferenciais são o amarelo, o cinzento e o branco (Posage et al. 1998; Diesel et al. 2007; DeLeeuw 2010; Svoboda and Hoffman 2015, Kay et al. 2018). Estudos mostraram que os animais com um padrão tigrado demoram mais tempo a ser adotados (Lepper et al. 2002; DeLeeuw 2010; Svoboda and Hoffman 2015, Kay

et al. 2018), assim como os multicolores (Svoboda and Hoffman 2015) e os pretos (Lepper et al. 2002; DeLeeuw 2010).

A ideia de que existe uma taxa de adoção baixa de cães pretos, quando comparados com os de outras cores por existir uma conotação negativa relativamente à cor preta denomina-se por “Síndrome do Cão Preto” (do inglês *Black Dog Syndrome*) (Leonard 2011). No entanto, segundo Svoboda e Hoffman (2015), o tempo médio de permanência nos abrigos por parte destes animais não é significativamente mais longo do que o de cães com outras cores. Goleman et al. (2014) verificaram que, apesar desta cor ser associada a uma maior agressividade, os cães pretos foram adotados mais frequentemente do que os cães de outras cores. Também Sinski et al. (2016) observaram uma menor probabilidade de adoção em cães integralmente pretos, comparando com os com pelagem preta secundária ou ausente, mas a diferença não era significativa. Por fim, Vodičková et al. (2019) registaram que a cor castanha foi significativamente mais selecionada por mulheres e a cor preta com manchas escuras (preto malhado de castanho, cinzento ou fulvo) por homens.

A associação entre a cor e o destino do animal não é uma associação linear, mas sim multifatorial (Sinski et al. 2016). Segundo alguns autores, a idade e a raça têm mostrado ser melhores indicadores do tempo até à adoção do que a cor (Lepper et al. 2002, Protopopova et al. 2012, Brown et al. 2013; Svoboda and Hoffman 2015). Sinski et al. (2016) sugerem que além da raça, também o seu grau de pureza e o porte são melhores indicadores do destino do animal do que a cor do pelo.

O temperamento dos animais pode ser um fator a considerar na seleção (Wells and Hepper 1992; Weiss et al. 2012). Os adotantes preferem cães amigáveis, brincalhões, afetuosos, obedientes, sociáveis, cooperantes, enérgicos, mas também calmos e que não sejam agressivos (Wells and Hepper 1992; Wright et al. 2007; King et al. 2009; Weiss et al. 2012; Protopopova and Wynne 2014). A preferência por um animal seguro para as crianças e sociável para outros cães também é destacada (Sietou et al. 2014; Reese et al. 2016).

King et al. (2009) notaram ainda que as mulheres preferiam cães mais calmos, obedientes, sociáveis e não agressivos, enquanto homens selecionavam os mais enérgicos, protetores e fieis.

III. Caracterização dos fatores associados à adoção e abandono de animais errantes na cidade de Lisboa

1. Introdução

A Casa dos Animais de Lisboa é um Centro de Recolha Oficial e, como tal, desempenha ações importantes no âmbito do controlo populacional, prevenção do abandono e promoção da adoção responsável.

Nos abrigos, apesar de todos os esforços para que os animais estejam nas melhores condições, existem vários fatores de *stress* como sons ruidosos, restrição de movimentos e isolamento social, que comprometem o seu bem-estar (Taylor and Mills 2007). Para além disso, estudos demonstram que um tempo de permanência longo num abrigo aumenta o risco de doença (Pesavento and Murphy 2014).

Desta forma, torna-se essencial a prevenção do abandono, a promoção do bem-estar destes animais e a redução do seu tempo de permanência nos abrigos, assim como a promoção da sua adoção.

Num estudo realizado em 2016 por Protopopova e Wynne os centros de recolha que apresentavam os animais com as características morfológicas preferenciais foram visitados 30% mais frequentemente do que outros, registando nove vezes mais adoções.

Segundo Garrison e Weiss et al. (2014), mais de metade das pessoas que consideravam adotar um animal de companhia indicaram que estavam dispostas a deslocar-se a um abrigo para obter um e 40% aceitavam fazer mais de 95 Km para o efeito. No entanto, se soubessem que o abrigo não tinha o animal que procuravam, quase metade iria esperar ou mudar a sua decisão.

As principais razões que para não visitar abrigos eram a procura por um animal de raça pura ou por pensarem que no abrigo não existia o tipo de animal de companhia que procuravam (Maddalena et al. 2012). Desta forma, Kay et al. (2018) e Garrison e Weiss (2014) salientam a importância do desenvolvimento de programas de transferência de cães entre abrigos, que permitam a disponibilização de uma variedade de animais ajustada à procura em cada abrigo e uma maior eficiência da adoção.

A caracterização dos animais admitidos em abrigos e dos visitantes pode ser uma ferramenta útil neste processo, ao permitir estabelecer uma ponte entre o que a população procura e os animais disponíveis, potenciando as visitas e o sucesso das adoções.

2. Objetivos

O presente trabalho divide-se em dois estudos.

No primeiro, através de dados obtidos na plataforma digital “Gestpet”, mapas de capturas e fichas de identificação destes animais caracterizaram-se os animais admitidos na

CAL entre 2017 e 2019. Averiguou-se também a possibilidade de associação das suas características com o tempo de permanência no CRO. Por fim, avaliou-se a existência de associação entre o perfil dos adotantes e as características dos animais adotados.

No segundo estudo, através da realização de um inquérito por questionário distribuído presencialmente durante a visita ao CRO, caracterizou-se o perfil dos visitantes, dos animais procurados e efetivamente adotados. Investigou-se também a importância de alguns fatores na decisão de adoção e procuraram-se associações entre as características dos visitantes, o sucesso da visita e as características dos animais procurados e adotados.

3. Materiais e Métodos

3.1. Cães admitidos entre 2017 e 2019 na CAL.

Os dados relativos aos cães admitidos na CAL nos anos 2017, 2018 e 2019 foram recolhidos a partir da plataforma digital da CAL, denominada “Gestpet”, dos mapas de capturas diárias e das fichas individuais de cada animal, transcritos para uma base de dados em *Excel*. Foram incluídos todos os cães admitidos neste período, num total de 1303 animais.

Os dados extraídos dizem respeito à data de entrada e de saída dos animais da CAL, ao motivo de entrada, ao destino e aos aspetos físicos (sexo, idade, porte, cor, tipo de pelo, tamanho do pelo e raça). Nos casos em que o motivo de entrada não era explícito, este foi definido recorrendo à ajuda da diretora técnica do CRO.

O motivo de entrada foi categorizado em oito classes: “abandono e maus-tratos”, “abandono na CAL”, “agressão”, “errante”, “errante temporário”, “nascimento”, “problemas relacionados com o detentor” e “solicitação de eutanásia”.

Na classe “abandono e maus-tratos” foram consideradas ocorrências relatadas por entidades oficiais com processos-crime de abandono ou maus-tratos e que depois de devidamente averiguada se confirmaram tratar desse tipo de situações. Foram reunidos acontecimentos que não tiveram origem em processos-crime, mas que dada a sua história e contexto, foram considerados como alegados abandonos. Alguns exemplos desses casos foram situações de animais presos a algum sítio e cujos donos nunca os vieram procurar, deixados ao abandono em propriedades privadas e, muitas vezes, sem condições, animais retirados da via pública com *transponder* e cujos donos não mostravam interesse em recuperá-los. Na classe “abandono na CAL”, foram incluídos animais deixados por munícipes, presos às grades do CRO ou deixados na estrada de acesso às instalações do mesmo.

Nas entradas por “agressão”, foram consideradas as situações de agressões reportadas através de ofícios das forças policiais.

Os “animais errantes” foram recolhidos da via pública, onde se encontravam sem controlo de um detentor, sem identificação eletrónica e que não foram reclamados posteriormente. A denominação de “errantes temporários” foi atribuída aos animais em

contexto semelhante ao dos “errantes”, mas que tinham detentor e foram restituídos. Os “nascimentos” foram situações reportadas de animais que nasceram inesperadamente na CAL.

A classe designada por “problemas relacionados com o detentor”, tinha incluídas circunstâncias muito específicas e analisadas caso a caso. Nesta categoria existiam casos de animais recolhidos em consequência da hospitalização ou até morte dos seus detentores. Estavam também incluídas situações de despejos e de insalubridade em que a família não apresentava condições para ficar com o animal e ainda entregas por motivos pessoais devidamente justificados e aceites pelo CRO.

A classe “solicitação de eutanásia” consistia em animais que deram entrada na CAL referenciados para aquele procedimento devidamente justificada através de relatório clínico pelo médico veterinário assistente.

Relativamente às características físicas, a idade dos cães foi agrupada em diferentes classes: até 3 meses, entre os 4 e os 6, entre os 7 e os 11, entre 1 a 2 anos, entre 3 a 7 e idade superior a 7. A idade do animal no momento da adoção (idade à saída) foi calculada, adicionando à sua idade no momento de admissão, o número de dias que permaneceu na CAL. Em casos excecionais, quando o animal era classificado como “adulto” foi atribuído a idade de 5 anos e quando classificado como “sénior”, foi atribuído o valor de 8.

O porte foi estimado a partir do peso assinalado na ficha do animal na altura da admissão e/ou da esterilização. Foram estabelecidas as seguintes classes: “porte pequeno” (até 10 kg), “porte médio” (entre os 11 e os 25 kg) e “porte grande” (mais de 26 kg).

No que concerne à cor e padrão dos animais, estes foram determinados tendo por base a cor predominante referida. Criaram-se os seguintes grupos: bege, branco, castanho, cinzento, dourado, preto, preto afogeuado, tigrado e tricolor.

O tipo de pelo foi agrupado em encaracolado/ondulado, liso e cerdoso, e o tamanho de pelo em curto, médio e comprido. Para análise do tempo de adoção combinou-se os animais de pelo médio e comprido por estes últimos serem menos de 10 casos.

Os animais foram também classificados como cães de raça indeterminada ou de raça pura. Este segundo grupo incluiu os animais identificados como pertencendo a uma só raça. Como raças potencialmente perigosas foram consideradas as descritas na Portaria nº 422/2004 de 24 de abril, assim como as que resultavam do seu cruzamento.

O destino dos animais foi obtido a partir dos registos até ao dia 30 de junho de 2020, sendo organizado em seis grupos: “CAL”, correspondente aos animais que permaneceram no CRO até à data estabelecida; “Adoção”, no caso dos animais adotados; “Cedência”, nos casos em que a CAL fez uma cedência a outra instituição ou famílias de acolhimento temporário; “Restituição”, nos casos de cães restituídos ao detentor, incluindo as situações de sequestro

domiciliário; “Occisão”, reúne os casos de occisão e occisão solicitada e “Óbito”, nas situações de morte natural.

Os dados que dizem respeito ao sexo dos adotantes foram obtidos a partir da ficha de adoção do respetivo animal.

Calculou-se o tempo de permanência dos cães na CAL em função de algumas das suas características (sexo, porte, idade, cor, tipo e tamanho de pelo e raça) e avaliou-se a associação entre o sexo dos adotantes e as características dos animais adotados (sexo, idade, porte, raça, tipo e tamanho do pelo).

A análise estatística foi realizada através do programa informático *R* versão 3.6.3 (2020). Foi efetuada uma análise descritiva das variáveis. O tempo até à adoção foi estimado usando funções de sobrevivência de *Kaplan-Meier*. Estas funções foram comparadas usando um teste de *log-rank*. Para avaliar a associação entre variáveis qualitativas (categóricas) foi utilizado o Teste de Qui-Quadrado (χ^2) e quando uma das células apresentava uma frequência esperada inferior a 5 recorreu-se ao Teste Exato de Fisher, com um nível de significância de 5%.

3.2. Inquérito aos visitantes

Realizou-se um inquérito por questionário aos visitantes da CAL no período entre 21 de novembro de 2019 e 11 de março de 2020 (*Anexo 3*). O seu preenchimento foi feito na presença da estagiária, de forma a esclarecer eventuais dúvidas. Os participantes foram informados dos objetivos do estudo e assinaram um consentimento para a utilização dos dados recolhidos. Foram contabilizadas 70 respostas.

O questionário era constituído maioritariamente por perguntas de escolha múltipla, sendo composto por três partes. A primeira parte do questionário foi apresentada no início de cada visita e as restantes partes no final.

Este inquérito pretendia caracterizar o perfil dos visitantes, dos animais procurados e efetivamente adotados. Relativamente às associações entre as características dos visitantes e as dos animais procurados e adotados, apenas se incluíram as associações estatisticamente significativas, constando as restantes do *Anexo 2*.

A primeira secção compilava informações relativas ao perfil dos visitantes, nomeadamente: idade, sexo, habilitações literárias, estado civil, atividade profissional, meio de vida, concelho, agregado familiar, tipo de habitação, tipologia/área da casa, presença de varanda ou quintal em casa. Os visitantes foram questionados relativamente à sua experiência anterior com animais (número e espécie dos animais dos quais eram detentores naquele momento e nos últimos 10 anos), quanto ao tempo que pretendiam dedicar ao animal, assim como o intervalo de valores que pensava gastar, em média, por ano, com o mesmo.

As habilitações literárias foram reunidas em apenas três classes: ensino básico, ensino secundário e ensino superior. No ensino básico englobaram-se as seguintes designações: “menos de 4 anos de escolaridade”, “1º ciclo do ensino básico (4º ano)”, “2º ciclo do ensino básico (6º ano)” e “3º ciclo do ensino básico (9º ano)”. No ensino secundário: “ensino secundário ou equivalente”. No ensino superior agregaram-se as classes designadas por: “bacharelato”, “licenciatura”, “mestrado” e “doutoramento”.

Na análise referente ao estado civil consideraram-se as classes “solteiro/a”, “casado/a”, “divorciado/a” e “viúvo/a”. A classe “casado/a” incluía também os visitantes que assinalaram a opção “união de facto”.

As atividades profissionais acabaram por não ser analisadas devido à grande diversidade de respostas.

Relativamente ao meio de vida, juntou-se a classe “outros subsídios temporários” com “a cargo da família” a que se deu o nome de “outros rendimentos”, uma vez que cada uma destas classes apenas englobava um visitante.

Quanto ao local de proveniência dos visitantes, apenas se consideraram os concelhos. Para análise dos resultados estes foram agrupados em “concelho de Lisboa” e “outros concelhos”.

A respeito do agregado familiar, os visitantes foram inquiridos quanto à sua composição e respetivas idades. Desta forma analisou-se o número total de pessoas no agregado, dividindo-se em três grupos: “uma pessoa”, “duas pessoas” ou “mais que duas pessoas”. Analisou-se também o número total de crianças no agregado em três grupos: “zero”, “uma”, “duas ou mais” e ainda o número de adultos no agregado, também se dividiu em três grupos: “um”, “dois”, “três ou mais”.

Foram também questionados em relação à forma como haviam tido conhecimento da CAL, se esta era a primeira instituição visitada e se vinham acompanhados para a visita.

Inquiriu-se ainda quanto ao perfil do animal procurado, nomeadamente a espécie, o sexo, a idade, a raça, o tipo e tamanho do pelo, o porte (no caso de procurarem cães) e comportamento. Também se inseriu uma questão relativamente à ponderação de adotar um animal com algum tipo de deficiência aparente. No entanto, esta última foi excluída da análise por se considerar uma variável subjetiva.

A idade do animal a adotar permitia mais de uma resposta, tendo sido agrupada em três classes para motivos de análise: “indiferente”, “jovens” e “adultos”. A classe “indiferente” agrupa quem selecionou “indiferente” ou indicou pelo menos quatro opções diferentes. A designação “jovens” foi atribuída a quem selecionou “juvenil” ou mais de que uma resposta, como “juvenil” e “jovem”, ou “juvenil”, “jovem” e “jovem adulto”. A designação de “adulto” foi dada aos que sinalizaram apenas a opção “jovem adulto”, “adulto” ou a mais de uma resposta, nomeadamente “jovem adulto” e “adulto” ou as opções “adulto” e “sénior”.

A análise do porte foi feita dividindo-se as respostas em 4 grupos: “indiferente”, “porte pequeno”, “porte médio” e “porte grande”. O grupo “indiferente” correspondia a quem selecionou a opção com o mesmo nome. O grupo “porte pequeno” foi atribuído a quem selecionou “porte muito pequeno”, porte pequeno”, ambas as opções e até quem selecionou uma dessas opções em conjunto com “porte médio”, uma vez que se considerou haver uma clara preferência por animais mais pequenos. O grupo do “porte médio” incluiu quem selecionou apenas essa opção. O grupo do “porte grande” agregou quem assinalou “porte grande”, “porte gigante”, ambas as opções ou a combinação de uma destas com “porte médio”, uma vez que se considerou haver uma preferência por animais maiores.

O inquérito debruçou-se ainda sobre as características comportamentais procuradas num animal a adotar: enérgico, calmo, sociável, meigo, afável com crianças, afável com outros animais, brincalhão, alerta, agressivo e medroso. Nesta parte ainda se perguntou acerca da importância de alguns fatores na decisão de adotar: “acompanhar na caça”, “proteger propriedade privada”, “ajudar a combater pragas”, “fazer companhia ao próprio”, “fazer companhia às crianças”, “fazer companhia a idoso”, “fazer companhia a animal que já tem”, “ajudar a superar a perda de outro animal”, “ajudar a superar um momento mais difícil”, “ter amigos que têm animais” e “retirar um animal de um abrigo”.

A segunda parte foi preenchida pelos visitantes que realizaram a visita e que não adotaram, questionando sobre as principais razões para a não-adoção e ainda sobre a sua intenção de adotar num futuro próximo.

A última parte do questionário foi preenchida apenas por quem finalizou a visita com uma adoção. Esta parte incluía dados relativos ao animal adotado, como a espécie, sexo, idade, raça, cor, tipo e tamanho do pelo, porte (no caso de ser cão), assim como os comportamentos observados pelos adotantes. A presença de alguma deficiência física, foi também retirada da análise por ser pouco específica e difícil análise. Os adotantes foram ainda questionados quanto às principais razões para a escolha de determinado animal: “gostou do animal no próprio dia” (inclui “gostei deste animal...”; “vim com intenções de adotar hoje...” e “senti uma ligação especial...”); “já o tinha visto” e “opinião de terceiros”.

Este questionário foi testado previamente à sua aplicação por uma amostra de 20 pessoas, incluindo munícipes que visitaram a CAL e funcionários das instalações, tendo sido alterado algumas vezes na forma e conteúdo das perguntas.

A exploração dos dados dos inquéritos foi feita através do programa informático *R* 3.6.3. (2020), e obteve-se uma análise descritiva de cada variável, a partir da análise de frequências em percentagem. Para avaliar a associação entre variáveis qualitativas (categóricas) foi utilizado o Teste de Qui-Quadrado (χ^2) e quando uma das células apresentava uma frequência esperada inferior a 5 recorreu-se ao Teste Exato de Fisher, com um nível de significância de 5%.

4. Resultados

4.1. Caracterização dos cães admitidos na CAL por ano (2017-2019)

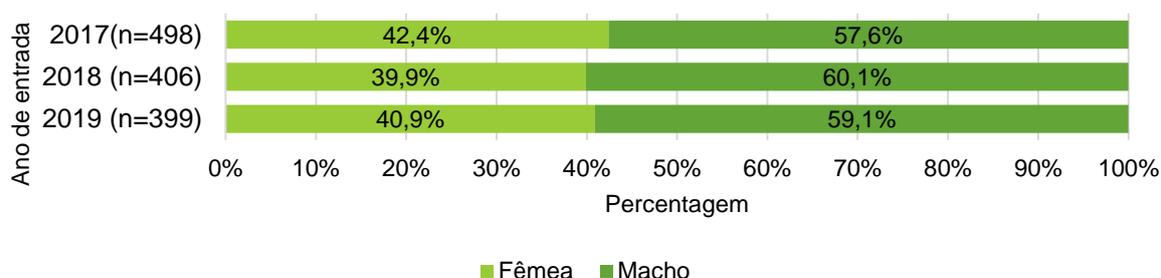
4.1.1. Número de cães admitidos por ano

Durante o período compreendido entre 2017 e 2019 deram entrada na CAL de 1303 cães, dos quais 498 (38,2%) em 2017, 406 (31,2%) em 2018 e 399 (30,6%) em 2019.

4.1.2. Sexo dos cães admitidos

Em 2017, 2018 e 2019, houve uma maior proporção de machos admitidos, correspondendo, respetivamente, a 57,6% (n=287), 60,1% (n=244) e 59,1% (n=236) do total, não se verificando uma diferença significativa ao longo dos anos, ($\chi^2 = (2, N=1303) = 0,58173$, $p=0,748$) (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Sexo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



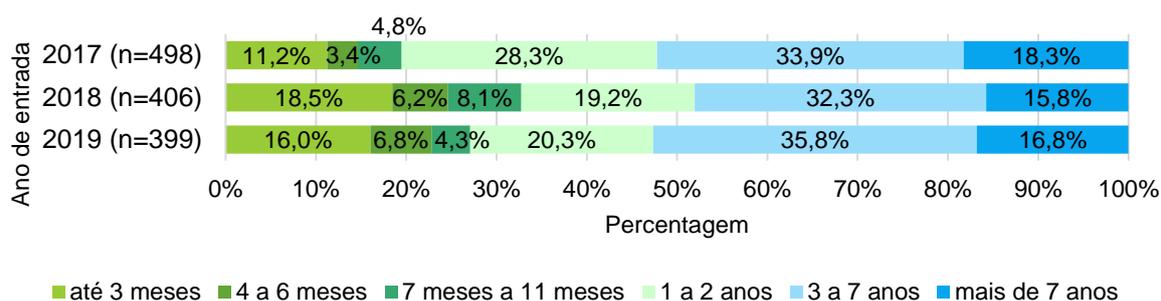
4.1.3. Idade dos cães admitidos

No ano de 2017, 33,9% (n=169) dos cães que entraram na CAL tinham 3 a 7 anos de idade, seguindo-se as faixas etárias com 1 a 2 (28,3%; n=141), mais de 7 (18,3%; n=91), até 3 meses (11,2%; n=56), entre 7 a 11 (4,8%; n=24) e, por último, entre 4 a 6 (3,4%; n=17) (Gráfico 3).

No ano de 2018, 32,3% (n=131) tinham 3 a 7 anos, 19,2% (n=78) tinham 1 a 2 anos, 18,5% (n=75) compreendiam idades até 3 meses, 15,8% (n=64) tinham mais de 7 anos, 8,1% (n=33) possuíam 7 a 11 meses e houve ainda 6,2% (n=25) com 4 a 6 meses (Gráfico 3).

Em 2019, 35,8% (n=143) com idades entre 3 e 7 anos, 20,3% (n=81) com 1 a 2 anos, 16,8% (n=67) com mais de 7 anos, 16,0% (n=64) com até 3 meses, 6,8% (n=27) com 4 a 6 meses e 4,3% (n=17) com 7 a 11 meses (Gráfico 3). Verificou-se existir uma diferença estatisticamente significativa a longo dos anos ($\chi^2 = (10, N=1303) = 31,635$, $p < 0,001$).

Gráfico 3 – Idade dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



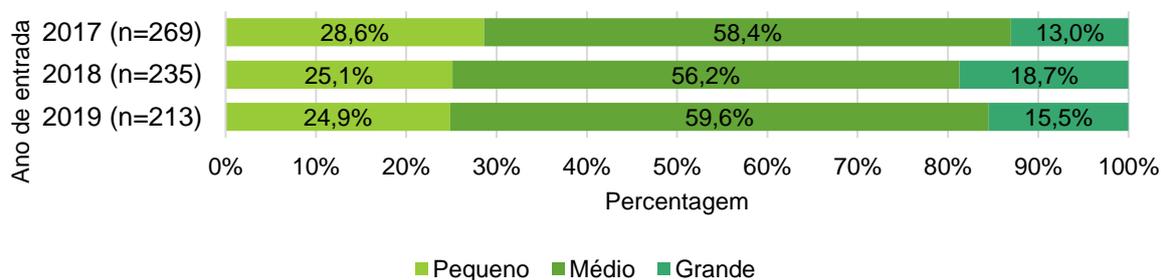
4.1.4. Porte dos cães admitidos

Em 2017 foi possível identificar o porte de 269 cães, sendo que 58,4% (n=157) era de porte médio, 28,9% (n=77) pequeno e 13,0% (n=35) grande (Gráfico 4).

Em 2018, dos 235 cães cujo porte foi identificado, 56,2% (n=132) eram de porte médio, 25,1% (n=59) pequeno e 18,7% (n=44) eram grande (Gráfico 4).

Em 2019 confirmou-se o porte de 213 cães, incluindo 59,6% (n=127) de porte médio, 24,9% (n=53) pequeno, e 15,5% (n=33) grande (Gráfico 4). Não foi encontrada uma evidência de associação entre tipo de porte e ano de entrada ($\chi^2=(4, N=717)=3,7016, p=0,448$).

Gráfico 4 – Porte dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=717).



4.1.5. Cores e padrões dos cães admitidos

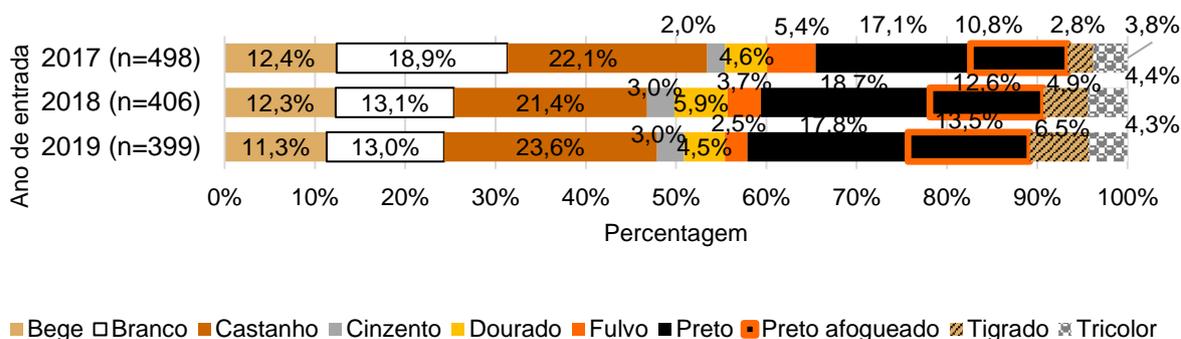
No ano de 2017, cães de cor castanha representavam 22,1% (n=110) do total, seguindo-se a cor branca (18,9%; n=94), preta (17,1%; n=85), bege (12,4%; n=62), preto afogueado (10,8%; n=54), fulvo (5,4%; n=27), dourado (4,6%; n=23), tricolor (3,8%; n=19), tigrado (2,8%; n=14) e, por fim, o cinzento (2,0%; n=10) (Gráfico 5).

Em 2018, 21,4% (n=87) dos animais possuíam pelo de cor castanha, seguindo-se a cor preta (18,7%; n=76), branca (13,1%; n=53), preto afogueado (12,6%; n=51), bege (12,3%; n=50), dourado (5,9%; n=24), tigrado (4,9%; n=20), tricolor (4,4%; n=18), fulvo (3,7%; n=15) e, em menor proporção, o cinzento (3,0%; n=12) (Gráfico 5).

No ano seguinte, em 2019, os animais castanhos representaram 23,6% (n=110), os pretos 17,8% (n=85), os pretos afogueados 13,5% (n=54), os brancos 13,0% (n=94) e os

beges 11,3% (n=62). Os tigrados eram 6,5% (n=14), os dourados eram 4,5% (n=23), os tricolores eram 4,3% (n=19), os cinzentos 3,0% (n=10) e por fim os de pelo fulvo com 2,5% (n=27)(Gráfico 5). Na relação entre a cor e os anos de entrada dos animais, não foi encontrada evidência de associação estatisticamente significativa ($\chi^2=(18, N=1303)=23,228, p=0,182$).

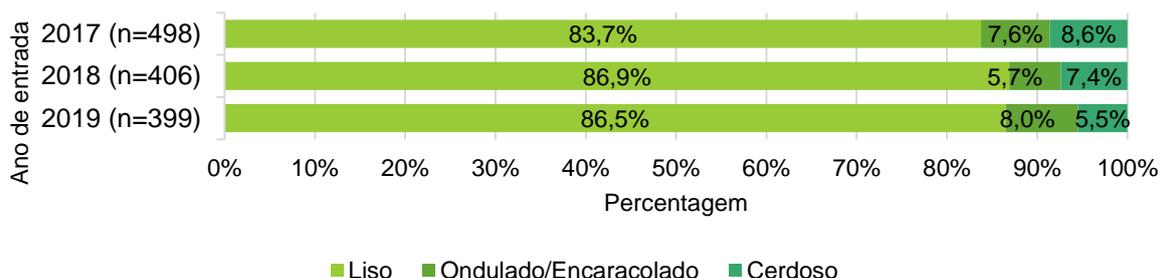
Gráfico 5 – Cores e padrões dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



4.1.6. Tipo de pelo dos cães admitidos

A pelagem lisa foi registada em 83,7% (n=417) dos cães admitidos em 2017, 86,9% (n=353) em 2018 e 86,5% (n=345) em 2019. O pelo ondulado/encaracolado correspondeu a 7,6% (n=38), 5,7% (n=23) e 8,0% (n=32), respetivamente. Por fim, o pelo cerdoso surgiu em 8,6% (n=43), 7,4% (n=30) e 5,5% (n=22) (Gráfico 6). Não se observou uma associação entre o ano de entrada e tipo de pelo ($\chi^2=(4, N=1303)=5,1284, p=0,274$).

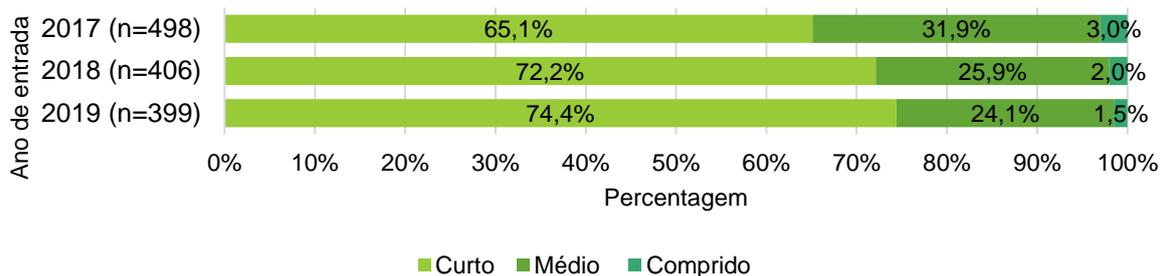
Gráfico 6 – Tipo do pelo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



4.1.7. Tamanho do pelo dos cães admitidos

No ano de 2017, houve 65,1% (n=324) de animais com pelo curto, 31,9% (n=159) de pelo médio e 3,0% (n=15) de pelo comprido. Em 2018 entraram 72,2% (n=293) animais com de pelo curto, 25,9% (n=105) de pelo médio e 2,0% (n=8) de pelo comprido. No ano de 2019 registaram-se 74,4% (n=297) de pelo curto, 24,1% (n=96) de pelo médio e 1,5% (n=6) de pelo comprido, observando-se uma diferença significativa ao longo dos anos ($\chi^2=(4, N=1303)=11,185, p=0,025$) (Gráfico 7).

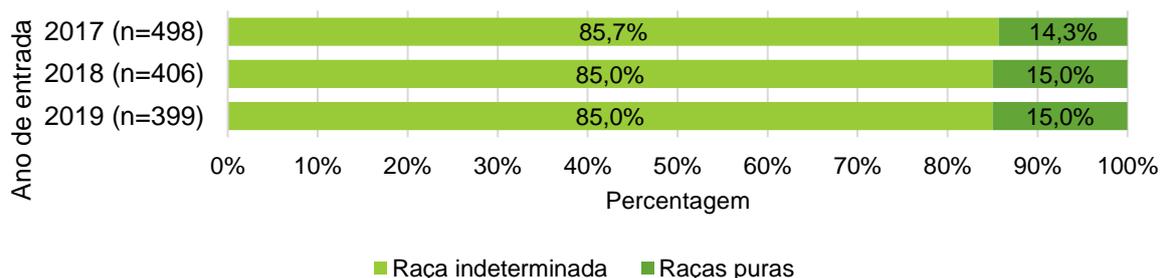
Gráfico 7 – Tamanho do pelo dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



4.1.8. Raça indeterminada e raças puras dos cães admitidos

Os cães de raça indeterminada constituíram 85,7% (n=427) do total admissões em 2017, 85,0% (n=345) em 2018 e 85,0% (n=339) em 2019, enquanto os de raça pura constituíram 14,3% (n=71), 15,0% (n=61) e 15,0% (n=60) respectivamente, não havendo evidência de diferença ao longo dos anos ($\chi^2=(2, N=1303)= 0,14674, p=0,929$) (Gráfico 8).

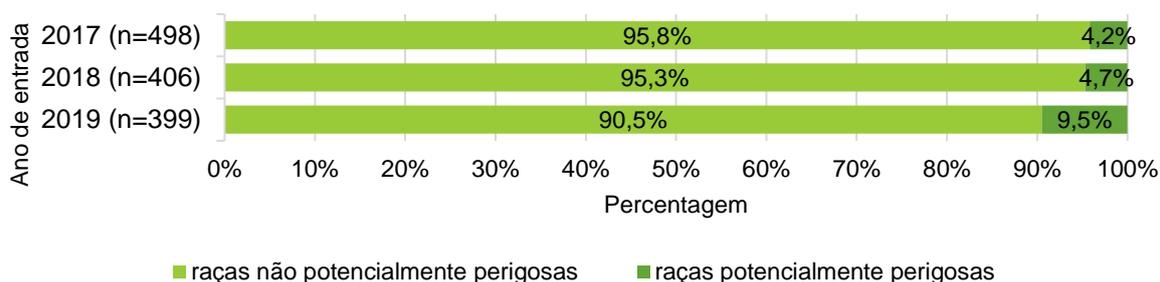
Gráfico 8 – Raças dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



4.1.9. Raças potencialmente perigosas (RPP) e raças não potencialmente perigosas (RNPP) dos cães admitidos

A proporção de cães considerados de raça potencialmente perigosa foi de 4,2% (n=21) em 2017, 4,7% (n=19) em 2018 e 9,5% (n=38) em 2019, verificando-se uma diferença significativa ao longo dos anos ($\chi^2=(2, N=1303)=12,874, p<0,01$) (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Raças potencialmente perigosas (RPP) e Raças não potencialmente perigosas (RNPP) dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).



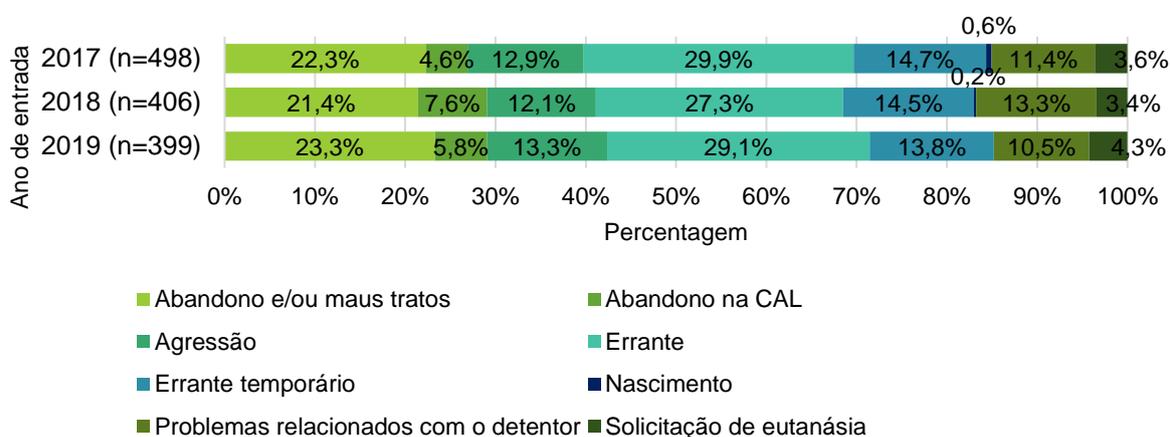
4.1.10. Motivos de entrada dos cães admitidos

No que diz respeito aos motivos de entrada na CAL, no decorrer do ano 2017, 29,9% (n=149) dos cães admitidos foram considerados errantes, 22,3% (n=111) entraram por abandono e/ou maus-tratos e 14,7% (n=73) eram errantes temporários. Verificaram-se ainda 12,9% (n=64) que entraram por agressão, 11,4% (n=57) por problemas relacionados com o detentor, 4,6% (n=23) por abandono na CAL, 3,6% (n=18) por solicitação de eutanásia e outros 0,6% (n=3) por nascimento no CRO (Gráfico 10).

No ano 2018 entraram 27,3% (n=111) animais errantes, 21,4% (n=87) por abandono e/ou maus-tratos, enquanto 14,5% (n=59) eram errantes temporários. Nesse ano, 13,3% (n=54) provinham de problemas relacionados com o detentor, 12,1% (n=49) por agressão e 7,6% (n=31) tinham sido abandonados na CAL. Houve ainda 3,4% (n=14) cães que entraram por solicitação de eutanásia e 0,2% (n=1) que nasceu na CAL (Gráfico 10).

Posteriormente, no ano de 2019, 29,1% (n=116) eram animais errantes, 23,3% (n=93) entraram por abandono e maus-tratos, 13,8% (n=55) eram errantes temporários e 13,3% (n=53) entraram por agressão. Confirmou-se ainda a entrada de 10,5% (n=42) por problemas com os detentores, 5,8% (n=23) por abandono na CAL e 4,2% (n=17) casos por solicitação de eutanásia. Não se registou evidência de associação ao longo dos anos ($\chi^2=(14, N=1303)=9,1493, p=0,821$).

Gráfico 10 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) (n=1303).

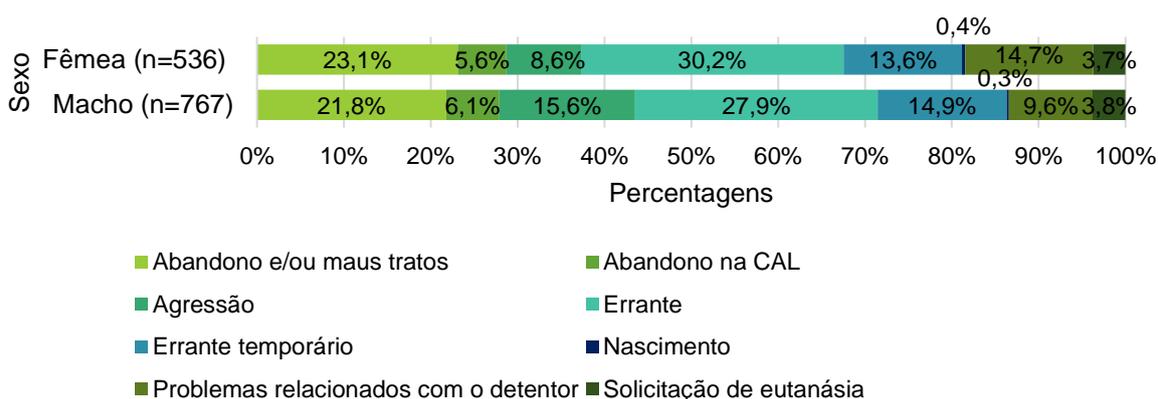


4.1.11. Motivos de entrada dos cães admitidos em função do sexo

Das 536 fêmeas admitidas 30,2% (n=162) eram errantes, 23,1% (n=124) tinham sido abandonadas e/ou eram vítimas de maus-tratos, 14,7% (n=74) provinham por problemas com o detentor, 13,6% (n=73) eram errantes temporárias, 8,6% (n=46) entraram por história de agressão e 5,6% (n=30) foram abandonadas na CAL. Houve ainda 3,7% (n=20) por solicitação de eutanásia e 0,4% (n=2) nasceram nas instalações da CAL (Gráfico 11).

Os 767 cães machos incluíam 27,9% (n=214) errantes, 21,8% (n=167) vítimas de abandono e/ou maus-tratos, 15,6% (n=120) entraram por agressão, 14,9% (n=114) eram considerados errantes temporários, 9,6% (n=74) provinham de problemas relacionados com o detentor e 6,1% (n=47) que foram abandonados na CAL. Por fim, 3,8% (n=29) entraram por solicitação de eutanásia e 0,3% (n=2) nasceram na CAL (Gráfico 11). Verificou-se uma associação entre o sexo dos animais e os motivos de entrada ($\chi^2=(7, N=1303)=20,794, p<0,01$).

Gráfico 11 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função do sexo (n=1303).



4.1.12. Motivos de entrada dos cães admitidos em função da idade

Dos animais com idades até 3 meses, 39,5% (n=77) tinham sido vítimas de abandono e/ou de maus-tratos, 39,5 % (n=77) eram errantes, 10,3% (n=20) entraram por problemas relacionados com o detentor, 8,7% (n=17) foram abandonados na CAL e 2,1% (n=4) nasceram na CAL (Gráfico 12).

Os que tinham entre 4 a 6 meses, 46,4% (n=32) eram animais errantes, 21,7% (n=15) eram vítimas de abandono e/ou maus-tratos e 15,9% (n=11) tinham sido abandonados na CAL, 8,7% (n=6) eram errantes temporários, 4,3% (n=3) provinham de problemas relacionados com o detentor e 2,9% (n=2) vinham por agressão (Gráfico 12).

Os com idades entre 7 a 11 meses, 35,1% (n=26) eram errantes, 24,3% (n=18) eram vítimas de abandono e/ou maus-tratos, 14,9% (n=11) provinham de problemas com os

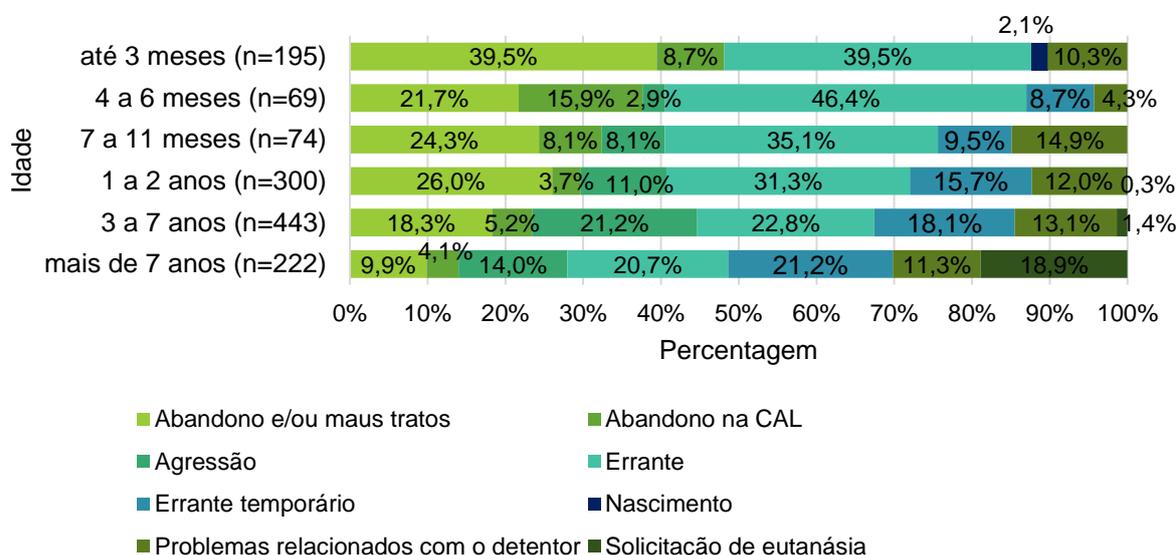
detentores, 9,5% (n=7) de errantes temporários, 8,1% (n=6) tinham sido abandonados na CAL e ainda 8,1% (n=6) entraram por agressão (Gráfico 12).

Os cães com 1 a 2 anos, 31,3% (n=94) eram errantes, 26,0% (n=78) entraram por abandono e/ou maus-tratos, 15,7% (n=47) eram errantes temporários, 12,0% (n=36) entraram por problemas relacionados com o detentor, 11,0% (n=33) por agressão, 3,7% (n=11) por abandono na CAL e ainda 0,3% (n=1) por solicitação de eutanásia.

No grupo etário dos 3 aos 7 anos, 22,8% (n=101) eram errantes, 21,2% (n=94) entraram por agressão, 18,3% (n=81) por abandono e/ou maus-tratos e 18,1% (n=80) eram errantes temporários, 13,1% (n=58) entraram por problemas com o detentor, 5,2% (n=23) por abandono na CAL e 1,4% (n=6) por solicitação de eutanásia (Gráfico 12).

Os animais com mais de 7 anos, 21,2% (n=47) eram errantes temporários, 20,7% (n=46) eram errantes e 18,9% (n=42) entraram por solicitações de eutanásia, 14,0% (n=31) por processos de agressão, 11,3% (n=25) por problemas relacionados com o detentor, 9,9% (n=22) por abandono e/ou maus-tratos e 4,1% (n=9) tinham sido abandonados na CAL (Gráfico 12). Observou-se uma diferença dos motivos de entrada relativamente à idade ($\chi^2=(35, N=1303)=384,86, p<0,001$).

Gráfico 12 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função da idade (n=1303).



4.1.13. Motivos de entrada dos cães admitidos em função do porte

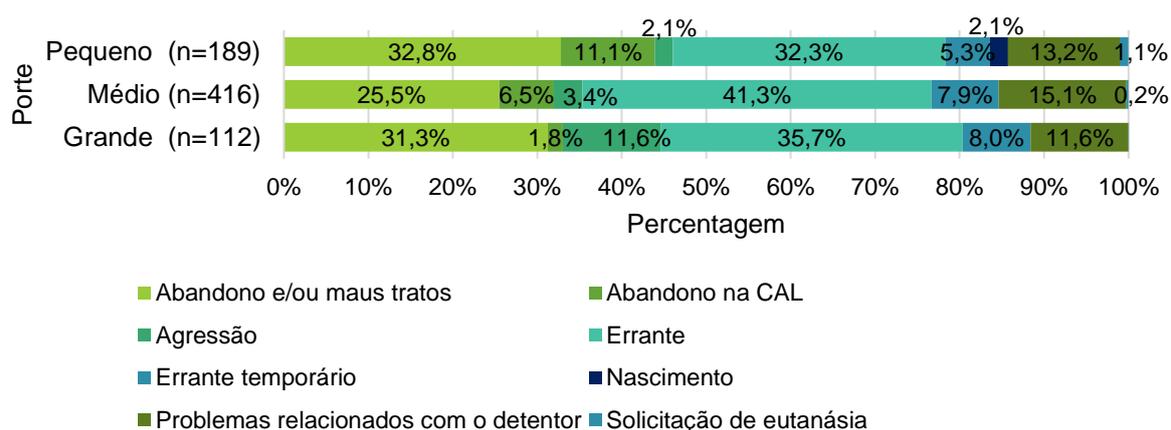
Foi possível caracterizar o porte de 717 cães admitidos na CAL entre 2017 e 2019. Considerando os cães de porte pequeno, 32,8% (n=62) entraram por serem vítimas de abandono e/ou maus-tratos, 32,3% (n=61) eram errantes, 13,2% (n=25) provinham de problemas relacionados com o detentor e 11,1% (n=21) tinham sido abandonados na CAL. Registraram-se ainda 5,3% (n=10) como errantes temporários, 2,1% (n=4) com processos de

agressão, 2,1% (n=4) nasceram na CAL e 1,1% (n=2) vinham por solicitação de eutanásia (Gráfico 13).

Dos cães de porte médio, os animais errantes representavam 41,3% (n=172), seguindo-se as vítimas de abandono e/ou maus-tratos (25,5%; n=106), admissões por problemas com o detentor (15,1%; n=63), animais errantes (7,9%; n=33), abandono na CAL (6,5%; n=27), agressão (3,4%; n=14) e animais admitidos por solicitação de eutanásia 0,2% (n=1) (Gráfico 13).

Tendo em consideração os cães de porte grande, 35,7% (n=40) eram errantes, 31,3% (n=35) tinham sido vítimas de abandono e/ou maus-tratos, admitidos na mesma proporção, 11,6% (n=13) entraram devido a problemas com o detentor e 11,6% (n=13) por agressão, 8,0% (n=9) eram considerados errantes temporários e 1,8% (n=2) foram abandonados na CAL (Gráfico 13). Foi encontrada uma associação significativa entre motivo de entrada e porte ($\chi^2=(14; N=717)=43,814, p<0,001$).

Gráfico 13 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função do porte (n=717).



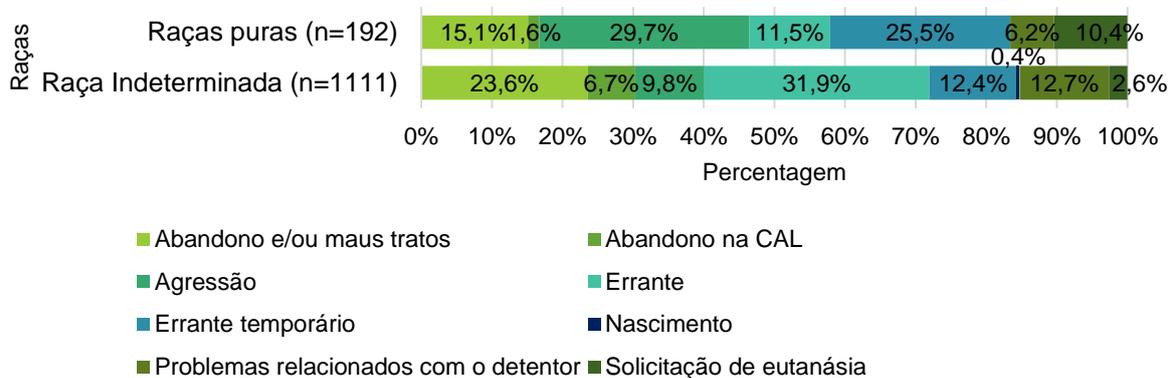
4.1.14. Motivos de entrada dos cães admitidos em função da raça

Foram analisados os motivos de entrada, considerando os animais de raça indeterminada e os de raça pura. No que concerne aos animais raça pura, 29,7% (n=57) entraram por agressão, 25,5% (n=49) eram errantes temporários, 15,1% (n=29) entraram por abandono e/ou maus-tratos, 11,5% (n= 22) eram errantes, 10,4% (n=20) entraram por solicitação de eutanásia, 6,2% (n=12) por problemas com os detentores e 1,6% (n=3) foram abandonados na CAL (Gráfico 14).

Relativamente aos animais de raça indeterminada, registou-se a entrada de 31,9% (n=354) animais considerados errantes, 23,6% (n=262) vítimas de abandono e/ou maus tratos, 12,7% (n=141) por problemas relacionados com o detentor, 12,4% (n=138) eram errantes temporários, 9,8% (n=109) por agressão, 6,7% (n=74) por abandono na CAL, 2,6%

(n=29) por solicitação de eutanásia e 0,4% (n=4) nasceram nas instalações da CAL (Gráfico 14). Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre a raça dos cães e os seus motivos de entrada ($\chi^2=(7, N=1303)=139,44, p<0,001$).

Gráfico 14 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função da raça (n=1303).

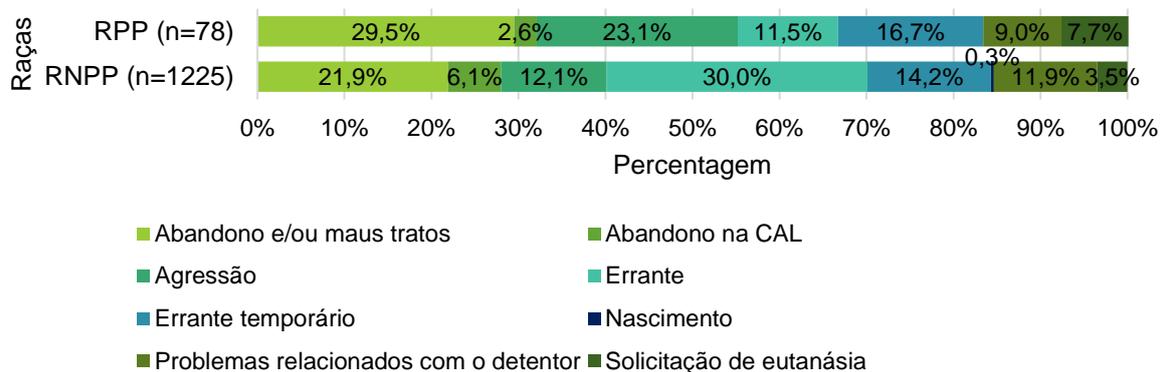


4.1.15. Motivos de entrada dos cães admitidos em função de pertencerem ou não a raças potencialmente perigosas (RPP)

No que concerne aos animais de raça potencialmente perigosa, 29,3% (n=23) foram vítimas de abandono e/ou maus-tratos, 23,1% (n=18) entraram por agressão, 16,7% (n=13) eram errantes temporários, 11,5% (n=9) eram errantes, 9,0% (n=7) por problemas com os detentores, 7,7% (n=6) por solicitação de eutanásia e 2,6% (n=2) foram abandonados na CAL (Gráfico 15).

Relativamente aos animais de raça não potencialmente perigosa, registou-se a entrada de 30,0% (n=367) de errantes, 21,9% (n=268) de vítimas de abandono e/ou maus-tratos, 14,2% (n=174) eram errantes temporários, 12,1% (n=148) entraram por agressão, 11,9% (n=146) por problemas relacionados com os detentores, 6,1% (n=75) tinham sido abandonados na CAL e 3,5% (n=43) entraram por solicitação de eutanásia (Gráfico 15). Verificou-se uma diferença significativa dos motivos de admissão consoante a classificação da raça ($\chi^2=(7, N=1303)=23,571, p<0,01$).

Gráfico 15 – Motivos de entrada dos cães admitidos na CAL (2017-2019) em função de pertencerem ou não a RPP (n=1303).



Notas: RPP- Raças Potencialmente Perigosas; RNPP- Raças Não Potencialmente Perigosas;

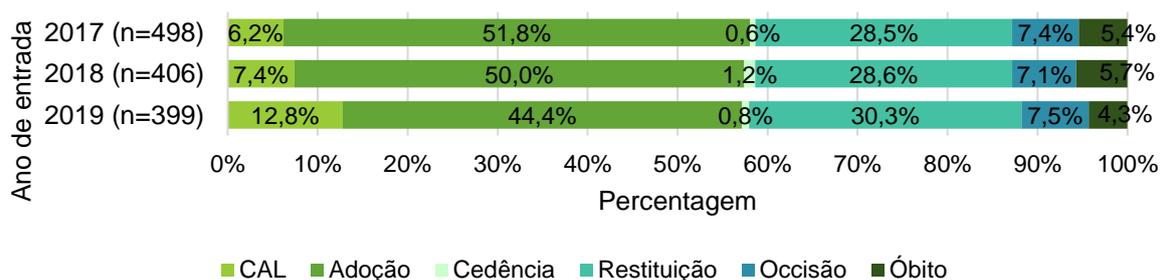
4.1.16. Cães admitidos na CAL (2017-2019) e o seu destino até 30 de junho de 2020

O presente trabalho analisou o destino dos cães que foram recebidos na CAL entre 2017 e 2019 e seus destinos até ao dia 30 de junho de 2020. Dos cães recebidos em 2017, 51,8% (n=258) foram adotados, 28,5% (n=142) foram restituídos, 7,4% (n=37) sofreram occisão, 6,2% (n=31) permaneceram na CAL, 5,4% (n=27) foram dados como óbitos e 0,6% (n=3) foram cedidos (Gráfico 16).

Dos que entraram em 2018, 50,0% (n=203) foram adotados, 28,6% (n=116) foram restituídos, 7,4% (n=30) permaneceram na CAL, 7,1% (n=29) sofreram occisão, 5,7% (n=23) foram dados como óbitos e 1,2% (n=5) foram cedidos (Gráfico 16).

Quanto aos animais recebidos em 2019, 44,4% (n=177) foram adotados, 30,3% (n=121) foram restituídos, enquanto 12,8% (n=51) permaneciam ainda na CAL. Uma proporção de 7,5% (n=30) dos animais sofreu occisão, 4,3% (n=17) foram dados como óbitos e 0,8% (n= 3) foram cedidos (Gráfico 16). Não foi encontrada qualquer associação estatisticamente significativa entre o ano de entrada e o destino destes animais ($\chi^2=(10, N=1303)=17,065, p=0,073$).

Gráfico 16 – Cães admitidos na CAL (2017-2019) e o seu destino até 30 de junho de 2020 (n=1303).



4.2. Caracterização das adoções de cães na CAL entre janeiro de 2017 e junho de 2020

Realizada a caracterização dos animais admitidos, procedeu-se à caracterização dos animais adotados e dos adotantes.

4.2.1. Caracterização dos cães adotados

Os 638 cães adotados compreenderam 54,7% (n=349) machos e 45,3% (n=289) fêmeas. A respeito da idade, 27,3% (n=174) dos cães adotados tinham 1 a 2 anos, 27,0% (n=172) tinham até 3 meses de idade, 24,0% (n=153) tinham 3 a 7 anos e com 3,9% (n=25) eram animais com mais de 7 anos. Quanto ao porte, 55,7% (n=258) dos cães eram de porte médio, 35,0% (n=162) de porte pequeno e 9,3% (n=43) de porte grande. Os cães de raça indeterminada eram 94,5% (n=603) e 2,5% (n=16) eram de raça potencialmente perigosa. Quanto à cor, 23,5% (n=150) corresponderam a animais de cor castanha, seguindo-se o preto (16,6%; n=106), o branco (14,9%; n=95), o bege (13,2%; n=84) e o preto afogueado (12,2%; n=78). Relativamente ao tipo de pelo, 85,9% (n=548) dos animais adotados tinham pelo liso e 70,2% (n=448) tinham pelo curto (Tabela 2).

Tabela 2 – Cães admitidos entre (2017-2019) e adotados até 30 de junho de 2020 (n=638)

	n	%		n	%
Sexo			Cores		
Fêmeas	289	45,3%	Bege	84	13,2%
Machos	349	54,7%	Branco	95	14,9%
Idade à saída			Castanho	150	23,5%
até 3 meses	172	27,0%	Cinzento	9	1,4%
4 a 6 meses	58	9,1%	Dourado	28	4,4%
7 meses a 11 meses	56	8,8%	Fulvo	33	5,2%
1 a 2 anos	174	27,3%	Preto	106	16,6%
3 a 7 anos	153	24,0%	Preto afogueado	78	12,2%
mais de 7 anos	25	3,9%	Tigrado	29	4,6%
Porte	n= 463		Tricolor	26	4,1%
Pequeno	162	35,0%	Tipo de pelo		
Médio	258	55,7%	Liso	548	85,9%
Grande	43	9,3%	Ondulado/Encaracolado	37	5,8%
Raças			Cerdoso	53	8,3%
Raça indeterminada	603	94,5%	Tamanho do pelo		
Raças puras	35	5,5%	Curto	448	70,2%
Raças potencialmente perigosas			Médio	184	28,8%
RNPP ^a	622	97,5%	Comprido	6	0,9%
RPP ^b	16	2,5%			

Notas: ^a -Raças não potencialmente perigosas; ^b -Raças potencialmente perigosas

4.2.2. Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães adotados

Dos 638 adotantes, 333 eram do sexo feminino, 300 do sexo masculino e 5 representavam instituições, pelo que estas não foram considerados para análise (Tabela 3).

Nesta análise não se encontrou uma associação estatisticamente significativa entre o sexo dos adotantes e as seguintes características dos animais: sexo, idade, ter raça indeterminada ou raça pura, tipo de pelo e tamanho do pelo (Tabela 3). Por outro lado, foi observada uma associação estatisticamente significativa com o porte dos animais ($\chi^2=(2, N=633)=14,603, p<0,001$), e também a classificação da raça enquanto potencialmente perigosa ou não ($\chi^2=(1, N=633)=5,0177, p<0,025$) (Tabela 3).

Verificou-se que entre os adotantes do sexo feminino, 52,4% (n=128) preferiram cães de porte médio, 41,9% (n=103) de porte pequeno e 5,7% (n=14) de porte grande. Os adotantes do sexo masculino, 59,5% (n=128) adotaram cães de porte médio, 27,4% (n=59) porte pequeno e 13,0% (n=28) porte grande. Observou-se ainda a adoção de 1,2% (n=4) de animais de raça potencialmente perigosa por adotantes do sexo feminino e de 4,0% (n=12) por adotantes do sexo masculino (Tabela 3).

Tabela 3 – Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães admitidos entre (2017-2019) e que foram adotados até 30 de junho de 2020 (n=633).

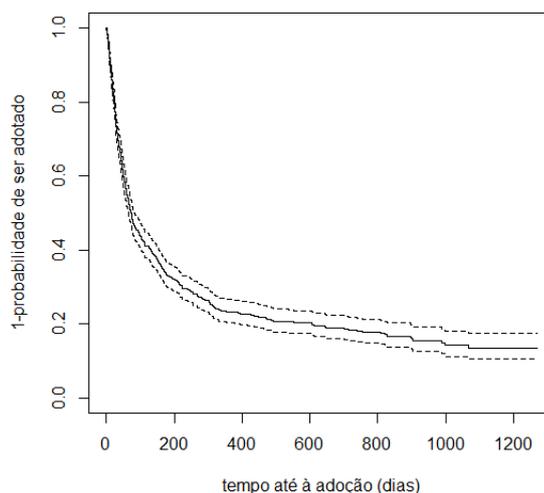
		Feminino (n=333)		Masculino (n=300)				Feminino (n=333)		Masculino (n=300)		
		n	%	n	%	p			n	%	p	
Sexo						Raça						
Fêmea		162	48,6	126	42,0	0,093	Indeterminada	316	94,9	284	94,7	0,897
Macho		171	51,4	174	58,0		Pura	17	5,1	16	5,3	
Idade à saída						Tipo de pelo						
até 3 meses		90	27,0	82	27,3	0,095	Liso	279	83,8	267	89,0	0,162
4 a 6 meses		25	7,5	33	11,0		Ondulado/ Encaracolado	22	6,6	14	4,7	
7 a 11 meses		27	8,1	29	9,7		Cerdoso	32	9,6	19	6,3	
1 a 2 anos		91	27,3	80	26,7		Tamanho do pelo					
3 a 7 anos		81	24,3	71	23,7		Curto	221	66,4	225	75,0	0,056
mais de 7 anos		19	5,7	5	1,7		Médio	108	32,4	73	24,3	
Porte		n=246		n=215			Comprido	4	1,2	2	0,7	
Pequeno		103	41,9	59	27,4	<0,001	Raças potencialmente perigosas					
Médio		129	52,4	128	59,5		RNPP ^a	329	98,8	288	96,0	<0,05
Grande		14	5,7	28	13,0		RPP ^b	4	1,2	12	4,0	

Notas: ^a -Raças não potencialmente perigosas; ^b -Raças potencialmente perigosas

4.2.3. Relação entre as características dos animais adotados e o tempo até à adoção

A partir das curvas de sobrevivência, foi possível calcular que o tempo mediano até à adoção de um cão na CAL foi de 72 dias IC95% [65-84], (Gráfico 17).

Gráfico 17 – Tempo (dias) até à adoção de um cão na CAL (n=1303).



(Linhas a tracejado indicam limites de IC 95%)

Com base nos dados obtidos, foi possível saber o tempo de adoção dos cães em função de algumas das suas características, como o sexo, porte, idade à saída, cor/padrão, tipo e tamanho do pelo e raça.

Relativamente ao sexo dos cães, metade das fêmeas foram adotadas em 59 dias IC95% [51-68], enquanto a mesma proporção de machos saiu ao fim de 94 dias IC95% [74-121], teste log-rank, com ($p < 0,01$) (Anexo 1).

Quanto ao porte, a proporção de cães adotados atingiu os 50% ao fim de 50 dias IC95% [43-57] para cães de porte pequeno, 141 dias IC95% [102-171], para cães de porte médio e 316 dias IC95% [172-808], para cães de porte grande, teste log-rank, com ($p < 0,001$) (Anexo 1).

Decorreram 16 dias IC95% [12-21] até metade dos cães com idade até 3 meses serem adotados. No caso dos animais entre os 4 e os 6 meses passaram 27 dias IC95% [18-47], e entre os 7 e 11 meses foram 50 dias IC95% [34-57]. Relativamente aos animais com 1 a 2 anos passaram 93 dias IC95% [71-121], com 3 a 7 anos, 310 dias IC95% [215-535], e para os animais com mais de 7 anos, 820 dias IC95% [321- *1] teste log-rank, com ($p < 0,001$) (Anexo 1).

¹ *: Não foi possível estimar o limite superior do intervalo de confiança

No que se refere à cor do pelo a análise não mostrou haver uma diferença estatisticamente significativa, teste log-rank, com ($p=0,1$). Constatou-se que os animais de cor fulva, metade deles saiu ao fim de 47 dias IC95% [26-153], os de cor cinzenta aos 55 dias IC95% [41- *²], os tricolores aos 56 dias IC95% [43-136], os pretos afogueados aos 57 dias IC95% [42-110], os castanhos aos 58 dias IC95% [47-77], os beges aos 74 dias IC95% [58-135], os pretos aos 80 dias IC95% [65-149], os tigrados aos 86 dias IC95% [66-607], os brancos aos 94 dias IC95% [66-186], e por último foram dourados, aos 96 dias IC95% [52-216] (Anexo 1).

Considerando o tipo de pelo, também não se verificaram diferenças significativas, teste log-rank, com ($p=0,7$). Metade dos cães de pelo ondulado ou encaracolado saíram ao fim de 68 dias IC95% [60-201], os de pelo liso, 71 dias IC95% [62-82], e os de pelo cerdoso, 103 dias IC95% [56-165] (Anexo 1).

Em relação ao tamanho do pelo, metade dos animais com pelo médio ou comprido foram adotados aos 68 dias IC95% [55-81], e os de pelo curto aos 74 dias IC95% [66-96] teste log-rank, com ($p < 0,05$) (Anexo 1).

Metade dos animais de raça indeterminada foram adotados ao fim de 70 dias IC95% [62-77], enquanto os de raça pura, de 164 dias IC95% [112-607] teste log-rank, com ($p < 0,05$) (Anexo 1).

No que concerne às raças potencialmente perigosas, 50% dos animais desta categoria foram adotados aos 738 dias IC95% [164 -*²], enquanto os restantes o foram ao fim de 68 dias IC95% [60-76] teste log-rank, com ($p < 0,001$) (Anexo 1).

4.3. Inquérito aos visitantes da CAL: caracterização do perfil dos visitantes e sua influência na adoção

Com o presente estudo fez-se uma caracterização do perfil dos visitantes, procurando relacioná-lo com o sucesso das visitas na concretização de adoções (Tabelas 4 a 7).

4.3.1. Caracterização demográfica e socioeconómica

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as diferentes características socioeconómicas e demográficas e o sucesso das visitas (Tabela 4).

Relativamente à idade dos visitantes, 48,6% ($n=34$) pertenciam à faixa etária dos 31 aos 50 anos, dos quais 73,5% ($n=25$) adotaram animais. Seguiu-se a faixa etária dos 18 aos 30 anos (28,6%; $n=20$), com 45,0% ($n=9$) de adoções. Observou-se que 58,6% ($n=41$) das pessoas que visitaram a CAL eram do sexo feminino, das quais 63,4% ($n=26$) adotaram. Os visitantes apresentaram diferentes habilitações literárias: 47,1% ($n=33$) tinham ensino

² *: Não foi possível estimar o limite superior do intervalo de confiança

superior, dos quais 69,7% (n=23) adotaram. Relativamente ao estado civil, 41,4% (n=29) dos munícipes eram solteiros, dos quais 51,7% (n=15) adotaram animais e 38,6% (n=27) eram casados ou com união de facto, dos quais 59,3% (n=16) adotaram (Tabela 4).

No que concerne aos rendimentos, 84,3% (n=59) de trabalhadores ativos, dos quais 61,0% (n=36) levaram um animal; 10,0% (n=7) eram cidadãos reformados, 57,1% (n=4) dos quais adotaram (Tabela 4).

O agregado familiar era constituído por mais de duas pessoas em 51,4% (n=36) dos quais 58,3% (n=21) adotaram, por duas pessoas em 34,3% (n=24) em que 58,3% (n=14) adotaram e por apenas uma pessoa por 14,3% (n=10), sendo que 70,0% (n=7) destes adotaram (Tabela 5). Quanto ao número de crianças por agregado familiar, 55,7% (n=39) dos visitantes indicaram não ter nenhuma e destes 56,4% (n=22) adotaram. Dos 24,3% (n=17) com duas ou mais crianças, 76,5% (n=13) efetuou uma adoção. Por fim, 20,0% (n=14) dos inquiridos tinham uma criança e destes 50,0% (n=7) adotaram (Tabela 5). A respeito do número de adultos no agregado familiar, 57,1% (n=40) viviam com uma outra pessoa adulta e destes 60,0% (n=24) adotaram. Houve 21,4% (n=15) dos inquiridos com apenas um adulto no seu agregado, dos quais 66,7% (n=10) adotaram e houve ainda 21,4% (n=15) dos participantes a viver com pelo menos mais dois adultos, e destes 53,3% (n=8) adotaram animais (Tabela 4).

Foram vários os concelhos de origem dos visitantes: 49,3% (n=34) vieram do concelho de Lisboa, em que 58,8% (n= 20) adotaram, enquanto os restantes 50,7% (n=35) eram oriundos de 11 concelhos limítrofes (Loures, Sintra, Odivelas, Oeiras, Amadora, Cascais, Montijo, Abrantes, Almada, Seixal e Vila Franca de Xira), e destes 60,0% (n=21) adotaram (Tabela 4).

Relativamente ao tipo de habitação, 78,5% (n=55) dos visitantes indicaram morar em apartamento, dos quais 60,0% (n=33) adotaram. Outros 17,1% (n=12) indicaram morar numa moradia, metade dos quais (n=6) adotou e 2,9% (n=2), indicaram habitar em quintas em que 100,0% (n=2) adotaram (Tabela 5). No que concerne à área/tipologia das casas, 30,4% (n=21) indicaram habitar numa área equivalente de T0 a T2, dos quais 61,9% (n=14) adotaram; 29,0% (n=20) viviam num T3 e 70,0% (n=14) destes adotaram e 29,0% (n=20) viviam num T4 ou maior, em que 70,0% (n=14) adotaram (Tabela 5). Relativamente à presença de quintal e varanda, 35,7% (n=25) das pessoas indicaram não ter nenhuma, e destas 52,0% (n=13) adotaram; 34,3% (n=24) tinham quintal das quais 66,7% (n=16) adotaram e 30,0% (n=21) tinham varanda, em que 61,9% (n=13) adotaram (Tabela 4).

Tabela 4 – Perfil dos visitantes e a sua influência na adoção (n=70).

	Adotou?				Total		p
	Não		Sim		n	% ^b	
	n	% ^a	n	% ^a	n	% ^b	
Idade							
18-30 anos	11	55,0%	9	45,0%	20	28,6%	0,1115
31-50 anos	9	26,5%	25	73,5%	34	48,6%	
51-65 anos	7	53,8%	6	46,2%	13	18,6%	
>65 anos	1	33,3%	2	66,7%	3	4,3%	
Sexo							
Feminino	15	36,6%	26	63,4%	41	58,6%	0,488
Masculino	13	44,8%	16	55,2%	29	41,4%	
Habilitações literárias							
Ensino básico	6	40,0%	9	60,0%	15	21,4%	0,199
Ensino secundário	12	54,5%	10	45,5%	22	31,4%	
Ensino superior	10	30,3%	23	69,7%	33	47,1%	
Estado Civil							
Solteiro	14	48,3%	15	51,7%	29	41,4%	
Casado/ União de facto	11	40,7%	16	59,3%	27	38,6%	0,298
Divorciado	3	30,0%	7	70,0%	10	14,3%	
Viúvo	0	0,0%	4	100,0%	4	5,7%	
Principal meio de vida							
Trabalho	23	39,0%	36	61,0%	59	84,3%	1
Reforma	3	42,9%	4	57,1%	7	10,0%	
Sub. Desemprego	1	50,0%	1	50,0%	2	2,9%	
Outros rendimentos	1	50,0%	1	50,0%	2	2,9%	
Nº total de pessoas do agregado familiar							
Uma pessoa	3	30,0%	7	70,0%	10	14,3%	0,889
Duas pessoas	10	41,7%	14	58,3%	24	34,3%	
Mais que duas pessoas	15	41,7%	21	58,3%	36	51,4%	
Nº de crianças do agregado familiar							
Zero	17	43,6%	22	56,4%	39	55,7%	0,257
Uma	7	50,0%	7	50,0%	14	20,0%	
Duas ou mais	4	23,5%	13	76,5%	17	24,3%	
Nº de adultos do agregado familiar							
Um	5	33,3%	10	66,7%	15	21,4%	0,758
Dois	16	40,0%	24	60,0%	40	57,1%	
Três ou mais	7	46,7%	8	53,3%	15	21,4%	
Concelho (n=69)							
Lisboa	14	41,2%	20	58,8%	34	49,3%	0,921
Outro concelho	14	40,0%	21	60,0%	35	50,7%	
Tipo de habitação							
Apartamento	22	40,0%	33	60,0%	55	78,6%	0,614
Moradia	6	50,0%	6	50,0%	12	17,1%	
Quinta	0	0,0%	2	100,0%	2	2,9%	
Outro	0	0,0%	1	100,0%	1	1,4%	
Tipologia da habitação (n=69)							
T0-T2	15	51,7%	14	61,9%	29	42,0%	0,188
T3	6	30,0%	14	70,0%	20	29,0%	
T4 ou mais	6	30,0%	14	70,0%	20	29,0%	
Habitação com quintal ou varanda							
Não tem nenhuma	12	48,0%	13	52,0%	25	35,7%	0,565
Quintal	8	33,3%	16	66,7%	24	34,3%	
Varanda	8	38,1%	13	61,9%	21	30,0%	

Notas: a - % por cada um dos níveis da variável em função se adotou ou não; b- % por classe do total de visitantes; c - Sub. Desemp.: subsídio de desemprego

4.3.2. Disponibilidade de tempo e encargos previstos com a adoção

Não foi encontrada evidência de associação estatisticamente significativa entre a disponibilidade horária e financeira dos visitantes e o sucesso das visitas (Tabela 5).

Quanto ao primeiro fator, 46,4% (n=32) dos munícipes indicaram poder ter disponibilidade de 4 a 8h diárias para passar com o novo animal, 29,0% (n=20) planeavam despendar mais de 8 horas e 24,6% (n=17) indicaram ter entre 1 a 4 horas (Tabela 5).

Relativamente aos custos anuais expectáveis com o cuidado de um animal, 34,8% (n=24) esperava gastar 400 a 800€, 29,0% (n=20) não sabia; 23,2% (n=16) acreditava gastar até 400€, e 13,0% (n=9) apontou para gastos superiores a 800€ (Tabela 5).

Tabela 5 – Disponibilidade de tempo e encargos previstos com a adoção (n=69)

	Adotou?				Total		p
	Não		Sim		n	% ^b	
	n	% ^a	n	% ^a	n	% ^b	
Disponibilidade horária							
1-4h	4	23,5%	13	76,5%	17	24,6%	0,152
4-8h	13	40,6%	19	59,4%	32	46,4%	
>8h	11	55,0%	9	45,0%	20	29,0%	
Custo estimado por ano							
Até 400€	9	56,2%	7	43,8%	16	23,2%	0,271
400 a 800€	7	29,2%	17	70,8%	24	34,8%	
Mais de 800€	5	55,6%	4	44,4%	9	13,0%	
Não tem ideia	7	35,0%	13	65,0%	20	29,0%	

Notas: a - % por cada um dos níveis da variável em função se adotou ou não; b- % por classe do total de visitantes

4.3.3. Fatores associados à visita

Não foi encontrada qualquer associação estatisticamente significativa entre o facto da CAL ser a primeira instituição a ser visitada, a forma como tomou conhecimento da CAL, o estar acompanhado e o número de acompanhantes no momento da visita com a concretização de adoção (Tabela 6).

No entanto, o objetivo da visita já teve influência na concretização da adoção (Teste exato de Fisher, com $p < 0,001$). Existiram 61,4% (n=43) dos visitantes que tinham como objetivo ver e adotar no próprio dia, sendo que 72,1% (n=31) efetivamente o fizeram. Dos 25,7% (n=18) que queriam ver e refletir primeiro, 11,1% (n=2) adotaram. Houve ainda 12,9% (n=9) que planeavam adotar um animal que já tinham visto noutra visita e destes 100,0% (n=9) adotaram (Tabela 6).

Este centro foi o primeiro a ser visitado por 78,6% (n=55) dos visitantes, dos quais 61,8% (n=34) adotaram. Os restantes 21,4% (n=15) tinham já visitado outros centros de recolha, sendo que 53,3% (n=8) dos mesmos efetivaram a adoção na CAL (Tabela 6). Os visitantes foram também inquiridos quando ao modo como tiveram conhecimento da existência da CAL, verificando-se que 40,6% (n=28) descobriram o CRO na *internet* e 29,0% (n=20) conheceram através de pessoas conhecidas (Tabela 6).

Verificou-se que 72,9% (n=51) dos visitantes foram acompanhados por familiares ou amigos à CAL, dos quais 60,8% (n=31) adotaram (Tabela 6). Existiram, 47,1% (n=33) dos visitantes que foram acompanhados por mais uma pessoa, em que 51,5% (n=17) adotaram e ainda 25,7% (n=18) visitantes que foram acompanhados por pelo menos duas pessoas, em que 77,8% (n=14) adotaram (Tabela 6).

Tabela 6 – Fatores associados à visita na CAL e sua influência na adoção (n=70).

	Adotou?				Total		p
	Não	Sim	n	% ^a	n	% ^b	
Objetivo da visita							
Adotar animal já visto	0	0,0%	9	100,0%	9	12,9%	<0,001
Ver e adotar	12	27,9%	31	72,1%	43	61,4%	
Ver e pensar	16	88,9%	2	11,1%	18	25,7%	
A CAL é a 1ª instituição?							
Não	7	46,7%	8	53,3%	15	21,4%	0,552
Sim	21	38,2%	34	61,8%	55	78,6%	
Conhecimento da CAL através de: (n=69)							
Conhecidos	6	30,0%	14	70,0%	20	29,0%	0,535
Internet	11	39,3%	17	60,7%	28	40,6%	
Redes sociais	2	40,0%	3	60,0%	5	7,2%	
TV/ rádio/ jornais/ revistas	0	0,0%	1	100,0%	1	1,4%	
Voluntários e funcionários	2	33,3%	4	66,7%	6	8,7%	
Outro	6	66,7%	3	33,3%	9	13,0%	
Veio acompanhado							
Não	8	42,1%	11	57,9%	19	27,1%	0,826
Sim	20	39,2%	31	60,8%	51	72,9%	
Nº de elementos acompanhantes							
0 pessoas	8	42,1%	11	57,9%	19	27,1%	0,183
1 pessoa	16	48,5%	17	51,5%	33	47,1%	
2 ou mais pessoas	4	22,2%	14	77,8%	18	25,7%	

Notas: a - % por cada um dos níveis da variável em função se adotou ou não; b- % por classe do total de visitantes

4.3.4. Experiência com animais

Quando questionados relativamente à experiência com animais, foi possível verificar que 70,0% (n=49) das pessoas não tinham gatos ou cães quando se dirigiram ao canil, entre as quais 63,3% (n=31) adotaram. Dos restantes 30,0% (n=21) que indicaram ter pelo menos um animal, 52,4% (n=11) adotaram. Não se observou uma diferença estatisticamente significativa entre os dois grupos ($p=0,394$) (Tabela 7).

Por fim, 80,0% (n=56), afirmou ter tido um cão ou gato como animal de companhia nos últimos 10 anos, sendo que 53,6% (n=30) levaram um animal para casa. Dos restantes 20,0% (n=14) que não tiveram animais neste período, 85,7% (n=12) adotaram. Verificou-se uma associação estatisticamente significativa entre possuir um animal nos últimos 10 anos e a concretização da adoção ($\chi^2=(1, N=70)=4,8214, p=0,028$) (Tabela 7).

Tabela 7 – Experiência dos visitantes com animais e sua influência na adoção (n=70).

	Adotou?				Total		p
	Não		Sim		n	% ^b	
	n	% ^a	n	% ^a	n	% ^b	
Tem cães e/ou gatos atualmente							
Não	18	36,7%	31	63,3%	49	70,0%	0,394
Sim	10	47,6%	11	52,4%	21	30,0%	
Teve cães e/ou gatos nos últimos 10 anos							
Não	2	14,3%	12	85,7%	14	20,0%	<0,05
Sim	26	46,4%	30	53,6%	56	80,0%	

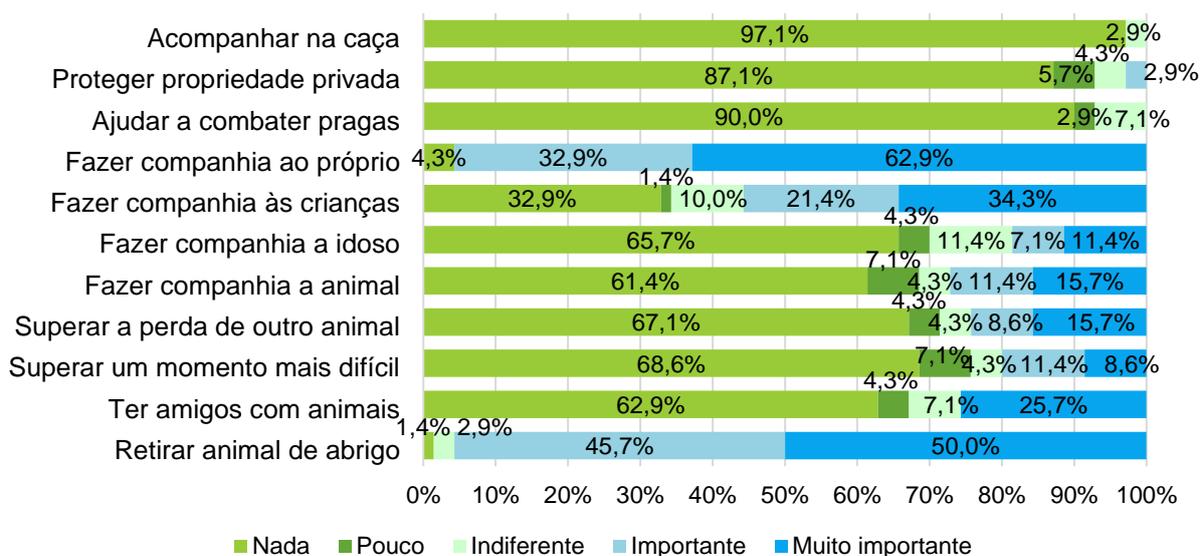
Notas: a - % por cada um dos níveis da variável em função se adotou ou não; b - % por classe do total de visitantes

4.3.5. Motivações para a adoção de um animal de companhia

Os visitantes foram também questionados quanto aos fatores que os levaram a querer adotar um animal, atribuindo um nível de importância a cada um.

Acompanhar na caça, proteger propriedade privada e ajudar a combater pragas, foi considerado como um fator nada importante para a adoção de um animal (97,1%, n=68; 87,1%, n=61; 90,0%, n=63, respectivamente). Fazer companhia ao próprio foi considerado muito importante por 62,9% (n=44) e importante por 32,9% (n=23). Fazer companhia às crianças foi considerado muito importante por 34,3% (n=24), nada importante por 32,9% (n=23) e importante por 21,4% (n=15) e indiferente por 10,0% (n=7). Fazer companhia a idoso foi considerado nada importante por 65,7% (n=46) das pessoas, 11,4% (n=8) como muito importante e 11,4% (n=8) como indiferente. Fazer companhia a animal foi um motivo indicado como nada importante para 61,2% (n=43) dos visitantes, muito importante para 15,7% (n=11) e importante para 11,4% (n=8). Superar a perda de um animal foi determinado como fator nada importante em 67,1% (n=47) das respostas, muito importante em 15,7% (n=11) e importante em 8,6% (n=6). Ainda a superação de um momento mais difícil (ex: perda de familiar, divórcio) foi um motivo nada importante para 68,6% (n=48) das pessoas, importante para 11,4% (n=8) e muito importante para 8,6% (n=6). Ter amigos com animais foi considerado um fator nada importante por 62,9% (n=44) e muito importante por 25,7% (n=18). Retirar animal de abrigo foi por 50,0% (n=35) dos inquiridos um fator muito importante e por 45,7% (n=32) importante (Gráfico 18).

Gráfico 18 – Motivações para a adoção de um animal (n=70).



4.3.6. Características desejadas no animal procurado

4.3.6.1. Características físicas

Verificou-se que 52,9% (n=37) dos visitantes procuravam gatos e 47,1% (n=33) cães. O sexo do animal era indiferente para 50,0% (n=35), 30,0% (n=21) procuravam machos e 20,0% (n=14) preferiam fêmeas. Relativamente à idade, 71,4% (n=50) procuravam animais jovens. Em relação à raça, 90,0% (n=63) não tinham qualquer preferência. Quanto à cor, 85,7% (n=60) indicaram que não tinham preferência e 88,6% (n=62) também expressou que o tipo de pelo era indiferente. Relativamente ao tamanho do pelo 72,9% (n=51), consideravam-no indiferente e 24,3% (n=17) preferia o pelo curto. Dos 33 visitantes que procuravam cães, 45,5% (n=15) preferia o porte pequeno, enquanto 21,2% (n=7) o porte grande, 21,2% (n=7) era indiferente e 12,1% (n=4) procuravam o porte médio (Tabela 8).

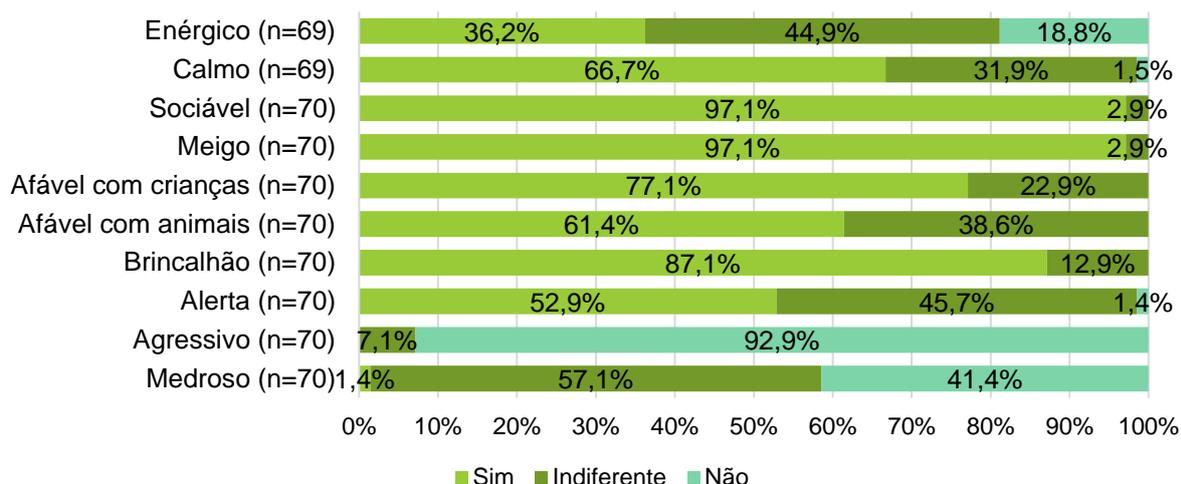
Tabela 8 – Características físicas procuradas num animal (n=70).

Característica	n	%	Característica	n	%
Espécie			Cor		
Cão	33	47,1%	Não	60	85,7%
Gato	37	52,9%	Sim	10	14,3%
Sexo			Tipo de pelo		
Fêmea	14	20,0%	Indiferente	62	88,6%
Macho	21	30,0%	Liso	7	10,0%
Indiferente	35	50,0%	Cerdoso	1	1,4%
Idade			Tamanho do pelo		
Indiferente	13	18,6%	Indiferente	51	72,9%
Jovem	50	71,4%	Comprido	1	1,4%
Adulto	7	10,0%	Médio	1	1,4%
Porte (cão) (n=33)			Curto	17	24,3%
Indiferente	7	21,2%	Raça		
Pequeno	15	45,5%	Não	63	90,0%
Médio	4	12,1%	Sim	7	10,0%
Grande	7	21,2%			

4.3.6.2. Características comportamentais

Abordaram-se também quais as características comportamentais desejadas num animal a adotar. Um animal enérgico era indiferente para 44,9% (n=31) e apreciado por 36,2% (n=25). Por outro lado, ser calmo foi valorizado por 66,7% (n=46) dos inquiridos e indiferente para 31,9% (n=22). O ser sociável e ser meigo tiveram as mesmas respostas, sendo apreciadas por 97,1% (n=68) dos visitantes. O ser afável com crianças foi uma característica pretendida por 77,1% (n=54) e indiferente para 22,9% (n=16); já o ser afável com outros animais foi selecionada por 61,4% (n=43) e indiferente para 38,6% (n=27). Entre os inquiridos, 87,1% (n=61) consideraram desejável ser brincalhão, sendo indiferente para 12,9% (n=9). Ser um animal mais alerta, foi procurado por 52,9% (n=37), enquanto 45,7% (n=32) dos visitantes indicou ser indiferente. O comportamento agressivo foi selecionado como indesejado por 92,9% (n=65). O animal ser nervoso era indiferente para 57,1% (n=40) dos participantes e indesejável para 41,4% (n=29) (Gráfico 19).

Gráfico 19 – Características comportamentais procuradas num animal.



4.3.7. Motivos para o insucesso da visita

Houve 28 pessoas que não adotaram no dia da visita. Um dos motivos indicados por 3,6% (n=1) relacionava-se com o facto de não terem apreciado o comportamento dos animais observado durante a visita e 14,3% (n=4) indicaram que as características físicas dos animais não correspondiam às procuradas. Houve 57,1% (n=16) que gostaram de um animal em especial, mas preferiram refletir e 25,0% (n=7) preferiam ver outras instituições antes de adotar. Houve ainda 35,7% (n=10) dos visitantes que não adotaram por outros motivos (Gráfico 20). Observou-se que 100,0% (n=28) dos inquiridos que não adotaram no dia da visita tinham intenções de adotar num futuro próximo.

Gráfico 20 – Razões para os visitantes não adotarem no dia da visita (n=28).



4.3.8. Caracterização dos animais adotados

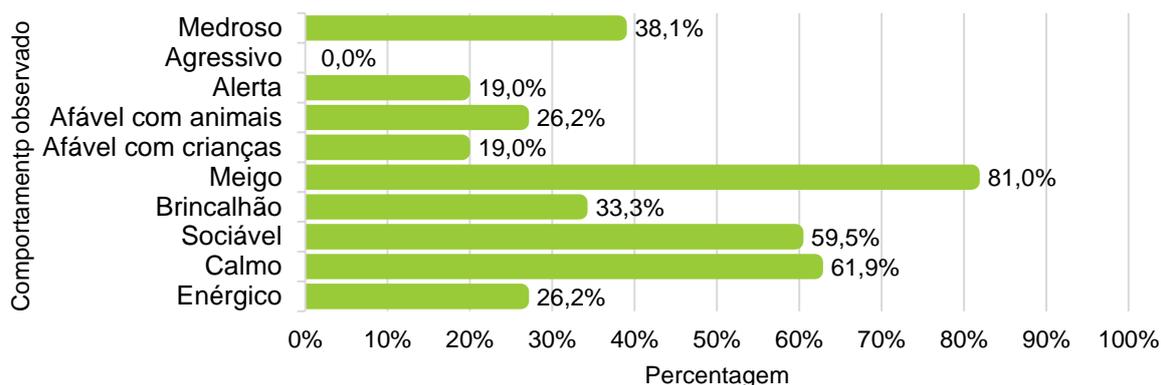
Foram adotados 42 animais, 18 (42,9%) dos quais eram cães e 24 (57,1%) gatos. Relativamente aos sexos dos animais adotados, 52,4% (n=22) eram fêmeas e 47,6% (n=20) eram machos. Houve 47,6% (n=20) adoções de animais juvenis (até 6 meses). Relativamente à raça, 81,0% (n=34) dos animais eram de raça indeterminada. Quanto ao tipo e tamanho de pelo, 95,2% (n=40) tinham o pelo liso e 90,5% (n=38) tinha pelo curto. Considerando apenas os cães, 72,2% (n=13) eram de porte médio e 16,7% (n=3) de porte pequeno (Tabela 9).

Tabela 9 – Características dos animais adotados (n=42).

	n	%		n	%
Espécie			Raça		
Cão	18	42,9%	Indeterminada	34	81,0%
Gato	24	57,1%	X de raça	8	19,1%
Sexo			Tipo de pelo		
Fêmea	22	52,4%	Cerdoso	2	4,8%
Macho	20	47,6%	Liso	40	95,2%
Idade			Tamanho de pelo		
Juvenil	20	47,6%	Curto	38	90,5%
Jovem	8	19,1%	Médio	3	7,1%
Jovem adulto	5	11,9%	Comprido	1	2,4%
Adulto	9	21,4%			
Porte (cão) (n=18)					
Pequeno	3	16,7%			
Médio	13	72,2%			
Gigante	2	11,1%			

Os 42 adotantes indicaram que no decorrer da visita os animais adotados demonstraram ser meigos (81,0%, n=34), calmos (61,9%; n=26) e sociáveis (59,5%; n=25), sendo que nenhum exibiu sinais de agressividade (Gráfico 21).

Gráfico 21 – Comportamento exibido pelos animais adotados durante a visita (n=42).



4.3.8.1. Fatores que influenciaram a adoção

4.3.8.1.1. Principais razões que levaram à adoção animal

No final do processo de adoção, 70,7% (n=29) dos adotantes indicaram ter adotado porque gostaram do animal no próprio dia, 24,4% (n=10) adotou porque o tinha visto anteriormente, e 4,9% (n=2) tiveram em consideração a opinião de terceiros (Gráfico 22).

Gráfico 22 – Principais razões que levaram à adoção de determinado animal

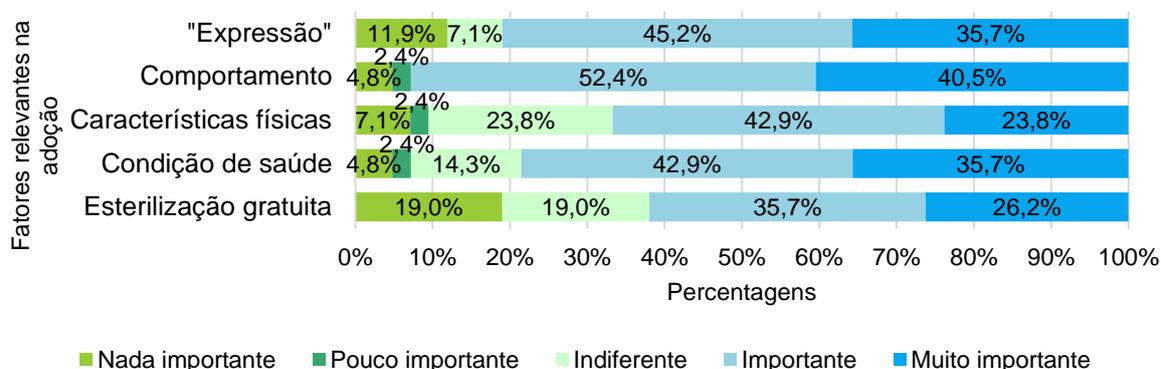


4.3.8.1.2. Características dos animais determinantes para a adoção

Uma vez tomada a decisão de adotar, os visitantes indicaram as características que influenciaram a sua escolha, assim como o nível de importância de cada uma. Assim, a expressão do animal foi considerada uma característica importante por 45,2% (n=19) dos adotantes e muito importante por 35,7% (n=15). Relativamente ao comportamento 52,4% (n=22) indicaram ter sido um fator importante e 40,5% (n=17) muito importante. Em relação às características físicas, 42,9% (n=18) dos adotantes indicaram ter sido um fator importante, 23,8% (n=10) muito importante e 23,8% (n=10) indiferente na adoção do animal. A condição de saúde foi um fator considerado importante na decisão da adoção por 42,9% (n=18) e muito importante para 35,7% (n=15). A esterilização gratuita foi mencionada por 35,7% (n=15) como

importante para a decisão de adoção, por 26,2% (n=11) como muito importante, 19,0% (n=8) indiferente e 19,0% (n=8) nada importante (Gráfico 23).

Gráfico 23 – Relevância de alguns fatores para a adoção.



4.3.9. Associação entre as características dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados

4.3.9.1. Associação entre o sexo dos visitantes e a espécie, sexo e cor dos animais procurados/adotados

Quanto à espécie procurada, 63,4% (n=26) das mulheres procuravam gatos e 62,1% (n=18) dos homens procuravam cães. No final da visita, 69,2% (n=18) das mulheres adotaram gatos e 62,5% (n=10) dos homens adotaram cães. Verificou-se uma diferença significativa entre os sexos dos visitantes e os animais procurados ($\chi^2=(1, N=70)=4,4268, p=0,035$) e os adotados ($\chi^2=(1, N=42)=4,0721, p=0,044$) (Tabela 10).

Observou-se que 29,3% (n=12) das mulheres procuravam fêmeas e 19,5% (n=8) procuravam machos. Por outro lado, 44,8% (n=13) dos homens preferiam machos e 6,9% (n=2) fêmeas. Esta preferência foi estatisticamente significativa ($\chi^2=(1, N=70)=7,9086, p=0,019$). No final da visita, observou-se que 61,5% (n=16) das mulheres adotaram fêmeas e 62,5% (n=10) dos homens adotaram machos, não se observando, neste caso, uma diferença estatisticamente significativa ($\chi^2=(1, N=42)=2,2946, p=0,130$) (Tabela 10).

Houve 22,0% (n=9) das mulheres e 3,4% (n=1) dos homens que indicaram procurar um animal de uma cor em especial, existindo uma diferença significativa (Teste exato de Fisher, $p=0,038$) (Tabela 10).

Tabela 10 – Associação entre o sexo dos visitantes e a espécie, sexo e cor dos animais procurados/adotados.

	Animal procurado			Animal adotado		
	Mulheres n=41 n (%)	Homens n=29 n (%)	p	Mulheres n=26 n (%)	Homens n=16 n (%)	p
Espécie						
Cão	15 (36,6%)	18 (62,1%)	<0,05	8 (30,8%)	10 (62,5%)	<0,05
Gato	26 (63,4%)	11 (37,9%)		18 (69,2%)	6 (37,5%)	
Sexo						
Indiferente	21 (51,2%)	14 (48,3%)	<0,05	NA	NA	0,130
Fêmea	12 (29,3%)	2 (6,9%)		16 (61,5%)	6 (37,5%)	
Macho	8 (19,5%)	13 (44,8%)		10 (38,5%)	10 (62,5%)	
Cor						
Não	32 (78,0%)	28 (96,6%)	<0,05	NA	NA	
Sim	9 (22,0%)	1 (3,4%)		NA	NA	

4.3.9.2. Associação entre os concelhos dos visitantes e a idade dos animais procurados/adotados

Entre os visitantes que habitavam em Lisboa, 82,4% (n=28) procuravam animais jovens e 2,9% (n=1) procuravam adultos. Dos habitantes de outros concelhos, 60,0% (n=21) procuravam animais jovens e 17,1% (n=6) preferiam adultos, não se verificando uma diferença estatisticamente significativa (Teste exato de Fisher, $p=0,076$) (Tabela 11).

No final da visita, 85,0% (n=17) dos habitantes de Lisboa adotaram animais jovens e 15,0% (n=3) adultos, por outro lado, 52,4% (n=11) dos habitantes de outros concelhos levaram adultos e 47,6% (n=10) adotaram jovens. Os resultados mostram uma diferença estatisticamente significativa nesta associação ($\chi^2=(1, N=41)=6,3656, p=0,012$) (Tabela 11).

Tabela 11 – Associação entre o concelho de proveniência dos visitantes e a idade dos animais procurados/adotados.

	Animal procurado			Animal adotado		
	Lisboa n=34 n (%)	Outro concelho n=35 n (%)	p	Lisboa n=20 n (%)	Outro concelho n=21 n (%)	p
Idade						
Indiferente	5 (14,7%)	8 (22,9%)	0,076	NA	NA	<0,05
Jovem	28 (82,4%)	21 (60,0%)		17 (85,0%)	10 (47,6%)	
Adulto	1 (2,9%)	6 (17,1%)		3 (15,0%)	11 (52,4%)	

4.3.9.3. Associação entre existência de varanda/quintal na habitação dos visitantes e a espécie e porte dos animais procurados/adotados

As pessoas que não possuíam nem varanda nem quintal, 56,0% (n=14) procuravam gatos e 44,0% (n=11) procuravam cães, enquanto as que tinham varanda, 66,7% (n=14) procuravam gatos e 33,3% (n=7) procuravam cães. Aquelas que tinham quintal, 62,5% (n=15) procuravam cães e 37,5% (n=9) procuravam gatos. No final da visita, após a adoção, verificou-se que os detentores que não tinham varanda ou quintal, 61,5 % (n=8) adotaram gatos,

enquanto aqueles que tinham varanda, 92,3% (n=12) adotaram gatos e os que tinham quintal, 75,0% (n=12) adotaram cães. Observou-se uma diferença estatisticamente significativa em relação à espécie adotada ($\chi^2=(2, N=42)=13,417, p=0,001$), mas não em relação à procurada ($\chi^2=(2, N=70)=3,9778, p=0,137$) (Tabela 12).

Quanto ao porte, os visitantes que não tinham nem varanda nem quintal, 90,0% (n=10) preferiam cães pequenos. Dos que tinham varanda 28,6% (n=2) procuravam animais pequenos, 14,3% (n=1) médios e 14,3% (n=1) grandes. Para os visitantes que tinham quintal e procuravam cães, 40,0% (n=6) procuravam cães grandes, 20,0% (n=3) pequenos e 13,3% (n=2) de porte médio. No final da visita, 60,0% (n=3) dos adotantes que não tinham nem varanda nem quintal adotaram cães de porte pequeno e 40,0% (n=2) adotaram cães de porte médio. O único adotante que tinha varanda (100,0%; n=1) adotou um cão de porte médio. Entre os que tinham quintal, 83,3% (n=10) adotaram animais de porte médio e 16,7% (n=2) de porte grande. Observou-se uma diferença estatisticamente significativa relativamente aos animais procurados (Teste exato de Fisher, com $p=0,003$) e adotados (Teste exato de Fisher, com $p=0,045$) (Tabela 12).

Tabela 12 – Associação entre a existência de varanda/quintal na habitação dos visitantes e a espécie e porte (no caso dos cães) dos animais procurados/adotados.

	Animal procurado			p	Animal adotado			p
	Não tem nenhuma n=25 n (%)	Varanda n=21 n (%)	Quintal n=24 n (%)		Não tem nenhuma n=13 n (%)	Varanda n=13 n (%)	Quintal n=16 n (%)	
Espécie								
Cão	11 (44,0%)	7 (33,3%)	15(62,5%)	0,137	5 (38,5%)	1 (7,7%)	12 (75,0%)	<0,01
Gato	14 (56,0%)	14 (66,7%)	9 (37,5%)		8 (61,5%)	12 (92,3%)	4(25,0%)	
Porte (cão)	n=11	n=7	n=15		n=5	n=1	n=12	
Indiferente	0%	3 (42,9%)	4 (26,7%)	<0,01	NA	NA	NA	<0,05
Pequeno	10 (90,9%)	2 (28,6%)	3 (20,0%)		3 (60,0%)	0%	0%	
Médio	1 (9,1%)	1 (14,3%)	2 (13,3%)		2 (40,0%)	1 (100,0%)	10 (83,3%)	
Grande	0%	1 (14,3%)	6 (40,0%)		0%	0%	2(16,7%)	

5. Discussão

5.1. Caracterização dos cães admitidos na CAL (2017-2019)

5.1.1. Caracterização dos cães admitidos

Ao longo dos três anos (2017, 2018 e 2019) verificou-se uma diminuição do número de animais admitidos. Esta pode dever-se a um maior escrutínio dos critérios de admissão, de forma a reduzir o abandono indiscriminado destes animais e a um esforço para encontrar alternativas dentro do agregado familiar ou outros. Outro possível fator é o apoio da CAL a associações que ajudam famílias carenciadas a cuidar dos seus animais, nomeadamente através da prestação de atos médicos gratuitos que incluem, por exemplo, a esterilização. Destaca-se também a aplicação de medidas por parte do governo, nomeadamente a

regulamentação da criminalização do abandono e maus-tratos a animais de companhia (Lei nº 69/2014 de 29 de agosto), a alteração do estatuto jurídico dos animais, reconhecendo-os como seres vivos dotados de sensibilidade (Lei 8/2017 de 3 de março) e a obrigatoriedade da colocação de *transponder* (DL 313/2003 de 17 de dezembro e DL 82/2019 de 27 de junho).

Existe uma maior proporção de machos admitidos nos três anos, à semelhança de resultados reportados em estudos anteriores (Marston et al. 2004, 2005; Cannas et al. 2014, Fatjó et al. 2015; Zak et al. 2015; Talamonti et al. 2018). Verificou-se que os machos tinham quase duas vezes mais entradas por agressão do que as fêmeas. Esta maior predisposição para fenómenos de agressividade por parte de machos tem já sido mencionada em diversos estudos (Messam et al. 2018; Cannas et al. 2018; Caffrey et al. 2019; Notari et al. 2020).

As admissões por motivos relacionados com o detentor eram 5% mais frequentes nas fêmeas. Os problemas relacionados com o detentor são difíceis de analisar, considerando a sua grande diversidade.

Nos três anos avaliados, cerca de metade dos animais recebidos tinham até 2 anos de idade, à semelhança dos resultados de outros estudos (Patronek et al. 1995; Miller et al. 1996; New et al. 2000; Bollen and Horowitz 2008; Barnard et al. 2015; Hemy et al. 2017, Protopopova and Gunter 2017; Carter and Taylor 2017; Talamonti et al. 2018). Tal pode-se dever ao facto de o risco de devolução ser maior para animais mais novos ou que estiveram menos tempo com o detentor (New et al. 2000).

A proporção de animais admitidos com idades até 3 meses (11,2% a 18,5%) é semelhante à descrita por Talamonti et al. (2018) (7 a 20%). De notar também que nesta faixa etária estes animais são os que têm uma proporção maior de casos de abandono e/ou maus-tratos (39,5%) face às restantes classes etárias. Estes casos poderão estar associados à ausência de esterilização dos animais de companhia e conseqüente surgimento de ninhadas indesejadas. Podem também tratar-se de animais oferecidos ou adquiridos por impulso por detentores que não conseguem a longo prazo assumir o compromisso ou cujas expectativas não correspondem à realidade (Salman et al. 1998; New et al. 2000; Marston and Bennett 2003; Diesel et al. 2008; Coe et al. 2014; Fatjó et al. 2015; Carter and Taylor 2017). O desconhecimento dos detentores sobre as necessidades e comportamentos próprios destes animais pode também contribuir para o abandono (Scarlett et al. 1999; Salmon et al. 2000). Estes resultados evidenciam a necessidade de incentivar a esterilização e torná-la acessível, e de identificar os animais e respetivos criadores e detentores.

Em cada um dos grupos etários até aos 7 anos, a maior proporção de entradas correspondeu a animais errantes, especialmente nas classes até aos 6 meses (39%). O grupo etário com a maior taxa de entrada por agressão foi o dos 3 aos 7 anos, o que se enquadra nos resultados do estudo de Wright e Nesselrote (1987), que apontam para uma maior incidência de comportamentos agressivos entre os 3 e 4 anos.

A proporção de animais admitidos entre 2017 e 2019 com mais de 7 anos (15,8% a 18,3%) é semelhante à apresentada por Fatjó et al. (2015) (16,5%) e Talamonti et al. (2018) (13 a 20%). Verifica-se que a solicitação de eutanásia vai aumentando com o avançar da idade, começando na faixa etária dos animais com 1 a 2 anos e chegando aos 18,9% na faixa etária dos maiores de 7 anos. Estes resultados são esperados, dado que o avançar da idade leva a uma maior incidência de problemas de saúde.

Evidencia-se também uma maior proporção de animais errantes temporários com o avançar da idade. Estes resultados podem dever-se a uma maior probabilidade de os animais mais velhos apresentarem identificação eletrónica, dada a obrigatoriedade legal (DL 313/2003 de 17 de dezembro).

Com o avançar da idade existem menos admissões por abandono (abandono e/ou maus-tratos e abandono na CAL), suportando a ideia de New et al (2000) e Protopopova e Gunter (2017) de que a probabilidade de abandono diminui em função do avançar da idade do animal e do tempo despendido com o mesmo.

A maior parte dos animais admitidos apresentava porte médio, tal como descrito por outros autores (Diesel et al. 2010; Fatjó et al. 2015; Hemy et al. 2017). Uma vez que animais maiores implicam um maior esforço quer a nível físico, quer económico (Vodičková et al. 2019) e dado o contexto habitacional da zona em que se insere o CRO, onde a restrição de espaço está presente na maioria das habitações, é possível que o porte seja um dos problemas que leve ao abandono, como indicado por Shore et al. (2003). Estas restrições podem reduzir a procura de cães grandes em zonas urbanas (Downes et al. 2009) e aumentá-la nas zonas rurais (Marston et al. 2005b).

Foi possível verificar que quanto maior o porte, menor é a admissão de animais por abandono na CAL. Esta situação talvez se possa dever ao facto do abandono de um animal grande ser mais perceptível, o que pode comprometer a tentativa de abandono. Contudo, estes eram os que tinham maior proporção de entradas por agressão, talvez por poderem infligir lesões de maior gravidade, como é descrito por alguns estudos (Rezac et al. 2015; Morzycki et al. 2019). Apesar de os animais mais pequenos mostrarem uma maior incidência de comportamentos agressivos noutros estudos (Guy et al. 2001; Messam et al. 2018), estes podem não ter consequências tão gravosas que conduzam a denúncias.

As cores mais prevalentes entre os animais admitidos foram o castanho, o preto e o branco, por contraste ao tricolor, tigrado e cinzento, que foram as menos frequentes. Mais de 80% dos animais que entraram tinham pelo liso e mais de 65% tinham pelo curto. Estas proporções podem refletir o fenótipo mais frequente da população canina na região de Lisboa.

Cerca de 15% dos animais admitidos foram classificados como pertencendo a uma raça pura. Estes resultados vão ao encontro de estudos anteriores, que indicam uma prevalência de 5% a 18% de animais de raça pura nos abrigos (Fatjó et al. 2015; Hemy et al.

2017; Gunter 2018). No entanto, deve-se ter em consideração que a classificação pode ser incorreta por se basear em características fenotípicas e não genéticas (Voith et al. 2009; Voslarova et al. 2015; Olson et al. 2015). Os animais de raça pura entraram três vezes mais por agressão do que os animais de raça indeterminada. No entanto, estudos anteriores têm apontado para uma maior incidência de episódios de agressão por parte dos animais sem raça definida (Rosado et al. 2009; Bettencourt 2013). Considerando a totalidade de animais errantes de raça pura (animais errantes e errantes temporários), mais de dois terços (70%) eram errantes temporários. No caso dos animais de raça indeterminada, esta proporção foi pouco superior a um quarto (28%). Estes resultados podem indicar que os animais de raça pura têm maior probabilidade de reencontrar o seu detentor.

Por outro lado, os de raça indeterminada entram em maior proporção por serem animais errantes, por abandono e/ou maus-tratos e ainda por abandono na CAL. Estes resultados reforçam a ideia de que o baixo custo de aquisição do animal pode ter influência no risco de abandono (New et al. 2000; Shore et al. 2003).

A proporção de admissões de animais de raças potencialmente perigosas é, em todos os anos, inferior a 10%, proporção menor do que a calculada num estudo de Talamonti et al. (2018) (20%). Esta diferença pode estar relacionada com uma classificação errónea destes animais (Voith et al. 2009; Voslarova et al. 2015; Olson et al. 2015). No entanto, verifica-se um aumento das admissões destes animais ao longo dos anos, o que pode corresponder a um crescimento populacional destes animais, ou ao surgimento de medidas legislativas mais exigentes quanto à sua detenção (Lei 46/2013 de 4 de julho).

Verificou-se também que é mais frequente a admissão de animais de raças potencialmente perigosas por abandono e maus-tratos (29,5%) e comportamentos agressivos (23,1%), comparando com as restantes (21,9% e 12,1% respetivamente). Por um lado, as raças potencialmente perigosas têm sido associadas a detentores com maior incidência de condenações por crime (Barnes et al. 2006) e existe evidência de altos níveis de agressão entre cães por parte da raça *Pit bull* (Duffy et al. 2008), assim como hiperatividade, impulsividade e comportamentos compulsivos (Salonen et al. 2020). No entanto, também existem estudos que não encontram diferenças no comportamento desta raça em relação a outras (MacNeil-Allcock et al. 2011; Kwan and Bain 2013), sendo por isso necessários mais estudos para compreender estes resultados.

Fazendo uma análise geral sobre os motivos de admissão nos três anos, a entrada de animais errantes e por abandono/maus-tratos representou mais de 27% e 21% do total de admissões, respetivamente. Para além disso, cerca de 15% eram errantes temporários, ou seja, um terço dos animais que entram como errantes acabam por voltar ao seu detentor. Estes resultados vão ao encontro de outros estudos que indicam que, 13 a 23% dos cães que entram em abrigos, regressam aos detentores (Bartlett et al. 2005; Protopopova and Gunter

2017). Estas proporções evidenciam a importância da identificação eletrônica para aumentar a probabilidade de reencontro com o detentor, tal como verificado por Lord et al. (2009) e Fatjó et al. (2015), reduzindo a pressão sobre os canis, identificando os casos de abandono e agindo em conformidade. No caso da CAL, se todos os animais admitidos estivessem identificados, uma maior proporção dos animais errantes teria sido devolvida e passaria a enquadrar-se na categoria de errantes temporários.

Comparando o total dos animais abandonados (abandono e/ou maus-tratos e abandono na CAL) com o dos errantes (errantes e errantes temporários), entram 1,5 vezes mais animais errantes do que abandonados. Esta proporção é ligeiramente inferior à calculada pela *American Society for the Protection of Cruelty to Animals* (ASPCA) nos EUA, que refere que existem duas vezes mais animais errantes nos canis do que abandonados pelos seus detentores (Protopopova and Gunter 2017). A percentagem de abandonados é variável consoante o estudo e região analisada, com proporções entre 15% (Marston et al. 2004) e 50% (Salman et al. 1998; Stavisky et al 2012). Os errantes representam 53 a 83% das admissões (Wenstrup and Dowidchuk 1999; Lepper et al. 2002; Marston et al. 2004; Protopopova et al. 2012; Hemy et al. 2017; Protopopova and Gunter 2017). No entanto, é difícil saber a verdadeira origem dos animais errantes, sendo possível que uma parte tenha sido abandonada na via pública.

Os animais abandonados à porta da CAL constituíram 4,6% a 7,6% do total de entradas. Este tipo de abandono é, provavelmente, praticado por pessoas que procuram um local onde haja maior probabilidade de recolha e acesso aos devidos cuidados, aliviando algum sentimento de culpa pelo ato praticado.

Os problemas relacionados com o detentor representaram 10,5% a 13,3% dos motivos de entrada. De forma geral, foram situações de entregas na CAL ou recolhas avaliadas particularmente pela direção do CRO. Segundo Dolan et al. (2015), nos três meses que antecedem a cedência de um animal existe *stress* no seio familiar e grande parte das pessoas estão emocionalmente ligadas aos animais. Este estudo indicou que a maioria dos problemas que os detentores apresentaram para entregar os seu animais eram resolúveis com uma assistência adequada. Algumas destas medidas incluem a aposta na educação/sensibilização dos detentores, na participação em aulas de obediência, na implementação de planos de aconselhamento pré e pós adoção e em visitas de acompanhamento (Fournier and Geller 2004; Morris and Gies 2014; Lambert 2014; Dolan et al. 2015; Carter and Taylor 2017). O aumento de alojamentos “pet-friendly” e de serviços de cuidado temporário, de apoios institucionais (Scarlett et al. 1999; Weiss et al. 2015; Carter and Taylor 2017) e a existência de famílias de acolhimento temporário permitiriam também aliviar a pressão sobre os abrigos e diminuir o abandono (Carter and Taylor 2017).

5.1.2. Destino dos cães admitidos (janeiro de 2017 a 30 de junho de 2020)

Cerca de metade dos cães considerados neste estudo foram adotados até ao dia 30 de junho de 2020, à semelhança do descrito por Fatjó et al. (2015) (46,9%), Hemy et al. (2017) (43%) e Talamonti et al. (2018) (36-43%). Cerca de 30% foram restituídos, tratando-se estes de animais errantes temporários, devolvidos após sequestro domiciliário ou situações relacionadas com o detentor. Desta forma, estima-se que mais de 75% dos animais admitidos acabam por ser restituídos ou adotados num período até três anos e meio após entrada.

Observou-se um aumento na percentagem de animais que permaneceram na CAL (6,2 para 12,8%) e uma diminuição dos que foram adotados (51,8% para 44,4%). Estes dados podem dever-se ao facto de os animais admitidos em 2017 terem uma maior probabilidade de serem adotados até à data de término da recolha de dados do que os que entraram em 2019, por terem estado mais tempo na CAL. Seria interessante a realização de estudos mais prolongados no tempo de forma a obter resultados mais sólidos e compreender qual a proporção de animais que não são adotados ao fim de vários anos. Cerca de 7% dos cães admitidos morreram por occisão e 5% por morte natural. A CAL é um CRO de não-abate desde 2013, o que se reflete nestas pequenas proporções.

5.1.2.1. Caracterização das adoções na CAL

Em relação ao sexo dos cães adotados entre 2017 e junho de 2020, houve mais adoções de machos. Apesar disso, as fêmeas tiveram um tempo de permanência inferior, tal como indicado em estudos anteriores (Cannas et al. 2014; Svoboda and Hoffman 2015; Zak et al. 2015). A preferência por fêmeas pode justificar-se com a ideia de que são mais fáceis de treinar e mais obedientes (Bennett and Rohlf 2007). A maior taxa de adoção de machos pode estar relacionada com a disponibilidade destes animais no CRO.

Os cachorros até 3 meses, cães com 1 a 2 anos e com 3 a 7 anos foram os mais adotados, representando mais de 20% das adoções em cada grupo. Verificou-se, ainda, que quanto mais velho, maior o tempo de permanência no CRO, resultados também observados anteriormente (Brown et al. 2013; Svoboda and Hoffman 2015; Raudies 2021). Zak et al. (2015) verificaram que cães com idades até um ano tinham um tempo de estadia três vezes menor do que os com mais de 6 anos (Zak et al. 2015). A preferência por animais mais novos pode ser explicada pelo conceito conhecido por “esquema infantil”, segundo o qual características infantis como a cabeça grande ou olhos grandes são reconhecidos como inofensivos e incentivam o comportamento de cuidado e proteção (Serpell, 2003; King et al. 2009; Glocker et al. 2012; Eborgi et al. 2014). Também a sua vulnerabilidade e o seu comportamento curioso e sociável cativa a atenção dos visitantes (Archer 1997; King et al. 2009). Estudos anteriores mostraram que os cachorros são mais calmos, fáceis de educar,

sociáveis e têm menor probabilidade de ter problemas comportamentais do que cães adquiridos enquanto adultos (Serpell and Jagoe 1995; Kubinyi et al. 2009; Normando et al. 2006; King et al. 2009). Por outro lado, o desinteresse por cães mais velhos pode dever-se a estes serem associados a um maior risco de problemas de saúde e custos acrescidos nos cuidados médico-veterinários (Clancy and Rowan 2003; Zak et al. 2015; Wallis et al. 2018). Perante a adoção preferencial de animais mais novos em detrimento dos mais velhos, Kay et al. (2018) sugerem que os abrigos invistam mais tempo e recursos na promoção de adoção de animais adultos para reduzir o seu tempo de permanência. Algumas organizações, como a ASPCA, nos EUA, têm implementado um mês específico para promover a adoção de animais seniores (ASPCA 2017; Kay et al. 2018).

Embora tenha havido maior número de adoções de cães com porte médio, os de porte pequeno registaram menor tempo de permanência na CAL, à semelhança do descrito por outros autores (DeLeeuw 2010; Brown et al. 2013; Cannas et al. 2014; Zak et al. 2015). Alguns estudos têm indicado que o tempo de permanência é maior em animais de porte grande (Posage et al. 1998; De Leeuw 2010, Brown et al. 2013; Raudies et al. 2021), o que pode ser justificado pelas restrições da habitação (King et al. 2009). Enquanto um cão grande pode ser preferido por razões estéticas ou por providenciar uma sensação de segurança, os pequenos são preferidos por quem tenha mais receio de agressões a crianças ou outros animais, ou por serem menos dispendiosos (Diverio et al. 2008, 2016). Contudo, um estudo desenvolvido por Bennett e Rohlf (2007) indicou que os cães pequenos são mais desobedientes, excitáveis e agressivos, quando comparados com os de porte grande.

Em relação à raça, os cães de raça indeterminada representaram a quase totalidade das adoções na CAL (94,5%) e tiveram também um tempo de permanência inferior ao dos de raça pura. Em estudos anteriores observou-se que as os animais de raças puras tinham tempo de permanência inferior aos de raça indeterminada (Posage et al. 1998, Lepper et al. 2002; DeLeeuw 2010). A preferência por raças indeterminadas pode dever-se às características dos animais de raça disponíveis não serem as procuradas pelos visitantes. Estudos anteriores evidenciaram existir diferenças no tempo de permanência nos abrigos consoante a raça (Posage et al. 1998; Brown et al. 2013).

Os cães de raças potencialmente perigosas constituíram apenas 2,5% das adoções e tiveram tempos de permanência significativamente superiores aos restantes (mais de 2 anos e 68 dias, respetivamente), suportando os resultados de estudos anteriores (Lepper et al. 2002; Svoboda and Hoffman 2015; Gunter et al. 2016; Raudies et al. 2021). O facto de estes animais necessitarem de uma licença que exige vários requisitos (Lei 46/2013 de 4 de julho), assim como a reputação negativa e estigma associados ao seu comportamento agressivo (Twining et al. 2000, King et al. 2009; Arluke 2010; Hoffman et al. 2014; Gunter et al. 2016) podem explicar a dificuldade que existe na adoção destes animais. Segundo Raudies et al.

(2021) estes animais têm um risco elevado de permanecer por um ano ou mais nos abrigos de ambientes urbanos ou semiurbanos, quando existem políticas de não abate e legislação específica associada a este tipo de raças.

Apesar de não se verificar uma associação estatisticamente significativa, verificou-se que os animais de cor fulva, cinzenta e tricolor foram os que saíram mais rapidamente contrariamente aos pretos, tigrados, brancos e dourados. Os resultados referentes ao cinzento e o tigrado vão ao encontro do que é reportado na literatura, segundo a qual os animais com estas cores saem respectivamente mais cedo e mais tarde (DeLeeuw 2010; Svoboda and Hoffman 2015, Kay et al. 2018). Do total das 638 adoções, os animais de cor castanha, preta e branca foram adotados em maior número, o que pode refletir a maior abundância de cães com estas cores.

Os cães de pelo liso e pelo curto foram os mais adotados, mas os de pelo ondulado/encaracolado e os de pelo médio/comprido obtiveram menores tempos de permanência na CAL até à adoção. Estes resultados podem estar relacionados com a disponibilidade de animais existentes na CAL ao dia da visita. Sietou et al. (2014) sugeriram que o pelo comprido confere aos animais uma aparência mais afável e talvez, por isso, mais cativante. Pelo contrário, outros autores mencionam um tempo de estadia até à adoção inferior em animais de pelo curto, associando-o a uma menor exigência de cuidados diários com o mesmo (Wells et al. 2002; King et al. 2009).

5.1.2.1.1. Associação entre o sexo dos adotantes e as características dos cães adotados

Verificou-se uma associação entre o sexo dos adotantes e o porte dos animais. As mulheres adotaram mais cães de porte pequeno do que os homens e estes mais os de porte grande do que as mulheres. Estes dados são concordantes com os de Vodičková et al. (2019), que sugerem que os canis procurem medidas para atrair mais homens a fim de se aumentar a taxa de adoção de cães de grande porte. Verificou-se também uma maior predisposição dos homens para adotar cães de raças potencialmente perigosas, comparando com as mulheres, que têm preferência por animais considerados tipicamente menos agressivos (King et al. 2009).

5.2. Inquérito aos visitantes da CAL

5.2.1. Caracterização dos visitantes

Verificou-se que quase metade dos visitantes inquiridos tinham 31 a 50 anos, sendo também esta classe a que correspondeu ao maior número de adoções.

Visitaram a CAL mais mulheres do que homens, tal como é indicado noutros estudos (Normando et al. 2006; Lam and Wu 2011; Zito et al. 2015; Vodičková et al. 2019). A preferência por cães de raça indeterminada por parte das mulheres pode ser uma razão válida para estas terem maior predisposição para visitar e adotar animais de abrigos (Diverio et al. 2016).

Cerca de metade dos visitantes tinha concluído formação superior, corroborando o estudo de Reese et al. (2016), que indica uma maior predisposição de pessoas com habilitações literárias superiores para adotar animais alojados em abrigos.

Quanto ao agregado familiar, a maioria era constituída por duas pessoas ou mais. Segundo Murray et al. (2010), a probabilidade de ter um cão era tanto maior quanto maior o agregado. Ligeiramente mais de metade dos visitantes não tinha crianças. Alguns estudos indicam que a idade das crianças é um fator importante na decisão de adotar (Downes et al. 2009), fator este que não foi analisado.

Metade dos visitantes residia em Lisboa e os restantes em concelhos vizinhos, salientando a relevância intermunicipal que este CRO apresenta. Perto de 80% dos visitantes morava em apartamento, 42,0% vivia num T0 a T2 e 35,7% não tinham nem varanda nem quintal. Este tipo de habitação é dos mais comuns em Lisboa e nas áreas limítrofes.

Relativamente ao tempo diário disponível para dedicar ao animal, 46,4% indicaram ter entre 4 e 8 horas. A disponibilidade de tempo pode variar conforme o estilo de vida das famílias, sendo que estilos de vida agitados podem influenciar negativamente o vínculo entre o detentor e o animal e levar a algum descuido sobre as suas necessidades (King et al. 2009; Diverio et al. 2016). Para além disso, 34,8% estimaram gastar aproximadamente 400 a 800€ por ano. Um estudo desenvolvido pela Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO) apontou que um cão de 10 kg em média custaria perto de 1000€/ano e um gato 800€/ano (Rodrigues e Rendo 2016), o que pode revelar algum desconhecimento acerca dos custos envolvidos na aquisição de um animal.

Na análise realizada, verificou-se que um dos fatores significativos para o sucesso da adoção foi o objetivo da visita. A maior parte dos visitantes mentalizados para a adoção, concretizaram-na, ao contrário dos que queriam “ver e pensar”. Estes resultados podem indicar que a decisão de adotar um animal depende não apenas de encontrar o animal “ideal”, mas também da determinação do visitante. Estes resultados corroboram o estudo de Protopopova e Wynne. (2014) em que o indicador mais preciso de adoção foi a intenção de levar um cão para casa no próprio dia. Segundo estes autores, é possível que alguns dos visitantes nunca tivessem pretendido adotar um cão e que apenas tenham visitado o abrigo por lazer. No entanto, concluíram que a sua decisão poderia ser reversível se os abrigos introduzissem algumas medidas direcionadas, como o retirar o animal da jaula durante um período de tempo (8min.) que permitisse a interação dos visitantes, despoletando o desejo de

adotar. Tendo isto em consideração, devem ser tomadas medidas preventivas para evitar taxas de retorno aumentadas com base em adoções impulsivas.

Quase 80% das pessoas inquiridas indicaram a CAL como primeira instituição visitada, o que revela que esta é um estabelecimento de referência. Grande parte soube da sua existência da CAL pela *internet* (40%) ou através de conhecidos (29%), o que mostra a importância da divulgação e visibilidade deste tipo de CRO para aumentar as taxas de visita e de adoção.

Cerca de 73% visitaram as instalações acompanhados, o que pode indicar uma necessidade de tomar a decisão de adotar com pessoas que lhes sejam próximas.

Observou-se uma associação significativa entre a experiência com animais nos últimos anos e a decisão de adotar. Das pessoas que não tinham tido animais nos 10 anos anteriores, 85,7% acabou por adotar, enquanto os que tinham tido recentemente apenas metade adotou. Estes resultados podem refletir uma maior ponderação e exigência por parte de famílias com experiência mais recente enquanto detentores.

As motivações mais evocadas como muito importantes para adoção de um animal foram “fazer companhia aos próprios” (62,9%), “retirar um animal de um abrigo” (50,0%) e “fazer companhia às crianças” (34,3%), dados coerentes com os descritos por Reese et al. (2016).

Já a principal razão para a não adoção no dia da visita foi “a necessidade de refletir antes da adoção apesar de ter gostado de um animal em específico” (57,1%). Todos os que não adotaram manifestaram a intenção de o fazer num futuro próximo, o que sugere que, parte dos visitantes, prefere encontrar um animal que corresponda às suas preferências e expectativas. Seria interessante apurar se aqueles fariam a visita e considerariam adotar outro animal, caso soubessem em antemão que não havia nenhum com as características pretendidas.

5.2.2. Caracterização dos animais procurados

Foi observada uma maior procura por gatos, o que pode estar relacionado com o estilo de vida e condições socioeconómicas daqueles que foram inquiridos. O sexo dos animais pretendidos era maioritariamente indiferente, assim como a raça, cor, tipo e tamanho do pelo. No caso dos cães, a maioria preferiu o porte pequeno, como é também observado em diversos estudos científicos (Cannas et al. 2014; Zak et al. 2015; Sinski et al. 2016).

A grande maioria dos visitantes (71,4%) procurava animais jovens, o que confirma que a idade é um fator importante na escolha de um animal e que se dá preferência aos animais mais novos (Lepper et al. 2002; Normando et al. 2006; Brown et al. 2013; Cannas et al. 2014).

As características comportamentais mais atrativas foram sociável, meigo, brincalhão, calmo, afável com crianças e com animais, à semelhança do descrito por outros autores (King et al. 2009; Weiss et al. 2012; Reese et al. 2016).

5.2.3. Caracterização dos animais adotados

Os inquéritos efetuados demonstram uma maior adoção de gatos do que cães, mais fêmeas do que machos e que, quase metade dos animais, se encontrava em idade juvenil (até 6 meses), reforçando a maior probabilidade de adoção de animais mais novos (Protopopova, et al. 2014; Žák et al. 2015; Kay et al. 2018). A grande maioria das adoções consistiu em animais de raça indeterminada, de porte médio, pelo liso e curto. Estes dados podem refletir tanto as preferências dos visitantes como a população disponível para adoção.

O comportamento mais frequente nos animais adotados pode ser descrito como meigo, calmo e sociável. Estas características foram as que mais sobressaíram quando questionados acerca do animal idealizado, estando em linha com estudos anteriores (King et al. 2009; Weiss et al. 2012). Por outro lado, nenhum dos adotantes escolheu animais com comportamento agressivo, reforçando a influência negativa dessa característica na adoção, (King et al. 2009; Weiss et al. 2012; Raudies et al. 2021).

Mais de 70% das adoções foram feitas por visitantes que “gostaram do animal no próprio dia”, não existindo uma grande proporção de pessoas influenciadas por terceiros. Os fatores considerados mais frequentemente importantes e muito importantes para a decisão de adotar foram o comportamento do animal (92,9%) e a expressão deste (80,9%), corroborando o descrito em outros estudos (Wells and Hepper 1992; Weiss et al. 2012; Waller et al. 2013; Isgate and Couchman 2017). Isgate e Couchman (2017) indicam que a compreensão da expressão facial do animal pode ajudar a prever algumas características comportamentais do mesmo, como ser sociável ou agressivo. A condição de saúde foi também relevante (78,6%) neste estudo, tal como já descrito anteriormente (Lepper et al. 2002; King et al. 2009; Diverio et al. 2016). Já as características físicas foram consideradas importantes ou muito importantes por 66,7% dos adotantes.

Segundo alguns autores, em média, um visitante interage com o cão durante apenas 8 minutos antes de tomar a decisão de adotar (Protopopova and Wynne 2014; Protopopova and Gunter 2017). Desta forma, enquanto a componente física tem um papel importante na seleção do animal durante a visita, o comportamento torna-se especialmente relevante no processo de seleção fora da jaula (Weiss et al. 2012; Protopopova and Wynne 2014; Protopopova and Gunter 2017) e neste nível de seleção, os cães têm aproximadamente uma em três hipóteses de ser adotados (Protopopova and Wynne 2014). Num estudo de Protopopova e Wynne (2014), as duas principais razões para não adotar foram o animal ser demasiado ativo e pouco atencioso quando avaliados fora da jaula. Segundo Weiss et al.

(2012), os abrigos devem permitir fazer chegar os animais até aos visitantes e público em geral de modo a possibilitar essas interações. Sugerem ainda que os abrigos providenciem salas de visitas para que as pessoas possam interagir com os animais, tempos de visita mais longos e enquanto esperam, que exista a possibilidade de interação com os animais ainda nas jaulas.

5.2.4. Associação entre as características dos adotantes e as características dos animais adotados/procurados

Houve uma associação entre o sexo dos visitantes e a espécie procurada, em que os homens preferiam cães (62,1%) e as mulheres gatos (63,4%). Em relação à adoção efetiva, verificou-se também a seleção de mais cães por parte de homens e gatos por parte de mulheres, sendo necessários mais estudos para compreender esta tendência.

Relativamente ao sexo do animal procurado, as mulheres preferiam fêmeas e os homens, machos. Embora, no ato da adoção, esta tendência se mantenha, esta diferença não foi estatisticamente significativa. Estes resultados vão ao encontro dos registados por Normando et al. (2006) e Diverio et al. (2016).

Observou-se uma preferência mais evidente por uma determinada cor por parte de mulheres, destacando o impacto visual dos animais para os visitantes deste sexo.

Verificou-se que a maioria dos residentes em Lisboa adotou animais jovens, enquanto visitantes provenientes de outros concelhos adotaram tanto jovens como adultos. Considerando que os animais jovens são descritos como mais fáceis de educar (King et al. 2009), este fator pode pesar na decisão de adoção por residentes em ambiente urbano. Em zonas periféricas e rurais as restrições são menores e a adoção de um animal adulto poderá ser mais facilmente considerada.

A existência de quintal parece estar associada a uma preferência por cães e a de varanda, por gatos, talvez por se considerar necessário mais espaço para a espécie canina. Quem não tinha nem uma nem outra adotou mais gatos. Segundo Downes et al. (2009) a adoção de cães é menos comum em pessoas que habitam em apartamentos em que existe restrição de espaço. Entre aqueles que não tinham varanda ou quintal, a maioria (90,9%), procurava animais de porte pequeno, o que se verificou nas adoções. Dos visitantes que possuíam quintal, uma grande parte (40,0%) procurava cães de porte grande, sendo que 16,7% os adotou efetivamente e 83,3% de porte médio. Estes resultados salientam a importância da habitação na escolha do porte do animal a adotar, como referido por Downes et al. (2009).

Os resultados mostram que existe uma grande variabilidade no que concerne às preferências e que são necessários mais estudos para aprofundar o conhecimento neste tópico. A prioridade dada a determinadas características varia regionalmente e depende das

preferências dos adotantes, das flutuações temporais e da disponibilidade de animais existentes no canil (Patronek et al. 1995; Normando et al. 2006; Brown et al. 2013).

6. Limitações do estudo

A realização deste estudo teve algumas limitações associadas. Embora tenha incluído 1303 animais recolhidos em três anos, foi restrito a um único CRO, o que pode não ser representativo, tornando difícil a extrapolação dos resultados para outros pontos do país.

Para além disso, foram averiguados apenas alguns dos vários aspetos que podem influenciar a admissão e adoção de cães em CRO. Alguns fatores que poderiam ter sido aprofundados incluem os motivos de entrada, nomeadamente as razões específicas que levaram à entrega do animal (problemas com habitação, de saúde do detentor, processos judiciais, etc.) ou a origem da aquisição daqueles animais (ex. compra, oferta, adoção, etc.). Os motivos de entrada foram, por vezes, difíceis de classificar, sendo necessário recorrer à ajuda da diretora técnica e tornando a recolha de dados menos precisa.

A informação relativa ao porte constava apenas em 717 das 1303 fichas de animais, o que reduziu bastante a amostra disponível para analisar esta variável. Quanto à idade, aos animais classificados como “adulto” ou “sénior” nas respetivas fichas, atribuíram-se as idades de 5 e 8 anos, respetivamente, o que pode não corresponder à idade exata. A este fator junta-se também a dificuldade inerente à atribuição da idade com base no aspeto físico, que é muitas vezes a única forma de classificar um animal admitido num CRO. Verificou-se ainda uma dificuldade em formar classes de cores e padrões de pelo, pois não havia uniformidade nas denominações dos registos disponíveis. Relativamente às raças, uma vez que a classificação era feita apenas com base no fenótipo e não no genótipo do animal, podem ter sido feitas classificações erróneas.

Uma outra limitação deste estudo prende-se com o facto de as características dos animais adotados serem, provavelmente, condicionadas pela população disponível para adoção no canil, não dependendo apenas das preferências dos adotantes.

Houve ainda vários visitantes que não preencheram os questionários por falta de disponibilidade e não é possível garantir a veracidade das respostas apresentadas, apesar de se ter assegurado o anonimato. A atividade profissional dos visitantes não foi analisada devido à grande diversidade de respostas. A possibilidade de adotar um animal com deficiência foi também excluída da análise, uma vez que poderia abranger várias condições de saúde.

As limitações acima descritas salientam a importância de se padronizar o registo de dados relativos às admissões e destino dos animais, facilitando a realização de estudos futuros. Estes, uma vez uniformizados, poderiam estender-se aos vários CROs a nível local e nacional.

7. Conclusão

Este estudo permitiu caracterizar os animais admitidos e os visitantes da CAL e identificar alguns fatores que podem influenciar o abandono e a adoção de animais num CRO.

Entre 2017 e 2019, os cães admitidos eram, na sua maioria, machos, com idade até dois anos, de porte médio, cor castanha, pelo liso e curto, de raça indeterminada e não potencialmente perigosa. A maior parte consistiu em animais errantes ou que entraram por abandono e /ou maus-tratos. A adoção foi o principal destino dos cães recolhidos, seguida da restituição, representando mais de 75% dos destinos destes animais num período de janeiro de 2017 a junho de 2020.

Dos 638 animais adotados até junho de 2020, a maior parte eram machos, tinham idades até 2 anos, porte médio, pelo liso, curto e de cor castanha, era de raça indeterminada e não potencialmente perigosa. O tempo de permanência no abrigo aumentou com o avançar da idade e foi inferior para as fêmeas, cães de porte pequeno, de pelo médio ou comprido, de raça indeterminada e não potencialmente perigosa.

A maioria dos visitantes tinha entre 31 e 50 anos, era do sexo feminino, tinha nível de educação superior, encontrava-se a trabalhar e o seu agregado familiar era composto por duas pessoas ou mais, sem crianças. Para além disso, habitava em apartamentos, de tipologia T0-T2, sem varanda ou quintal, sendo que metade residia em Lisboa e os restantes em concelhos limítrofes. O principal intuito dos visitantes foi “ver e adotar”, sendo a CAL a primeira instituição visitada, à qual se dirigiram maioritariamente acompanhados.

No dia da visita, a grande parte dos visitantes não tinha cães ou gatos no momento do inquérito, mas já tinham tido nos últimos 10 anos. Verificou-se ainda que a maior parte dos visitantes que não tinham tido animais nesse período adotou, havendo uma diferença estatisticamente significativa, comparando com o grupo que tinha tido animais.

A maioria procurava um animal para companhia ou para o retirar de um abrigo. Revelaram preferência por gatos, animais mais jovens, sociáveis, meigos e brincalhões. Dos que pretendiam cães, a maioria procurava animais de porte pequeno. O sexo, raça, cor, tipo e tamanho de pelo mostraram ser características pouco relevantes. Quanto às adoções, observou-se que a maior parte consistiu em gatos, fêmeas, jovens, de raça indeterminada, com pelo liso e curto e cães de porte médio. O comportamento foi o aspeto mais determinante na decisão de adotar. Os visitantes com espaço exterior adotaram mais frequentemente cães e de maior porte, por comparação aos que residiam numa habitação sem essa característica, que preferiam gatos ou cães de porte pequeno. A maioria dos residentes em Lisboa adotou animais jovens, enquanto visitantes provenientes de outros concelhos adotaram tanto jovens como adultos.

Curiosamente, a análise dos cães admitidos entre 2017-2019 revelou que as mulheres adotaram mais cães de porte pequeno do que os homens e estes, mais cães de porte grande

do que as mulheres. Observou-se também que os animais de raça potencialmente perigosa foram mais adotados por homens. No inquérito realizado, as mulheres preferiram adotar gatos e os homens, cães. Enquanto aquelas preferiram adotar mais fêmeas, estes adotaram mais machos. A cor foi mais frequentemente considerada importante por mulheres do que por homens.

Apesar de os resultados do presente estudo irem ao encontro de outros publicados, é importante ter em consideração a existência de diferenças socioeconómicas e demográficas entre regiões, influenciando não só a população de animais disponível para adoção, como as preferências dos visitantes. Desta forma, torna-se importante realizar mais estudos que permitam observar e comparar as diferentes preferências e, conseqüentemente, aplicar as medidas mais adequadas para aumentar a taxa de adoção, diminuir o abandono e reduzir a pressão sobre os abrigos.

Assim, uma análise mais aprofundada em diferentes regiões seria útil para desenvolver, no futuro, um plano que interligue os diversos abrigos para animais (incluindo CRO e outras instituições), facilitando a compatibilização entre os animais disponíveis e o que os adotantes procuram. Seria também pertinente a comparação entre as realidades dos CRO e de outras associações. Por fim, a padronização da recolha de dados nestas instituições seria importante para facilitar e aprofundar a pesquisa e conhecimento nesta área.

IV. Bibliografia

[AHA 2012] American Humane Association. 2012. Keeping pets (dogs and cats) in homes: A three-phase retention study. Phase 1: Reasons for not owning a dog or cat.

[AHA 2013] American Humane Association. 2013. Keeping pets (dogs and cats) in homes: A three-phase retention study. Phase II: Descriptive Study of Post-Adoption Retention in Six Shelters in Three U.S. Cities.

[ASPCA 2017] American Society for the Protection of Cruelty to Animals. 2017. Are animal shelter outcomes improving?

[DGAV 2018] Direção Geral de Alimentação e Veterinária. 2018. Relatório anual no âmbito da Lei n.º 27/2016 de 23 de agosto da Assembleia da República – 2017.

[DGAV 2019] Direção Geral de Alimentação e Veterinária. 2019. Relatório anual no âmbito da Lei n.º 27/2016 de 23 de agosto da Assembleia da República – 2018.

[DGAV 2020] Direção Geral de Alimentação e Veterinária. 2020. Relatório anual no âmbito da lei nº27/2016 de 23 de agosto da Assembleia da República - 2019.

[DGV 2010] Direcção Geral de Veterinária. 2010. Centros de recolha: objectivos e obrigações legais. Lisboa: DGV. Relatório: 01/DSSPA/M//2010.

[FEDIAF 2019] European Pet Food Federation. 2019. Facts and Figures 2019 European Overview.

[HSI] Humane Society International. 2001. Case Study of An Incentive Program to Encourage the Sterilization of Dogs (And Cats) and Greater Attention to Animal Welfare on Abaco Island in the Bahamas. USA, Washington DC: Humane Society International.

[ICAM 2007] International Companion Animal Management Coalition 2007. Humane dog population management guidance. UK: ICAM.

[ICAM 2019] International Companion Animal Management Coalition. 2019. Humane Dog Population Management Guidance. UK: ICAM

[WHO 2017] World Health Organization. 2017. Human rabies: 2016 updates and call for data. Wkly Epidemiol Rec. 92, 77–86.

Akpinar O, Kapci M, Duman A, Turkdogan KA. 2015. Evaluation of suspected rabies animal bites and comparison of vaccination protocols. Acta Med. Mediterr. 31, 919–924.

Archer J. 1997. Why do people love their pets? Evol Human Behav. 18, 237–259.

Arluke A. 2010. Our animals ourselves. Contexts. 9, 34–39.

Barnard S, Chincarini M, Di Tommaso L, Di Giulio F, Messori S, Ferri N. 2015. Free-roaming dogs control activities in one Italian province (2000-2013): Is the implemented approach effective? J Mac Vet Rev 38, 149-158.

Barnes JE, Boat BW, Putnam FW, Dates HF, Mahlman AR. 2006. Ownership of High-Risk (“Vicious”) Dogs as a Marker for Deviant Behaviors – Implications for Risk Assessment. J Interpers Violence. 21, 1616-1634.

Bartlett PC, Bartlett A, Walshaw S, Halstead S. 2005. Rates of euthanasia and adoption for dogs and cats in Michigan animal shelters. *J Appl Anim Welf Sci.* 8, 97-104.

Bennett PC, Rohlf VI. 2007. Owner-companion dog interactions. Relationships between demographic variables, potentially problematic behaviours, training engagement and shared activities. *Appl Anim Behav Sci.* 102, 65–84.

Bettencourt I. 2013. Estudo retrospectivo sobre a Epidemiologia da Mordedura Canina na região de Lisboa e Vale do Tejo [dissertação de mestrado]. Lisboa: Universidade Lusófona.

Bollen KS, Horowitz J. 2008. Behavioral evaluation and demographic information in the assessment of aggressiveness in shelter dogs. *Appl Anim Behav Sci.* 112, 120–135.

Brown WP, Davidson JP, Zuefle ME. 2013. Effects of phenotypic characteristics on the length of stay of dogs at two no kill animal shelters. *J Appl Anim Welf Sci.* 16, 2-18

Caffrey N, Rock M, Schmitz O, Anderson D, Parkinson M, Checkley SL. 2019. Insights about the Epidemiology of Dog Bites in a Canadian City Using a Dog Aggression Scale and Administrative Data. *Animals.* 9, 324-347.

Cain CJ, Woodruff KA, Smith DR. 2020. Phenotypic characteristics associated with shelter dog adoption in the United States. *Animals (basel).* 10, 1059.

Canejo-Teixeira R, Almiro PA, Baptista LV, Niza MMGRE. 2020. Predicting Dysfunctional Human–Dog Dyads, *Anthrozoös.* 33, 743-758.

Cannas S, Rampini F, Levi D, Dalla Costa E, Talamonti Z, Minero M, Palestrini C. 2014. Shelter dogs and their destiny. A retrospective analysis to identify predictive factors: a pilot study. *Mac Vet Rev.* 37, 151-156.

Cannas S, Talamonti Z, Mazzola S, Minero M, Picciolini A, Palestrini C. 2018. Factors associated with dog behavior problems referred to a behavior clinic. *J Vet Behav* 24, 42-47.

Carter J, Taylor CS. 2017. Socio-economic factors in companion animal relinquishment on the sunshine coast, Australia. *Society and Animals.* 28, 531-549.

Clancy E, Rowan A. 2003. Companion animal demographics in the United States: A historical perspective. In: Salem DJ, Rowan AN, editors. *The state of the animals II.* Washington DC: Humane Society Press ; p.9-26.

Clarke NM, Fraser D. 2013. Animal control measures and their relationship to the reported incidence of dog bites in urban Canadian municipalities. *Can Vet J.* 54, 145–149.

Clevenger J, Kass P. 2003. Determinants of adoption and euthanasia of shelter dogs spayed or neutered in the University of California Veterinary Student Surgery Program compared to other shelter dogs. *J. Vet Med Educ.* 30, 372–378.

Coe JB, Young I, Lambert K, Dysart L, Nogueira Borden L, Rajic A. 2014. A Scoping Review of Published Research on the Relinquishment of Companion Animals. *J Appl Anim Welf. Sci.* 17, 253–273.

Cornelissen JMR, Hopster H. 2010. Dog bites in the Netherlands: a study of victims, injuries, circumstances and aggressors to support evaluation of breed specific legislation. *Vet J.* 186, 292–298.

Decreto-Lei nº 313/2003 de 17 de dezembro. Diário da República nº 290/2003 – Série 1A. Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território. Lisboa.

Decreto-Lei nº 314/2003 de 17 de dezembro. Diário da República nº 290/2003 – Série 1A. Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território. Lisboa.

Decreto-Lei nº 315/2009 de 29 de outubro. Diário da República nº 210/2009 – Série I. Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas. Lisboa.

Decreto-Lei nº 260/2012 de 12 de dezembro. Diário da República nº 240/2012 – Série I. Ministério da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território. Lisboa.

Decreto-Lei nº 82/2019 de 27 de junho. Diário da República nº 121/2019 – Série I. Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa.

DeLeeuw JL. 2010. Animal shelter dogs: Factors predicting adoption versus euthanasia [Tese de Doutoramento]. EUA, Wichita (KS): Wichita State University.

Diesel G, Smith H, Pfeiffer DU. 2007. Factors affecting time to adoption of dogs rehomed by a charity in the UK. *Anim Welf.* 16, 353-360.

Diesel G, Pfeiffer DU, Brodbelt D. 2008. Factors affecting the success of rehoming dogs in the UK during 2005. *Prev Vet Med.* 84, 228-241.

Diesel G, Brodbelt D, Pfeiffer DU. 2010. Characteristics of relinquished dogs and their owners at 14 rehoming centers in the United Kingdom. *J Appl Anim Welf Sci.* 13, 15-30.

DiGiacomo N, Arluke A, Patronek GJ. 1998. Surrendering pets to shelters: the relinquishers perspective. *Anthrozoos.* 11, 41–51.

Diverio S, Tami G, Barone A. 2008. Prevalence of aggression and fear-related behavioral problems in a sample of Argentine Dogs in Italy. *J Vet Behav Clin Appl Res.* 3, 74-86.

Diverio S, Boccini B, Menchetti L, Bennett PC. 2016. The Italian perception of the ideal companion dog. *J Vet Behav.* 12, 27-35.

Doherty TS, Dickman CR, Glen AS, Newsome TM, Nimmo DG, Ritchie EG, Vanak AT, Wirsing AJ. 2017. The global impacts of domestic dogs on threatened vertebrates. *Biol Conserv.* 210, 56-59.

Dolan ED, Scotto J, Slater M, Weiss E. 2015. Risk Factors for Dog Relinquishment to a Los Angeles Municipal Animal Shelter. *Animals.* 5, 1311-1328.

Dotson MJ, Hyatt EM. 2008. Understanding dog–human companionship. *J Business Research.* 61, 457–466.

Downes M, Canty MJ, More SJ. 2009. Demography of the pet dog and cat population on the island of Ireland and human factors influencing pet ownership. *Prev Vet Med.* 92, 140–149.

Duffy DL, Hsu Y, Serpell JA. 2008. Breed differences in canine aggression. *Appl anim behave sci.* 114, 441-460.

Duffy DL, Serpell JA. 2012. Predictive validity of a method for evaluating temperament in young guide and service dogs. *Appl Anim Behav Sci.* 138, 99–109.

Eborgi M, Cogliati-Dezza I, Brelsford V, Meints K, Cirulli F. 2014. Baby schema in human and animal faces induces cuteness perception and gaze allocation in children. *Front Psychol.* 5, 411.

Fatjo J, Amat M, Mariotti VM, de la Torre JLR, Manteca X. Analysis of 1040 cases of canine aggression in a referral practice in Spain. *J Vet Behav.* 2, 158-165.

Fatjó J, Bowen J, García E, Calvo P, Rueda S, Amblás S, Lanza JF. 2015. Epidemiology of Dog and Cat Abandonment in Spain (2008–2013). *Animals.* 5, 426-441.

Fournier AK, Geller ES. 2004. Behavior analysis of companion-animal overpopulation: A conceptualization of the problem and suggestions for intervention. *Behav Soc Issues.* 13, 51-68.

Garrison L, Weiss E. 2014. What do people want? Factors people consider when acquiring dogs, the complexity of the choices they make, and implications for nonhuman animal relocation programs. *J Appl Anim Welf Sci.* 18, 57–73.

Glocker ML, Langleben DD, Ruparel K, Loughhead JW, Gur RC, Sachser N. 2012. Baby Schema in Infant Faces Induces Cuteness Perception and Motivation for Caretaking in Adults. *Ethology.* 115, 257–263.

Goleman M, Drozd L, Karpinski M, Czyzowski P. 2014. Black dog syndrome in animal shelters. *Med Weter.* 70, 122-127.

Gunter L. 2018. Understanding the impacts of breed identity, post-adoption and fostering interventions & behavioral welfare of shelter dogs [tese de doutoramento]. EUA, Arizona (AZ): Arizona State University.

Gunter LM, Barber RT, Wynne CDL. 2016. What's in a Name? Effect of Breed Perceptions & Labeling on Attractiveness, Adoptions & Length of Stay for Pit-Bull-Type Dogs. *PLoS ONE.* 11, e0146857.

Guy NC, Luescher UA, Dohoo SE, Spangler E, Miller JB, Dohoo IR, Bate LA. 2001. Risk factors for dog bites to owners in a general veterinary caseload. *Appl Anim Behav Sci.* 74, 29–42.

Hampson K, Coudeville L, Lembo T, Sambo M, Kieffer A, Attlan M, Barrat J, Blanton JD, Briggs DJ, Cleaveland S. 2015. Estimating the global burden of endemic canine rabies. *PLoS Negl Trop Dis.* 9, 1–20.

Harhay M, Olliaro P, Costa D, Costa C. 2011. Urban parasitology: Visceral leishmaniasis in Brazil. *Trends Parasitol.* 27, 403–409.

Hawes SM, Kerrigan JM, Hupe T, Morris KN. 2020. Factors informing the return of adopted dogs and cats to an animal shelter. *Animals.* 10, 1573.

Hemy M, Rand J, Morton J, Paterson M. 2017. Characteristics and Outcomes of Dogs Admitted into Queensland RSPCA Shelters. *Animals.* 7, 67.

Hoffman CL, Harrison N, Woff L, Westgarth C. 2014. Is That Dog a Pit Bull? A Cross-Country Comparison of Perceptions of Shelter Workers Regarding Breed Identification. *J Appl Anim Welf Sci.* 17, 322–339.

Holland KE. 2019. Acquiring a Pet Dog: A Review of Factors Affecting the Decision-Making of Prospective Dog Owners. *Animals* 9, 124.

Horwitz DF, Neilson J, Editors. 2007. *Blackwell's five-minute veterinary consult clinical companion: canine and feline behavior.* New Jersey: Wiley-Blackwell.

Haupt KA, Honig SU, Reisner IR. 1996. Breaking the human-companion animal bond. *J Am Vet Med Assoc.* 208, 1652–1659.

Hughes J, Macdonald DW. 2013. A review of the interactions between free-roaming domestic dogs and wildlife. *Biol Conserv.* 157, 341–351.

Irvine L. 2003. The Problem of Unwanted Pets: A Case Study in How Institutions "Think" about Clients' Needs. *Social Problems.* 50, 550-566.

Isgate S, Couchman JJ. 2017. What makes a dog adoptable? An eye-tracking investigation, *J Appl Anim Welf Sci.* 21, 69-81.

Kay A, Coe JB, Young I, Pearl D. 2018. Factors Influencing Time to Adoption for Dogs in a Provincial Shelter System in Canada. *J Appl Anim Welf Sci.* 21, 375-388.

Kaye AE, Belz JM, Kirschner RE. 2009. Pediatric dog bite injuries: a 5-year review of the experience at the Children's Hospital of Philadelphia. *Plast Reconstr Surg.* 124, 551–558.

Keuster T, Lamoureux J, Kahn A. 2006. Epidemiology of dog bites: a Belgian experience of canine behaviour and public health concerns. *Vet J.* 172, 482-487.

Kidd AH, Kidd RM, George CC. 1992. Successful and unsuccessful pet adoptions. *Psychol Rep.* 70, 547-561.

King T, Marston LC, Bennett PC. 2009. Describing the ideal Australian companion dog. *Appl Anim Behav Sci.* 120, 84-93.

Kubinyi E, Turcsán B, Miklósi Á. 2009. Dog and owner demographic characteristics and dog personality trait associations. *Behav Processes* 81, 392–401.

Kwan JY, Bain MJ. 2013. Owner attachment and problem behaviors related to relinquishment and training techniques of dogs. *J Appl Anim Welf Sci.* 16, 168–183.

Lam SP, Wu MF. 2011. Predicting Taiwanese adoption website members' intentions regarding on-line dog adoptions. *Afr J Bus Manag.* 5, 1204-1210.

Lambert K. 2014. *Summarizing Reasons for Surrender and Stakeholder Perceptions within the Published Literature on Companion-animal Relinquishment [Dissertação de Mestrado].* Canada: University of Guelph.

Lei nº 46/2013 de 4 de julho. *Diário da República nº 127/2013, Série I.* Assembleia da República. Lisboa.

Lei nº 69/2014 de 29 de agosto. *Diário da República nº 166/2014, Série I.* Assembleia da República, Lisboa.

Lei nº 27/2016 de 23 de agosto. Diário da República nº 161/2016, Série I. Assembleia da República. Lisboa.

Lei nº 8/2017 de 3 de março. Diário da República nº45/2017, Série I. Assembleia da República, Lisboa.

Leonard A. 2011. The plight of “Big Black Dogs” in American animal shelters: Color-based canine discrimination. *Kroeber Anthropological Society*. 99(1), 168–183.

Lepper M, Kass PH, Hart LA. 2002. Prediction of adoption versus euthanasia among dogs and cats in a California animal shelter. *J Appl Anim Welf Sci* 5: 29-42.

Lord LK, Ingwersen W, Gray JL, Wintz DJ. 2009. Characterization of animals with microchips entering animal shelters. *J Am Vet Med Assoc*. 235, 160- 167.

MacNeil-Allcock A, Clarke NM, Ledger RA, Fraser D. 2011. Aggression, behaviour, and animal care among pit bulls and other dogs adopted from an animal shelter. *Anim Welf*. 20, 463-468.

Maddalena SD, Zeidman S, Campbell K. 2012. An empirical look at public perceptions and attitudes about pet adoption and spay/neuter. Meeting of the Society of Animal Welfare Administrators. St. Petersburg, FL.

Marsa-Sambola F, Williams J, Muldoon J, Lawrence A, Connor M, Roberts C, Currie C. 2016. Sociodemographics of pet ownership among adolescents in Great Britain: Findings from the HBSC Study in England, Scotland, and Wales. *Anthrozoös*. 29, 559–580.

Marston L, Bennett P, Coleman, G. 2004. What happens to shelter dogs? An analysis of data for 1 year from three Australian shelters. *J Appl Anim Welf Sci*. 7, 27–47.

Marston LC, Bennett PC. 2003. Re-forging the bond-towards successful canine adoption. *Appl Anim Behav Sci*. 83, 227-245.

Marston LC, Bennett PC, Coleman GJ. 2005a. Adopting shelter dogs: Owner experiences of the first month postadoption. *Anthrozoös*. 18, 358–378.

Marston LC, Bennett PC, Coleman GJ. 2005b. What happens to shelter dogs? Part 2. Comparing three Melbourne welfare shelters for nonhuman animals. *J Appl Anim Welf Sci*. 8, 25-45.

Matter H, Daniels T. 2000. Dog ecology and population biology. In: Macpherson CNL, Meslin FX, Wandeler AI, editors. *Dogs, Zoonoses and Public Health*. New York (NY): CABI Publishing; p.17–62.

Messam LLM, Kass PH, Chomel BB, Hart LA. 2012. Risk factors for dog bites occurring during and outside of play: are they different? *Prev Vet Med*. 107, 110–120.

Messam LLM, Kass PH, Chomel BB, Hart LA. 2018. Factors associated with bites to a child from a dog living in the same home: A bi-national comparison. *Front Vet Sci*. 5, 66.

Miller DD, Staats SR, Partlo C, Rada K. 1996. Factors associated with the decision to surrender a pet to an animal shelter. *J Am Vet Med Assoc*. 209, 738-742.

Mohan-Gibbons H, Weiss E. 2015. Behavior Risks for Relinquishment. In; Weiss E, Mohan-Gibbons H, Zawistowski S, editors. *Animal Behavior for Shelter Veterinarians and Staff*. 1st edition. Ames (IA) USA: Wiley-Blackwell.

Mondelli F, Prato Previde E, Verga M, Levi D, Magistrelli S, Valsecchi P. 2004. The bond that never developed: adoption and relinquishment of dogs in a rescue shelter. *J Appl Anim Welf Sci*. 7, 253-266.

Morales C, Fernández C, Hernández H, Falcón, N. 2011. Dog bite accidents in a children hospital at Lima, Peru. Retrospective study from 1995–2009. *Rev Peru Med Exp Salud Publica*. 28, 639–642.

Morris KN, Gies DL. 2014. Trends in intake and outcome data for animal shelters in a large US metropolitan area, 1989 to 2010. *J Appl Anim Welf Sci*. 17, 59-72.

Morters MK, McKinley TJ, Restif O, Conlan AJK, Cleaveland S, Hampson K, Whay HR, Damriyasa IM, Wood JLN. 2014. The demography of free-roaming dog populations and applications to disease and population control. *J Appl Ecol*. 51, 1096–1106.

Morzycki A, Simpson A, Williams J. 2019. Dog bites in the emergency department: A descriptive analysis. *Can J Emerg Med*. 21, 63–70.

Murray JK, Browne WJ, Roberts MA, Whitmarsh A, Gruffydd-Jones TJ. 2010. Number and ownership profiles of cats and dogs in the UK. *Vet. Rec*. 166, 163–168.

Němcová D, Novák P. 2003. Adoption of dogs in the Czech Republic. *Acta Veterinaria Brno*. 72, 421–427.

New J. Salman MD, Scarlett JM, Kass PH, Vaughn JA, Scherr S, Kelch WJ. 1999. Moving: Characteristics of dogs and cats and those relinquishing them to 12 United States animal shelters. *J Appl Anim Welf Sci*. 2, 83–96.

New JC, Salman MD, King M, Scarlett JM, Kass PH, Hutchison JM. 2000. Characteristics of shelter-relinquished animals and their owners compared with animals and their owners in U.S. pet-owning households. *J Appl Ani Welf Sci*. 3, 179-201.

Newsome TM, Stephens D, Ballard GA, Dickman CR, Fleming PJS. 2013. Genetic profile of dingoes (*Canis lupus dingo*) and free-roaming domestic dogs (*C. l. familiaris*) in the Tanami Desert, Australia. *Wildl Res*. 40, 196–206.

Normando S, Stefanini C, Meers L, Adamelli S, Coultis D, Bono G. 2006. Some facts influencing adoption of sheltered dogs. *Anthrozoös*. 19, 211–224.

Notari L, Cannas S, Di Sotto YA, Palestrini C. 2020. A Retrospective Analysis of Dog–Dog and Dog–Human Cases of Aggression in Northern Italy. *Animals*. 10, 1662.

Olson KR, Levy JK, Norby B, Crandall MM, Broadhurst JE, Jacks S, Barton RC, Zimmerman MS. 2015. Inconsistent identification of pit bull-type dogs by shelter staff. *Vet J*. 206 197–202.

Oxley JA, Christley R, Westgarth C. 2018. Contexts and consequences of dog bite incidents. *J Vet Behav Clin Appl Res*. 23, 33–39.

Pastoret P, Van Gucht S, Brochier B. 2014. Eradicating rabies at source. *Rev. Sci. Tech. Int. DES Epizoot*. 33, 509–519.

Patronek GJ, Glickman LT, Moyer MR. 1995. Population dynamics and the risk of euthanasia for dogs in an animal shelter. *Anthrozoos*. 8, 31-43.

Patronek GJ, Glickman LT, Beck AM, McCabe GP, Ecker C. 1996. Risk factors for relinquishment of dogs to an animal shelter. *J Am Vet Med Assoc*. 209, 572-581.

Pesavento PA, Murphy BG. 2014. Common and emerging infectious diseases in the animal shelter. *Vet Pathol*. 51, 478–491.

Portaria nº 422/2004 de 24 de abril. Diário da República nº 97/2004, Série I-B. Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas. Lisboa.

Portaria nº 264/2013 de 16 de agosto. Diário da República nº 157/2013, Série I. Ministérios das Finanças, da Administração Interna e da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território. Lisboa.

Portaria nº 146/2017 de 26 de abril. Diário da República nº81/2017- Série I. Adjunto e Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural. Lisboa.

Posage JM, Bartlett PC, Thomas DK. 1998. Determining factors for successful adoption of dogs from an animal shelter. *J. Am. Vet. Med. Assoc*. 213, 478–482.

Powell L, Reinhard C, Satriale D, Morris M, Serpell J, Watson B. 2021. Characterizing unsuccessful animal adoptions: age and breed predict the likelihood of return, reasons for return and post-return outcomes. *Sci Reports*. 11, 8018.

Protopopova A, Gilmour AJ, Weiss RH, Shen JY, Wynne CDL. 2012. The effects of social training and other factors on adoption success of shelter dogs. *Appl Anim Behav Sci*. 142, 61–68.

Protopopova A, Gunter LM. 2017. Adoption and relinquishment interventions at the animal shelter: a review. *Anim Welf*. 26, 35-48.

Protopopova A, Mehrkam LR, Boggess MM, Wynne CDL. 2014. In-kennel behavior predicts length of stay in shelter dogs. *PLoS ONE*. 9, e114319.

Protopopova A, Wynne CDL. 2014. Adopter-dog interactions at the shelter: Behavioral and contextual predictors of adoption. *J Appl Anim Behav Sci* 157, 109-116.

Protopopova A, Wynne CDL. 2016. Judging a shelter dog by its cover: Morphology but not training influences visitor behavior towards kennelled dogs. *Anthrozoös*. 29, 469-487.

Raudies C, Waiblinger S, Arhant C. 2021. Characteristics and welfare of long-term shelter dogs. *Animals*. 11, 194.

Reese LA, Skidmore M, Dyar W, Rosebrook E. 2016. No Dog Left Behind: A Hedonic Pricing Model for Animal Shelters. *J Appl Anim Welf Sci*. 20, 52-64.

Rezac P, Rezac K, Slama P. 2015. Human behavior preceding dog bites to the face. *Vet J*. 206, 284–288.

Rosado B, Garcia-Belenguer S, Leon M, Palacio J. 2009. A comprehensive study of dog bites in Spain, 1995–2004. *Vet J*. 179, 383–391.

Rodrigues C, Rendo F. 2016. Veterinário – O preço da saúde do seu animal. DECO Proteste. 386, 24-26.

Sacks JJ, Sinclair L, Gilchrist J, Golab GC, Lockwood R. 2000. Breeds of dogs involved in fatal human attacks in the United States between 1979 and 1998. *J Am Vet Med Assoc.* 217, 836–840.

Salman MD, New JG, Scarlett JM, Kass PH, Ruch-Gallie R, Hetts S. 1998. Human and animal factors related to the relinquishment of dogs and cats in 12 selected animal shelters in the United States. *J Appl Anim Welf Sci.* 1, 207–226.

Salonen M, Sulkama S, Mikkola S, Puurunen J. 2020. Prevalence, comorbidity, and breed differences in canine anxiety in 13,700 Finnish pet dogs. *Sci Rep.* 10, 1–11.

Saunders J, Parast L, Babey SH, Miles JV. 2017. Exploring the differences between pet and non-pet owners: Implications for human-animal interaction research and policy. *PLoS ONE.* 12, e0179494.

Scandurra A, Alterisio A, DiCosmo A, D’Aniello B. 2018. Behavioral and Perceptual Differences between Sexes in Dogs: An Overview. *Animals* 8, 151.

Scarlett JM, Salman MD, New JG, Kass PH. 1999. Reasons for relinquishment of companion animals in United States animal shelters: Selected health and personal issues. *J Appl Anim Welf Sci.* 2, 41–57.

Scarlett JM, Salman MD, New JG, Kass PH. 2002. The role of veterinary practitioners in reducing dog and cat relinquishments and euthanasias. *J Am Vet Med Assoc.* 220, 306–311.

Schöning B, Bradshaw JWS. 2005. A behavioural test of aggression for adult dogs. In *Aktuelle Arbeiten zur Artgemaessen, Tierhaltung, KTBL-Schrift 441.* 2005. Proceedings of the 37th International DVG Meeting of Applied Ethology. KTBL: Darmstadt, DVG. P. 103–114.

Serpell JA, Jagoe JA. 1995. Early experience and the development of behavior. In: Serpell JA, Barret, . *The Domestic Dog: Its evolution, behavior and interactions with people.* UK: Cambridge University Press; p. 93-117.

Serpell JA. 2003. Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection – Beyond the “Cute Response”. *Soc Anim.* 10, 437-454.

Shore ER. 2005. Returning a recently adopted companion animal: Adopters’ reasons for and reactions to the failed adoption experience. *J Appl Ani Welf Sci.* 8, 187-198.

Shore E, Petersen C, Douglas K. 2003. Moving as a reason for pet relinquishment: A closer look. *J Appl Ani Welf Sci.* 6, 39–52.

Sietou C, Fraser IM, Fraser RW. 2014. Investigating some of the factors that influence “consumer” choice when adopting a shelter dog in the United Kingdom. *J Appl Anim Welf Sci,* 17, 136-147.

Sinski J, Carini RM, Weber JD. 2016. Putting (Big) Black Dog Syndrome to the Test: Evidence from a Large Metropolitan Shelter. *Anthrozoös.* 29, 639–652.

Smith LM, Hartmann S, Munteanu AM, Dalla Villa P, Quinnell RJ, Collins LM. 2019. The Effectiveness of dog population management: A systematic review. *Animals (basel)*. 9, 1020.

Soto F, Ferreira F, Pinheiro S, Nogari F, Risetto M, de Souza O, Amaku M. 2005. Adoption of shelter dogs in a Brazilian community: assessing the caretaker profile. *J Appl Anim Welf Sci*. 8, 105-116.

Svoboda HJ, Hoffman CL. 2015. Investigating the role of coat colour, age, sex, and breed on outcomes for dogs at two animal shelters in the United States. *Anim welf (South Mimms, England)*. 24, 497-506

Stavisky J, Brennan M, Downes M, Dean R. 2012. Demographics and economic burden of un-owned cats and dogs in the UK: results of a 2010 consensus. *BMC Vet Res* 2012; 8: 163.

Talamonti Z, Zusman N, Cannas S, Minero M, Mazzola S, Palestini C. 2018. A description of the characteristics of dogs in, and policies of four shelters in different countries, *J Vet Behav*. 28, 25-29.

Taylor KD, Mills DS. 2007. The effect of the kennel environment on canine welfare: a critical review of experimental studies. *Anim Welf*. 16, 435-447.

Tesfom G, Birch N. 2013. Does definition of self-predict adopter dog breed choice? *Int. Rev. Public Nonprofit Mark*. 10, 103–127.

Totton SC, Wandeler AI, Ribble CS, Rosatte RC, McEwen SA. 2011. Stray dog population health in Jodhpur, India in the wake of an animal birth control (ABC) program. *Prev Vet Med*. 98, 215–220.

Twining H, Arluke A, Patronek G. 2000. Managing the stigma of outlaw breeds: A case study of pit bull owners. *Soc Anim*. 8, 25–52.

Vodičková B, Večerek V, Voslářová E. 2019. The effect of adopter's gender on shelter dog selection preferences. *Acta Vet Brno*. 88, 93-101.

Voith VL, Ingram E, Mitsouras K, Irizarry K. 2009. Comparison of adoption agency breed identification and DNA breed identification of dogs. *J Appl Anim Welf Sci*. 12, 253-262.

Voslarova E, Zak J, Vecerek V, Bedanova I. 2015. Breed characteristics of abandoned and lost dogs in the Czech Republic. *J Appl Anim Welf Sci*. 18, 332-342.

Waller BM, Peirce K, Caeiro CC, Scheider L, Burrows AM, McCune S, Kaminski J. 2013. Paedomorphic Facial Expressions Give Dogs a Selective Advantage. *PLoS One*. 8, e82686.

Wallis LJ, Szabó D, Erdélyi-Belle B, Kubinyi E. 2018. Demographic Change Across the Lifespan of Pet Dogs and Their Impact on Health Status. *Front Vet Sci*. 5: 200.

Weiss E, Miller K, Mohan-Gibbons H, Vela C. 2012. Why did you choose this pet? Adopters and pet selection preferences in five animal shelters in the United States. *Animals* 2, 144–159.

Weiss E, Slater MR, Garrison L, Drain N, Dolan ED, Scarlett JM, Zawistowski SL. 2014. Large dog relinquishment to two municipal facilities in New York City and Washington, D.C.: Identifying Targets for Intervention. *Animals*. 4, 409–433.

Weiss E, Gramann S, Spain CV, Slater M. 2015. Goodbye to a Good Friend: An Exploration of the Re-Homing of Cats and Dogs in the U.S.. *Open J Anim Sci*. 5, 435–456.

Wells DL, Graham L, Hepper PG. 2002. The influence of the length of time in a rescue shelter on the behaviour of kenneled dogs. *Anim Welf*. 11, 317–325.

Wells DL, Hepper PG. 1992. The behaviour of dogs in a rescue shelter. *Ani Welf*. 1(3), 171-186.

Wells DL, Hepper PG. 2000. Prevalence of behaviour problems reported by owners of dogs purchased from an animal rescue shelter. *Appl Ani Behav Sci*. 69, 55–65.

Weng HY, Kass PH, Hart LA, Chomel BB. 2006. Risk factors for unsuccessful dog ownership: an epidemiologic study in Taiwan. *Prev Vet Med*. 77, 82-95.

Wenstrup J, Dowidchuk A. 1999. Pet overpopulation: Data and measurement issues in shelters. *J Appl Anim Welf Sci*. 2, 303-319.

Westgarth C, Pinchbeck GL, Bradshaw JWS, Dawson S, Gaskell RM, Christley RM. 2007. Factors associated with dog ownership and contact with dogs in a UK community. *BMC Vet. Res*. 3, 1–9.

Westgarth C, Heron J, Ness AR, Bundred P, Gaskell RM, Coyne KP, German AJ, McCune S, Dawson S. 2010. Family Pet Ownership during Childhood: Findings from a UK Birth Cohort and Implications for Public Health Research. *Int J Environ Res Public Health*. 7, 3704-3729.

Winograd N. 2009. *Redemption: The myth of pet overpopulation and the no kill revolution in America*. Los Angeles (CA): Almaden books.

Wright JC, Nesselrote MS. 1987. Classification of behaviour problems in dogs: distributions of 6 age, breed, sex and reproductive status. *Appl Anim Behav Sci*. 19, 169-178.

Wright JC, Smith A, Daniel K, Adkins K. 2007. Dog breed stereotype and exposure to negative behavior: Effects on perceptions of adoptability. *J Appl Anim Welf Sci*. 10, 255–265.

Zak J, Voslarova E, Vecerek V, Bedanova I. 2015. Sex, age and size as factors affecting the length of stay of dogs in Czech shelters. *Acta Vet Brno*. 84, 407-413.

Zhang W, Zhang Z, Wu W, Shi B, Li J, Zhou X, Wen H, McManus DP. 2015. Epidemiology and control of echinococcosis in central Asia, with particular reference to the People's Republic of China. *ACTA Trop*. 141, 235–243.

Zito S, Paterson M, Vankan D, Morton J, Bennett P, Phillips C. 2015. Determinants of cat choice and outcomes for adult cats and kittens adopted from an Australian animal shelter. *Animals*. 5, 276-314.

V. Anexos

Anexo 1. Tempo (dias) até à adoção de um cão na CAL

Gráfico 24 – Tempo até à adoção em função do sexo.

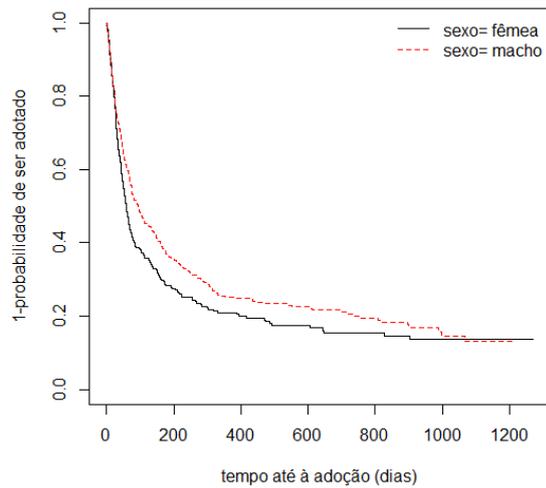


Gráfico 25 – Tempo até à adoção em função do porte.

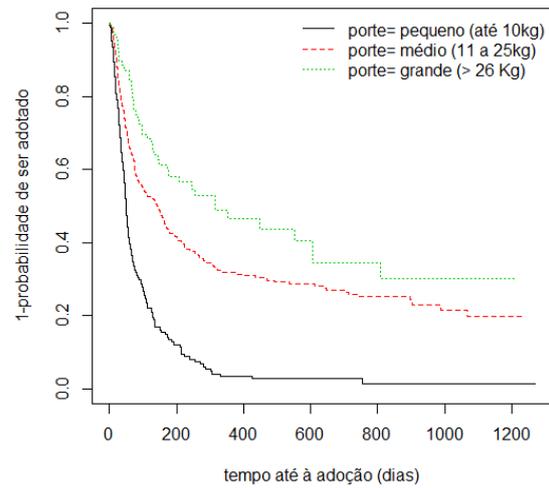


Gráfico 26 – Tempo até à adoção em função da idade.

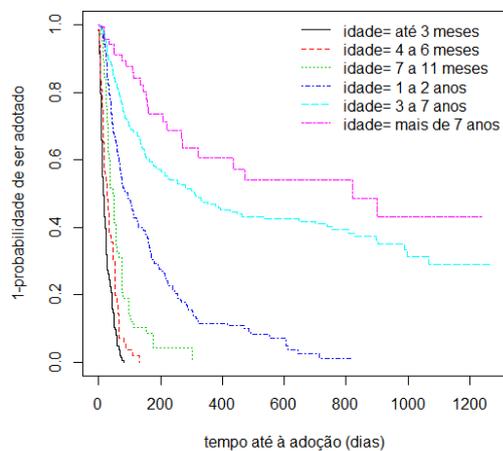


Gráfico 27 – Tempo até à adoção em função da cor.

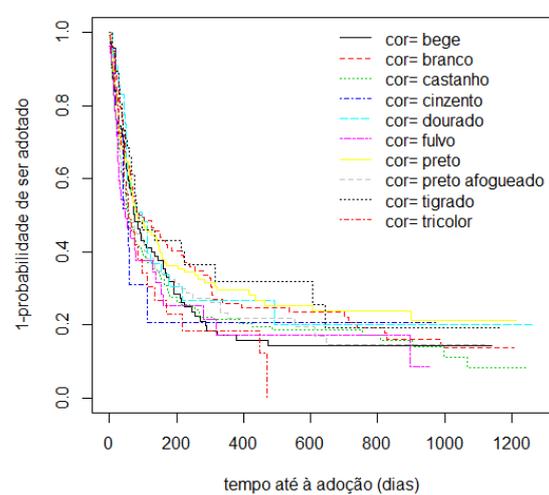


Gráfico 28 – Tempo até à adoção em função do tipo de pelo.

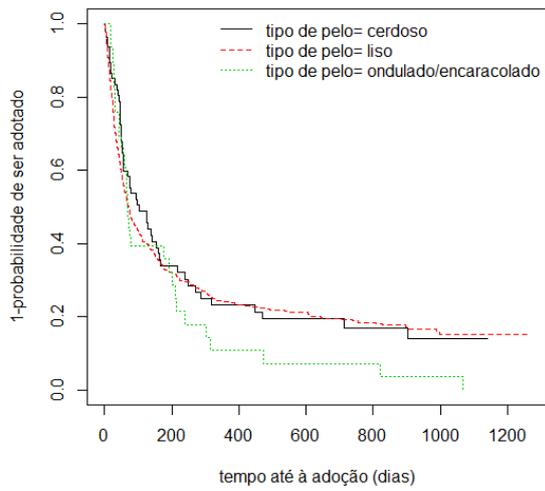


Gráfico 29 – Tempo até à adoção em função do tamanho do pelo.

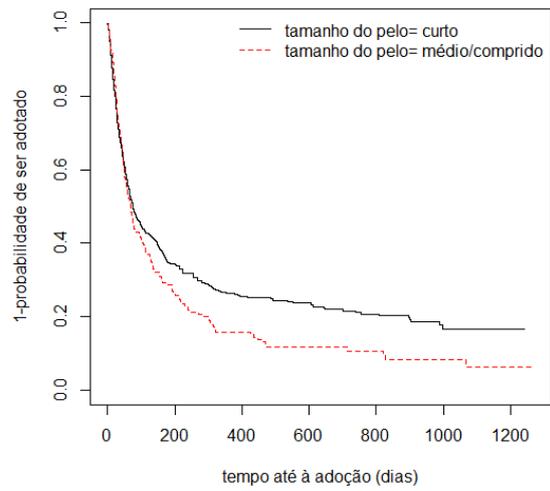


Gráfico 30 – Tempo até à adoção em função da raça.

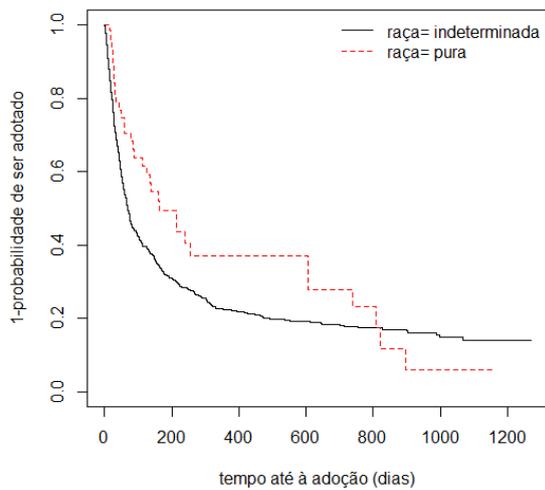
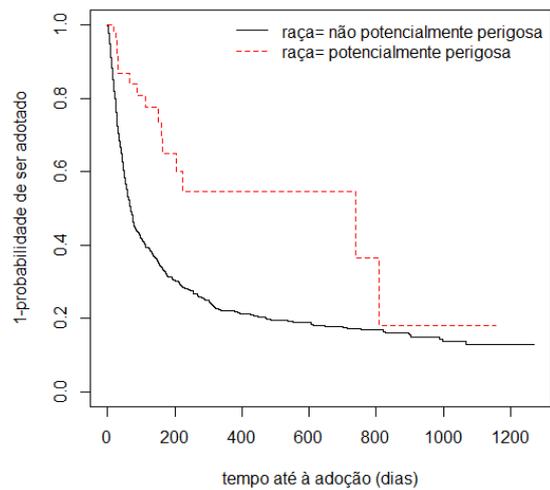


Gráfico 31 – Tempo até à adoção em função de pertencer ou não a uma RPP.



Anexo 2. Associações entre o perfil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

Tabela 13 – Associação entre os grupos etários dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	18-30 anos n=20	31-50 anos n=34	51-65 anos n=13	>65 anos n=3	<i>p</i>	18-30 anos n=9	31-50 anos n=25	51-65 anos n=6	>65 anos n=2	<i>p</i>
Espécie										
Cão	13 (65,0%)	12 (35,3%)	7 (53,8%)	1 (33,3%)	0,153	7 (77,8%)	9 (36,0%)	1 (16,7%)	1 (50,0%)	0,067
Gato	7 (35,0%)	22 (64,7%)	6 (46,2%)	2 (66,7%)		2 (22,2%)	16 (64,0%)	5 (83,3%)	1 (50,0%)	
Sexo										
Indiferente	11 (55,0%)	17 (50,0%)	6 (46,2%)	1 (33,3%)	0,823	NA	NA	NA	NA	0,044
Fêmea	4 (20,0%)	5 (14,7%)	4 (30,8%)	1 (33,3%)		3 (33,3%)	12 (48,0%)	6 (100,0%)	1 (50,0%)	
Macho	5 (25,0%)	12 (35,3%)	3 (23,1%)	1 (33,3%)		6 (66,7%)	13 (52,0%)	0 %	1 (50,0%)	
Idade do animal										
Indiferente	6 (30,0%)	6 (17,6%)	1 (7,7%)	0 %	0,390	NA	NA	NA	NA	0,257
Jovem	12 (60,0%)	26 (76,5%)	10 (76,9%)	2 (66,7%)		6 (66,7%)	15 (60,0%)	6 (100,0%)	1 (50,0%)	
Adulto	2 (10,0%)	2 (5,9%)	2 (15,4%)	1 (33,3%)		3 (33,3%)	10 (40,0%)	0 %	1 (50,0%)	
Raça										
Não	18 (90,0%)	31 (91,2%)	11 (84,6%)	3 (100,0%)	0,904	6 (66,7%)	21 (84,0%)	6 (100,0%)	1 (50,0%)	0,206
Sim	2 (10,0%)	3 (8,8%)	2 (15,4%)	0 %		3 (33,3%)	4 (16,0%)	0 %	1 (50,0%)	
Cor										
Não	18 (90,0%)	30 (88,2%)	9 (69,2%)	3 (100,0%)	0,343	NA	NA	NA	NA	
Sim	2 (10,0%)	4 (11,8%)	4 (30,8%)	0 %		NA	NA	NA	NA	

Tabela 13 (continuação) – Associação entre os grupos etários dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	18-30 anos n=20	31-50 anos n=34	51-65 anos n=13	>65 anos n=3	p	18-30 anos n=9	31-50 anos n=25	51-65 anos n=6	>65 anos n=2	p
Tipo de pelo										
Indiferente	17 (85,0%)	32 (94,1%)	10 (76,9%)	3 (100,0%)	0,345	NA	NA	NA	NA	0,216
Liso	2 (10,0%)	2 (5,9%)	3 (23,1%)	0 %		8 (88,9%)	25(100,0%)	5 (83,3%)	2 (100,0%)	
Cerdoso	1 (5,0%)	0 %	0 %	0 %		1 (11,1%)	0 %	1 (16,7%)	0 %	
Tamanho de pelo										
Indiferente	15 (75,0%)	25 (73,5%)	8 (61,5%)	3 (100,0%)	0,704	NA	NA	NA	NA	1
Curto	5 (25,0%)	8 (23,5%)	4 (30,8%)	0 %		8 (88,9%)	22 (88,0%)	6 (100,0%)	2 (100,0%)	
Médio	0 %	1 (2,9%)	0 %	0 %		1 (11,1%)	2 (8,0%)	0 %	0 %	
Comprido	0 %	0 %	1 (7,7%)	0 %		0 %	1 (4,0%)	0 %	0 %	
Porte (cão)										
Indiferente	5 (38,5%)	2 (16,7%)	0 %	0 %	0,197	NA	NA	NA	NA	0,487
Pequeno	3 (23,1%)	5 (41,7%)	6 (85,7%)	1 (100,0%)		1 (14,3%)	1 (11,1%)	0 %	1 (100,0%)	
Médio	2 (15,4%)	1 (8,3%)	1 (14,3%)	0 %		6 (85,7%)	6 (66,7%)	1 (100,0%)	0 %	
Grande	3 (23,1%)	4 (33,3%)	0 %	0 %		0 %	2 (22,2%)	0 %	0 %	

Tabela 14 – Associação entre o sexo dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>			<u>Animais adotados</u>		
	Feminino n=41	Masculino n=29	<i>p</i>	Feminino n=26	Masculino n=16	<i>p</i>
Espécie						
Cão	15 (36,6%)	18 (62,1%)	0,035	8 (30,8%)	10 (62,5%)	0,044
Gato	26 (63,4%)	11 (37,9%)		18 (69,2%)	6 (37,5%)	
Sexo						
Indiferente	21 (51,2%)	14 (48,3%)	0,019	NA	NA	0,130
Fêmea	12 (29,3%)	2 (6,9%)		16 (61,5%)	6 (37,5%)	
Macho	8 (19,5%)	13 (44,8%)		10 (38,5%)	10 (62,5%)	
Idade						
Indiferente	8 (19,5%)	5 (17,2%)	1	NA	NA	0,653
Jovem	29 (70,7%)	21 (72,4%)		18 (69,2%)	10 (62,5%)	
Adulto	4 (9,8%)	3 (10,3%)		8 (30,8%)	6 (37,5%)	
Raça						
Não	37 (90,2%)	26 (89,7%)	1	22 (84,6%)	12 (75,0%)	0,454
Sim	4 (9,8%)	3 (10,3%)		4 (15,4%)	4 (25,0%)	
Cor						
Não	32 (78,0%)	28 (96,6%)	0,038	NA	NA	
Sim	9 (22,0%)	1 (3,4%)		NA	NA	
Tipo de pelo						
Indiferente	34 (82,9%)	28 (96,6%)	0,226	NA	NA	1
Liso	6 (14,6%)	1 (3,4%)		25 (96,2%)	15 (93,8%)	
Cerdoso	1 (2,4%)	0 %		1 (3,8%)	1 (6,3%)	
Tamanho de pelo						
Indiferente	28 (68,3%)	23 (79,3%)	0,856	NA	NA	1
Curto	11 (26,8%)	6 (20,7%)		23 (88,5%)	15 (93,8%)	
Médio	1 (2,4%)	0 %		2 (7,7%)	1 (6,3%)	
Comprido	1 (2,4%)	0 %		1 (3,8%)	0 %	
Porte (cão)						
Indiferente	2 (13,3%)	5 (27,8%)	0,200	NA	NA	0,065
Pequeno	10 (66,7%)	5 (27,8%)		3 (37,5%)	0 %	
Médio	1 (6,7%)	3 (16,7%)		5 (62,5%)	8 (80,0%)	
Grande	2 (13,3%)	5 (27,8%)		0 %	2 (20,0%)	

Tabela 15 – Associação entre as habilitações literárias dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	<i>p</i>	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	<i>p</i>
	n=15	n=22	n=33		n=9	n=10	n=23	
Espécie								
Cão	7 (46,7%)	12 (54,5%)	14 (42,4%)	0,677	4 (44,4%)	6 (60,0%)	8 (34,8%)	0,414
Gato	8 (53,3%)	10 (45,5%)	19 (57,6%)		5 (55,6%)	4 (40,0%)	15 (65,2%)	
Sexo								
Indiferente	6 (40,0%)	12 (54,5%)	17 (51,5%)	0,609	NA	NA	NA	0,916
Fêmea	2 (13,3%)	5 (22,7%)	7 (21,2%)		4 (44,4%)	5 (50,0%)	13 (56,5%)	
Macho	7 (46,7%)	5 (22,7%)	9 (27,3%)		5 (55,6%)	5 (50,0%)	10 (43,5%)	
Idade								
Indiferente	3 (20,0%)	5 (22,7%)	5 (15,2%)	0,266	NA	NA	NA	0,684
Jovem	9 (60,0%)	14 (63,6%)	27 (81,8%)		7 (77,8%)	7 (70,0%)	14 (60,9%)	
Adulto	3 (20,0%)	3 (13,6%)	1 (3,0%)		2 (22,2%)	3 (30,0%)	9 (39,1%)	
Raça								
Não	13 (86,7%)	20 (90,9%)	30 (90,9%)	0,882	7 (77,8%)	8 (80,0%)	19 (82,6%)	1
Sim	2 (13,3%)	2 (9,1%)	3 (9,1%)		2 (22,2%)	2 (20,0%)	4 (17,4%)	

Tabela 15 (continuação) – Associação entre as habilitações literárias dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	<i>p</i>	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	<i>p</i>
	n=15	n=22	n=33		n=9	n=10	n=23	
Cor								
Não	10 (66,7%)	21 (95,5%)	29 (87,9%)	0,052	NA	NA	NA	
Sim	5 (33,3%)	1 (4,5%)	4 (12,1%)		NA	NA	NA	
Tipo de pelo								
Indiferente	11 (73,3%)	21 (95,5%)	30 (90,9%)	0,119	NA	NA	NA	1
Liso	4 (26,7%)	1 (4,5%)	2 (6,1%)		9 (100,0%)	10 (100,0%)	21 (91,3%)	
Cerdoso	0 %	0 %	1 (3,0%)		0 %	0 %	2 (8,7%)	
Tamanho de pelo								
Indiferente	10 (66,7%)	19 (86,4%)	22 (66,7%)	0,177	NA	NA	NA	0,007
Curto	5 (33,3%)	2 (9,1%)	10 (30,3%)		8 (88,9%)	7 (70,0%)	23 (100,0%)	
Médio	0 %	1 (4,5%)	0 %		0 %	3 (30,0%)	0 %	
Comprido	0 %	0 %	1 (3,0%)		1 (11,1%)	0 %	0 %	
Porte (cão)								
Indiferente	2 (28,6%)	3 (25,0%)	2 (14,3%)	0,786	NA	NA	NA	0,523
Pequeno	2 (28,6%)	7 (58,3%)	6 (42,9%)		0 %	2 (33,3%)	1 (12,5%)	
Médio	1 (14,3%)	1 (8,3%)	2 (14,3%)		4 (100,0%)	4 (66,7%)	5 (62,5%)	
Grande	2 (28,6%)	1 (8,3%)	4 (28,6%)		0 %	0 %	2 (25,0%)	

Tabela 16 – Associação entre o estado civil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	Solteiro	Casado/ União de facto	Divorciado	Viúvo	<i>p</i>	Solteiro	Casado/ União de facto	Divorciado	Viúvo	<i>p</i>
	n=29	n=27	n=10	n=4		n=15	n=16	n=7	n=4	
Espécie										
Cão	13 (44,8%)	17 (63,0%)	3 (30,0%)	0%	0,059	8 (53,3%)	9 (56,3%)	1 (14,3%)	0 %	0,079
Gato	16 (55,2%)	10 (37,0%)	7 (70,0%)	4 (100,0%)		7 (46,7%)	7 (43,8%)	6 (85,7%)	4 (100,0%)	
Sexo										
Indiferente	13 (44,8%)	16 (59,3%)	5 (50,0%)	1 (25,0%)	0,111	NA	NA	NA	NA	0,104
Fêmea	6 (20,7%)	2 (7,4%)	3 (30,0%)	3 (75,0%)		5 (33,3%)	8 (50,0%)	6 (85,7%)	3 (75,0%)	
Macho	10 (34,5%)	9 (33,3%)	2 (20,0%)	0 %		10 (66,7%)	8 (50,0%)	1 (14,3%)	1 (25,0%)	
Idade										
Indiferente	5 (17,2%)	6 (22,2%)	1 (10,0%)	1 (25,0%)	0,861	NA	NA	NA	NA	1
Jovem	22 (75,9%)	18 (66,7%)	7 (70,0%)	3 (75,0%)		10(66,7%)	10 (62,5%)	5 (71,4%)	3 (75,0%)	
Adulto	2 (6,9%)	3 (11,1%)	2 (20,0%)	0 %		5 (33,3%)	6 (37,5%)	2 (28,6%)	1 (25,0%)	
Raça										
Não	27 (93,1%)	24 (88,9%)	9 (90,0%)	3 (75,0%)	0,535	11 (73,3%)	14 (87,5%)	6 (85,7%)	3 (75,0%)	0,713
Sim	2 (6,9%)	3 (11,1%)	1 (10,0%)	1 (25,0%)		4 (26,7%)	2 (12,5%)	1 (14,3%)	1 (25,0%)	
Cor										
Não	26 (89,7%)	22 (81,5%)	9 (90,0%)	3 (75,0%)	0,635	NA	NA	NA	NA	
Sim	3 (10,3%)	5 (18,5%)	1 (10,0%)	1 (25,0%)		NA	NA	NA	NA	

Tabela 16 (continuação) – Associação entre o estado civil dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<i>p</i>	<u>Animais adotados</u>				<i>p</i>
	Solteiro n=29	Casado/ União de facto n=27	Divorciado n=10	Viúvo n=4		Solteiro n=15	Casado/ União de facto n=16	Divorciado n=7	Viúvo n=4	
Tipo de pelo										
Indiferente	26 (89,7%)	23 (85,2%)	10(100,0%)	3 (75,0%)	0,486	NA	NA	NA	NA	1
Liso	2 (6,9%)	4 (14,8%)	0 %	1 (25,0%)		14 (93,3%)	15 (93,8%)	7 (100,0%)	4 (100,0%)	
Cerdoso	1 (3,4%)	0 %	0 %	0 %		1 (6,7%)	1 (6,3%)	0 %	0 %	
Tamanho de pelo										
Indiferente	21 (72,4%)	19 (70,4%)	9 (90,0%)	2 (50,0%)	0,250	NA	NA	NA	NA	0,349
Curto	8 (27,6%)	7 (25,9%)	1 (10,0%)	1 (25,0%)		13(86,7%)	15 (93,8%)	7 (100,0%)	3 (75,0%)	
Médio	0 %	1 (3,7%)	0 %	0 %		2 (13,3%)	1 (6,3%)	0 %	0 %	
Comprido	0 %	0 %	0 %	1 (25,0%)		0 %	0 %	0 %	1 (25,0%)	
Porte (cão)										
Indiferente	3 (23,1%)	4 (23,5%)	0 %	0 %	0,730	NA	NA	NA	NA	0,134
Pequeno	4 (30,8%)	8 (47,1%)	3 (100,0%)	0 %		1 (12,5%)	1 (11,1%)	1 (100,0%)	0 %	
Médio	2 (15,4%)	2 (11,8%)	0 %	0 %		5 (62,5%)	8 (61,5%)	0 %	0 %	
Grande	4 (30,8%)	3 (17,6%)	0 %	0 %		2 (25,0%)	0 %	0 %	0 %	

Tabela 17 – Associação entre o meio de vida dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<i>p</i>	<u>Animais adotados</u>				<i>p</i>
	Trabalho	Reforma	Sub. Desemp. ¹	Outros		Trabalho	Reforma	Sub. Desemp.	Outros	
	n=59	n=7	n=2	n=2		n=36	n=4	n=1	n=1	
Espécie										
Cão	26 (44,1%)	5 (71,4%)	1 (50,0%)	1 (50,0%)	0,578	14 (38,9%)	2 (50,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	0,425
Gato	33 (55,9%)	2 (28,6%)	1 (50,0%)	1 (50,0%)		22 (61,1%)	2 (50,0%)	0 %	0 %	
Sexo										
Indiferente	30 (50,8%)	4 (57,1%)	0 %	1 (50,0%)	0,337	NA	NA	NA	NA	0,467
Fêmea	11 (18,6%)	2 (28,6%)	0 %	1 (50,0%)		19 (52,8%)	3 (75,0%)	0 %	0 %	
Macho	18 (30,5%)	1 (14,3%)	2 (100,0%)	0 %		17 (47,2%)	1 (25,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	
Idade										
Indiferente	13 (22,0%)	0 %	0 %	0 %	0,765	NA	NA	NA	NA	1
Jovem	40 (67,8%)	6 (85,7%)	2 (100,0%)	2 (100,0%)		23 (63,9%)	3 (75,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	
Adulto	6 (10,2%)	1 (14,3%)	0 %	0 %		13 (36,1%)	1 (25,0%)	0 %	0 %	
Raça										
Não	52 (88,1%)	7 (100,0%)	2 (100,0%)	2 (100,0%)	1	29 (80,6%)	3 (75,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	1
Sim	7 (11,9%)	0 %	0 %	0 %		7 (19,4%)	1 (25,0%)	0 %	0 %	
Cor										
Não	52 (88,1%)	5 (71,4%)	1 (50,0%)	2 (100,0%)	0,219	NA	NA	NA	NA	
Sim	7 (11,9%)	2 (28,6%)	1 (50,0%)	0 %		NA	NA	NA	NA	

Notas: 1 – Sub. Desemp.: subsídio de desemprego

Tabela 17 (continuação) – Associação entre o meio de vida dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	Trabalho	Reforma	Sub. Desemp. ¹	Outros	<i>p</i>	Trabalho	Reforma	Sub. Desemp.	Outros	<i>p</i>
	n=59	n=7	n=2	n=2		n=36	n=4	n=1	n=1	
Tipo de pelo										
Indiferente	53 (89,8%)	5 (71,4%)	2 (100,0%)	2 (100,0%)	0,544	NA	NA	NA	NA	0,268
Liso	5 (8,5%)	2 (28,6%)	0 %	0 %		35 (97,2%)	3 (75,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	
Cerdoso	1 (1,7%)	0 %	0 %	0 %		1 (2,8%)	1 (25,0%)	0 %	0 %	
Tamanho de pelo										
Indiferente	44 (74,6%)	4 (57,1%)	2 (100,0%)	1 (50,0%)	0,555	NA	NA	NA	NA	1
Curto	13 (22,0%)	3 (42,9%)	0 %	1 (50,0%)		32 (88,9%)	4 (100,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	
Médio	1 (1,7%)	0 %	0 %	0 %		3 (8,3%)	0 %	0 %	0 %	
Comprido	1 (1,7%)	0 %	0 %	0 %		1 (2,8%)	0 %	0 %	0 %	
Porte (cão)										
Indiferente	7 (26,9%)	0 %	0 %	0 %	0,087	NA	NA	NA	NA	0,766
Pequeno	10 (38,5%)	5 (100,0%)	0 %	0 %		2 (14,3%)	1 (50,0%)	0 %	0 %	
Médio	4 (15,4%)	0 %	0 %	0 %		10 (71,4%)	1 (50,0%)	1 (100,0%)	1 (100,0%)	
Grande	5 (19,2%)	0 %	1 (100,0%)	1 (100,0%)		2 (14,3%)	0 %	0 %	0 %	

Notas: 1 – Sub. Desemp.: subsídio de desemprego

Tabela 18 – Associação entre número total de pessoas do agregado dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Uma pessoa n=10	Duas pessoas n=24	Mais que duas n=36	<i>p</i>	Uma pessoa n=7	Duas pessoas n=14	Mais que duas n=21	<i>p</i>
Espécie								
Cão	4 (40,0%)	11 (45,8%)	18 (50,0%)	0,848	2 (28,6%)	5 (35,7%)	11 (52,4%)	0,532
Gato	6 (60,0%)	13 (54,2%)	18 (50,0%)		5 (71,4%)	9 (64,3%)	10 (47,6%)	
Sexo								
Indiferente	4 (40,0%)	13 (54,2%)	18 (50,0%)	0,704	NA	NA	NA	0,321
Fêmea	2 (20,0%)	3 (12,5%)	9 (25,0%)		2 (28,6%)	7 (50,0%)	13 (61,9%)	
Macho	4 (40,0%)	8 (33,3%)	9 (25,0%)		5 (71,4%)	7 (50,0%)	8 (38,1%)	
Idade								
Indiferente	0 %	4 (16,7%)	9 (25,0%)	0,067	NA	NA	NA	0,908
Jovem	7 (70,0%)	17 (70,8%)	26 (72,2%)		5 (71,4%)	10 (71,4%)	13 (61,9%)	
Adulto	3 (30,0%)	3 (12,5%)	1 (2,8%)		2 (28,6%)	4 (28,6%)	8 (38,1%)	
Raça								
Não	9 (90,0%)	24 (100,0%)	30 (83,3%)	0,092	6 (85,7%)	13 (92,9%)	15 (71,4%)	0,335
Sim	1 (10,0%)	0 %	6 (16,7%)		1 (14,3%)	1 (7,1%)	6 (28,6%)	
Cor								
Não	8 (80,0%)	21 (87,5%)	31 (86,1%)	0,800	NA	NA	NA	
Sim	2 (20,0%)	3 (12,5%)	5 (13,9%)		NA	NA	NA	

Tabela 18 (continuação) – Associação entre número total de pessoas do agregado dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Uma pessoa n=10	Duas pessoas n=24	Mais que duas n=36	<i>p</i>	Uma pessoa n=7	Duas pessoas n=14	Mais que duas n=21	<i>p</i>
Tipo de pelo								
Indiferente	8 (80,0%)	22 (91,7%)	32 (88,9%)	0,358	NA	NA	NA	1
Liso	2 (20,0%)	1 (4,2%)	4 (11,1%)		7 (100,0%)	13 (92,9%)	20 (95,2%)	
Cerdoso	0 %	1 (4,2%)	0 %		0 %	1 (7,1%)	1 (4,8%)	
Tamanho de pelo								
Indiferente	7 (70,0%)	20 (83,3%)	24 (66,7%)	0,760	NA	NA	NA	0,875
Curto	3 (30,0%)	4 (16,7%)	10 (27,8%)		6 (85,7%)	13 (92,9%)	19 (90,5%)	
Médio	0 %	0 %	1 (2,8%)		1 (14,3%)	1 (7,1%)	1 (4,8%)	
Comprido	0 %	0 %	1 (2,8%)		0 %	0 %	1 (4,8%)	
Porte (cão)								
Indiferente	0 %	1 (9,1%)	6 (33,3%)	0,415	NA	NA	NA	0,692
Pequeno	3 (20,0%)	7 (63,6%)	5 (27,8%)		1 (50,0%)	1 (33,3%)	1 (9,1%)	
Médio	0 %	1 (9,1%)	3 (16,7%)		1 (50,0%)	4 (30,8%)	8 (72,7%)	
Grande	1 (14,3%)	2 (18,2%)	4 (22,2%)		0 %	0 %	2 (18,2%)	

Tabela 19 – Associação entre a existência de crianças no agregado familiar dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>			<u>Animais adotados</u>		
	Sem crianças n=39	Com crianças n=31	<i>p</i>	Sem crianças n=22	Com crianças n=20	<i>p</i>
Espécie						
Cão	22 (56,4%)	11 (33,3%)	0,097	11 (50,0%)	7 (35,0%)	0,327
Gato	17 (43,6%)	20 (54,1%)		11 (50,0%)	13 (65,0%)	
Sexo						
Indiferente	19 (48,7%)	16 (45,7%)	0,972	NA	NA	0,346
Fêmea	8 (20,5%)	6 (42,9%)		10 (45,5%)	12 (60,0%)	
Macho	12 (30,8%)	9 (42,9%)		12 (54,5%)	8 (40,0%)	
Idade						
Indiferente	4 (10,3%)	9 (69,2%)	0,060	NA	NA	0,827
Jovem	29 (74,4%)	21 (42,0%)		15 (68,2%)	13 (65,0%)	
Adulto	6 (15,4%)	1 (14,3%)		7 (31,8%)	7 (35,0%)	
Raça						
Não	36 (92,3%)	27 (42,9%)	0,692	17 (77,3%)	17 (85,0%)	0,700
Sim	3 (7,7%)	4 (57,1%)		5 (22,7%)	3 (15,0%)	
Cor						
Não	34 (87,2%)	26 (43,3%)	0,741	NA	NA	
Sim	5 (12,8%)	5 (50,0%)		NA	NA	
Tipo de pelo						
Indiferente	34 (87,2%)	28 (45,2%)	1	NA	NA	1
Liso	4 (10,3%)	3 (42,9%)		21 (95,5%)	19 (95,0%)	
Cerdoso	1 (2,6%)	0 %		1 (4,5%)	1 (5,0%)	
Tamanho de pelo						
Indiferente	30 (76,9%)	21 (41,2%)	0,439	NA	NA	0,794
Curto	9 (23,1%)	8 (47,1%)		20 (90,9%)	18 (90,0%)	
Médio	0 %	1 (100,0%)		2 (9,1%)	1 (5,0%)	
Comprido	0 %	1 (100,0%)		0 %	1 (5,0%)	
Porte (cão)						
Indiferente	n=22 2 (28,6%)	n=11 5 (71,4%)	0,132	n=11 NA	n=7 NA	0,757
Pequeno	11 (73,3%)	4 (26,7%)		2 (18,2%)	1 (33,3%)	
Médio	3 (75,0%)	1 (25,0%)		7 (63,6%)	6 (46,2%)	
Grande	6 (85,7%)	1 (14,3%)		2 (18,2%)	0 %	

Tabela 20 – Associação entre o concelho de proveniência dos visitantes características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>			<u>Animais adotados</u>		
	Lisboa	Outro concelho	<i>p</i>	Lisboa	Outro concelho	<i>p</i>
	n=34	n=35		n=20	n=21	
Espécie						
Cão	13 (38,2%)	19 (54,3%)	0,181	7 (35,0%)	10 (47,6%)	0,412
Gato	21 (61,8%)	16 (45,7%)		13 (65,0%)	11 (52,4%)	
Sexo						
Indiferente	16 (47,1%)	19 (54,3%)	0,801	NA	NA	0,087
Fêmea	7 (20,6%)	7 (20,0%)		8 (40,0%)	14 (66,7%)	
Macho	11 (32,4%)	9 (25,7%)		12 (60,0%)	7 (33,3%)	
Idade						
Indiferente	5 (14,7%)	8 (22,9%)	0,076	NA	NA	0,012
Jovem	28 (82,4%)	21 (60,0%)		17 (85,0%)	10 (47,6%)	
Adulto	1 (2,9%)	6 (17,1%)		3 (15,0%)	11 (52,4%)	
Raça						
Não	30 (88,2%)	32 (91,4%)	0,710	18 (90,0%)	15 (71,4%)	0,238
Sim	4 (11,8%)	3 (8,6%)		2 (10,0%)	6 (28,6%)	
Cor						
Não	30 (88,2%)	29 (82,9%)	0,734	NA	NA	
Sim	4 (11,8%)	6 (17,1%)		NA	NA	
Tipo de pelo						
Indiferente	32 (94,1%)	29 (82,9%)	0,341	NA	NA	1
Liso	2 (5,9%)	5 (14,3%)		19 (95,0%)	20 (95,2%)	
Cerdoso	0 %	1 (2,9%)		1 (5,0%)	1 (4,8%)	
Tamanho de pelo						
Indiferente	26 (76,5%)	24 (68,6%)	0,265	NA	NA	0,166
Curto	6 (17,6%)	11 (31,4%)		17 (85,0%)	20 (95,2%)	
Médio	1 (2,9%)	0 %		3 (15,0%)	0 %	
Comprido	1 (2,9%)	0 %		0 %	1 (4,8%)	
Porte (cão)						
	n=13	n=19		n=7	n=10	
Indiferente	3 (42,9%)	4 (57,1%)	0,455	NA	NA	0,603
Pequeno	8 (53,3%)	7 (46,7%)		1 (14,3%)	2 (20,0%)	
Médio	0 %	3 (100,0%)		6 (85,7%)	6 (60,0%)	
Grande	2 (28,6%)	5 (71,4%)		0 %	2 (20,0%)	

Tabela 21 – Associação entre tipo de habitação dos visitantes características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	Apartamento n=55	Moradia n=12	Quinta n=2	Outro n=1	<i>p</i>	Apartamento n=33	Moradia n=6	Quinta n=2	Outro n=1	<i>p</i>
Espécie										
Cão	23 (41,8%)	7 (58,3%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	0,129	10 (30,3%)	5 (83,3%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	0,0051
Gato	32 (58,2%)	5 (41,7%)	0 %	0 %		23 (69,7%)	1 (16,7%)	0 %	0 %	
Sexo										
Indiferente	27 (49,1%)	7 (58,3%)	1 (50,0%)	0 %	0,519	NA	NA	NA	NA	0,453
Fêmea	10 (18,2%)	3 (25,0%)	0 %	1 (100,0%)		17 (51,5%)	2 (33,3%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	
Macho	18 (32,7%)	2 (16,7%)	1 (50,0%)	0 %		16 (48,5%)	4 (66,7%)	0 %	0 %	
Idade										
Indiferente	9 (16,4%)	3 (25,0%)	0 %	1 (100,0%)	0,372	NA	NA	NA	NA	0,083
Jovem	41 (74,5%)	7 (58,3%)	2 (100,0%)	0 %		24 (72,7%)	4 (66,7%)	0 %	0 %	
Adulto	5 (9,1%)	2 (16,7%)	0 %	0 %		9 (27,3%)	2 (33,3%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	
Raça										
Não	51 (92,7%)	10 (83,3%)	1 (50,0%)	1 (100,0%)	0,168	29 (87,9%)	4 (66,7%)	0 %	1 (100,0%)	0,021
Sim	4 (7,3%)	2 (16,7%)	1 (50,0%)	0 %		4 (12,1%)	2 (33,3%)	2 (100,0%)	0 %	
Cor										
Não	46 (83,6%)	11 (91,7%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	0,797	NA	NA	NA	NA	
Sim	9 (16,4%)	1 (8,3%)	0 %	0 %		NA	NA	NA	NA	
Tipo de pelo										
Indiferente	49 (89,1%)	11 (91,7%)	2 (100,0%)	0 %	0,059	NA	NA	NA	NA	0,080
Liso	6 (10,9%)	1 (8,3%)	0 %	0 %		32 (97,0%)	6 (100,0%)	2 (100,0%)	0 %	
Cerdoso	0 %	0 %	0 %	1 (100,0%)		1 (3,0%)	0 %	0 %	1 (100,0%)	

Tabela 21 (continuação) – Associação entre tipo de habitação dos visitantes características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	Apartamento n=55	Moradia n=12	Quinta n=2	Outro n=1	<i>p</i>	Apartamento n=33	Moradia n=6	Quinta n=2	Outro n=1	<i>p</i>
Tamanho de pelo										
Indiferente	41 (74,5%)	8 (66,7%)	1 (50,0%)	1 (100,0%)	0,436	NA	NA	NA	NA	1
Curto	13 (23,6%)	3 (25,0%)	1 (50,0%)	0 %		29 (87,9%)	6 (100,0%)	2 (100,0%)	1 (100,0%)	
Médio	0 %	1 (8,3%)	0 %	0 %		3 (9,1%)	0 %	0 %	0 %	
Comprido	1 (1,8%)	0 %	0 %	0 %		1 (3,0%)	0 %	0 %	0 %	
Porte (cão)										
Indiferente	5 (21,7%)	2 (28,6%)	0 %	0 %	0,088	NA	NA	NA	NA	0,004
Pequeno	13 (56,5%)	1 (14,3%)	0 %	1 (100,0%)		2 (20,0%)	0 %	0 %	1 (100,0%)	
Médio	2 (8,7%)	2 (28,6%)	0 %	0 %		8 (80,0%)	5 (100,0%)	0 %	0 %	
Grande	3 (13,0%)	2 (28,6%)	2 (100,0%)	0 %		0 %	0 %	2 (100,0%)	0 %	

Tabela 22 – Associação entre a tipologia da habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	T0 a T2	T3	T4 ou mais	<i>p</i>	T0 a T2	T3	T4 ou mais	<i>P</i>
	n=29	n=20	n=20		n=14	n=14	n=14	
Espécie								
Cão	16 (55,2%)	8 (40,0%)	8 (40,0%)	0,459	6 (42,9%)	6 (42,9%)	6 (42,9%)	1
Gato	13 (44,8%)	12 (60,0%)	12 (60,0%)		8 (57,1%)	8 (57,1%)	8 (57,1%)	
Sexo								
Indiferente	14 (48,3%)	9 (45,0%)	11 (55,0%)	0,390	NA	NA	NA	0,513
Fêmea	4 (13,8%)	4 (20,0%)	6 (30,0%)		6 (42,9%)	7 (50,0%)	9 (64,3%)	
Macho	11 (37,9%)	7 (35,0%)	3 (15,0%)		8 (57,1%)	7 (50,0%)	5 (35,7%)	
Idade								
Indiferente	4 (13,8%)	4 (20,0%)	4 (20,0%)	0,276	NA	NA	NA	1
Jovem	22 (75,9%)	12 (60,0%)	16 (80,0%)		9 (64,3%)	10 (71,4%)	9 (64,3%)	
Adulto	3 (10,3%)	4 (20,0%)	0 %		5 (35,7%)	4 (28,6%)	5 (35,7%)	
Raça								
Não	28 (96,6%)	17 (85,0%)	17 (85,0%)	0,276	12 (85,7%)	12 (85,7%)	10 (71,4%)	0,694
Sim	1 (3,4%)	3 (15,0%)	3 (15,0%)		2 (14,3%)	2 (14,3%)	4 (28,6%)	
Cor								
Não	25 (86,2%)	16 (80,0%)	18 (90,0%)	0,758	NA	NA	NA	
Sim	4 (13,8%)	4 (20,0%)	2 (10,0%)		NA	NA	NA	
Tipo de pelo								
Indiferente	26 (89,7%)	17 (85,0%)	18 (90,0%)	0,949	NA	NA	NA	1
Liso	2 (6,9%)	3 (15,0%)	2 (10,0%)		13 (92,9%)	14 (100,0%)	13 (92,9%)	
Cerdoso	1 (3,4%)	0 %	0 %		1 (7,1%)	0 %	1 (7,1%)	

Tabela 22 (continuação)– Associação entre a tipologia da habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	T0 a T2	T3	T4 ou mais	<i>p</i>	T0 a T2	T3	T4 ou mais	<i>P</i>
	n=29	n=20	n=20		n=14	n=14	n=14	
Tamanho de pelo								
Indiferente	25 (86,2%)	14 (70,0%)	11 (55,0%)	0,088	NA	NA	NA	0,761
Curto	4 (13,8%)	6 (30,0%)	7 (35,0%)		12 (85,7%)	13 (92,9%)	13 (92,9%)	
Médio	0 %	0 %	1 (5,0%)		2 (14,3%)	1 (7,1%)	0 %	
Comprido	0 %	0 %	1 (5,0%)		0 %	0 %	1 (7,1%)	
Porte (cão)								
	n=16	n=8	n=8		n=6	n=6	n=6	
Indiferente	3 (18,8%)	3 (37,5%)	1 (12,5%)	0,583	NA	NA	NA	0,269
Pequeno	8 (50,0%)	4 (50,0%)	2 (25,0%)		2 (66,7%)	1 (16,7%)	0 %	
Médio	2 (12,5%)	0 %	2 (25,0%)		4 (30,8%)	5 (83,3%)	4 (66,7%)	
Grande	3 (18,8%)	1 (12,5%)	3 (37,5%)		0 %	0 %	2 (33,3%)	

Tabela 23 – Associação entre a existência de quintal/varanda na habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Não tem nenhuma	Varanda	Quintal	<i>p</i>	Não tem nenhuma	Varanda	Quintal	<i>p</i>
	n=25	n=21	n=24		n=13	n=13	n=16	
Espécie								
Cão	11 (44,0%)	7 (33,3%)	15 (62,5%)	0,137	5 (38,5%)	1 (7,7%)	12 (75,0%)	0,001
Gato	14 (56,0%)	14 (66,7%)	9 (37,5%)		8 (61,5%)	12 (92,3%)	4 (25,0%)	
Sexo								
Indiferente	13 (52,0%)	11 (52,4%)	11 (45,8%)	0,932	NA	NA	NA	0,092
Fêmea	4 (16,0%)	5 (23,8%)	5 (20,8%)		8 (61,5%)	9 (69,2%)	5 (31,3%)	
Macho	8 (32,0%)	5 (23,8%)	8 (33,3%)		5 (38,5%)	4 (30,8%)	11 (68,8%)	
Idade								
Indiferente	4 (16,0%)	4 (19,0%)	5 (20,8%)	0,743	NA	NA	NA	0,713
Jovem	19 (76,0%)	16 (76,2%)	15 (62,5%)		8 (61,5%)	10 (76,9%)	10 (62,5%)	
Adulto	2 (8,0%)	1 (4,8%)	4 (16,7%)		5 (38,5%)	3 (23,1%)	6 (37,5%)	
Raça								
Não	23 (92,0%)	20 (95,2%)	20 (83,3%)	0,431	11 (84,6%)	12 (92,3%)	11 (68,8%)	0,295
Sim	2 (8,0%)	1 (4,8%)	4 (16,7%)		2 (15,4%)	1 (7,7%)	5 (31,3%)	
Cor								
Não	20 (80,0%)	18 (85,7%)	22 (91,7%)	0,530	NA	NA	NA	
Sim	5 (20,0%)	3 (14,3%)	2 (8,3%)		NA	NA	NA	
Tipo de pelo								
Indiferente	21 (84,0%)	19 (90,5%)	22 (91,7%)	1	NA	NA	NA	0,517
Liso	3 (12,0%)	2 (9,5%)	2 (8,3%)		12 (92,3%)	12 (92,3%)	16 (100,0%)	
Cerdoso	1 (4,0%)	0 %	0 %		1 (7,7%)	1 (7,7%)	0 %	

Tabela 23 (continuação) – Associação entre a existência de quintal/varanda na habitação dos visitantes e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	Não tem nenhuma n=25	Varanda n=21	Quintal n=24	<i>p</i>	Não tem nenhuma n=13	Varanda n=13	Quintal n=16	<i>p</i>
Tamanho de pelo								
Indiferente	18 (72,0%)	15 (71,4%)	18 (75,0%)	0,854	NA	NA	NA	0,667
Curto	7 (28,0%)	5 (23,8%)	5 (20,8%)		12 (92,3%)	12 (92,3%)	14 (87,5%)	
Médio	0 %	0 %	1 (4,2%)		1 (7,7%)	0 %	2 (12,5%)	
Comprido	0 %	1 (4,8%)	0 %		0 %	1 (7,7%)	0 %	
Porte (cão)	n=11	n=7	n=15		n=5	n=1	n=12	
Indiferente	0 %	3 (42,9%)	4 (26,7%)	0,003	NA	NA	NA	0,045
Pequeno	10 (90,9%)	2 (28,6%)	3 (20,0%)		3 (60,0%)	0 %	0 %	
Médio	1 (9,1%)	1 (14,3%)	2 (13,3%)		2 (40,0%)	1 (100,0%)	10 (83,3%)	
Grande	0 %	1 (14,3%)	6 (40,0%)		0 %	0 %	2 (16,7%)	

Tabela 24 – Associação entre o tempo que os visitantes indicaram poder dedicar ao animal por dia e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>				<u>Animais adotados</u>			
	1-4h (n=17)	4-8h (n=32)	>8h (n=20)	<i>p</i>	1-4h (n=13)	4-8h (n=19)	>8h (n=9)	<i>p</i>
Espécie								
Cão	9 (52,9%)	14 (43,8%)	10 (50,0%)	0,807	6 (46,2%)	9 (47,4%)	3 (33,3%)	0,845
Gato	8 (47,1%)	18 (56,3%)	10 (50,0%)		7 (53,8%)	10 (52,6%)	6 (66,7%)	
Sexo								
Indiferente	8 (47,1%)	17 (53,1%)	9 (45,0%)	0,681	NA	NA	NA	0,717
Fêmea	3 (17,6%)	8 (25,0%)	3 (15,0%)		8 (61,5%)	9 (47,4%)	4 (44,4%)	
Macho	6 (35,3%)	7 (21,9%)	8 (40,0%)		5 (38,5%)	10 (52,6%)	5 (55,6%)	
Idade								
Indiferente	4 (23,5%)	7 (21,9%)	2 (10,0%)	0,135	NA	NA	NA	0,484
Jovem	13 (76,5%)	23 (71,9%)	13 (65,0%)		7 (53,8%)	14 (73,7%)	6 (66,7%)	
Adulto	0 %	13 (40,6%)	5 (25,0%)		6 (46,2%)	5 (26,3%)	3 (33,3%)	
Raça								
Não	14 (82,4%)	30 (93,8%)	18 (90,0%)	0,397	9 (69,2%)	18 (94,7%)	6 (66,7%)	0,083
Sim	3 (17,6%)	2 (6,3%)	2 (10,0%)		4 (30,8%)	1 (5,3%)	3 (33,3%)	
Cor								
Não	14 (82,4%)	27 (84,4%)	18 (90,0%)	0,826	NA	NA	NA	
Sim	3 (17,6%)	5 (15,6%)	2 (10,0%)		NA	NA	NA	

Tabela 24 (continuação) – Associação entre o tempo que os visitantes indicaram poder dedicar ao animal por dia e as características dos animais procurados/adotados.

	Animais procurados				Animais adotados			
	1-4h	4-8h	>8h	p	1-4h	4-8h	>8h	p
	(n=17)	(n=32)	(n=20)		(n=13)	(n=19)	(n=9)	
Tipo de pelo								
Indiferente	15 (88,2%)	28 (87,5%)	18 (90,0%)	1	NA	NA	NA	0,699
Liso	2 (11,8%)	3 (9,4%)	2 (10,0%)		13 (100,0%)	17 (89,5%)	9 (100,0%)	
Cerdoso	0 %	1 (3,1%)	0 %		0 %	2 (10,5%)	0 %	
Tamanho de pelo								
Indiferente	10 (58,8%)	24 (75,0%)	16 (80,0%)	0,350	NA	NA	NA	0,546
Curto	5 (29,4%)	8 (25,0%)	4 (20,0%)		12 (92,3%)	17 (89,5%)	8 (88,9%)	
Médio	1 (5,9%)	0 %	0 %		1 (7,7%)	2 (10,5%)	0 %	
Comprido	1 (5,9%)	0 %	0 %		0 %	0 %	1 (11,1%)	
Porte (cão)								
	n=9	n=14	n=10		n=6	n=9	n=3	
Indiferente	2 (22,2%)	3 (21,4%)	2 (20,0%)	0,873	NA	NA	NA	0,337
Pequeno	4 (44,4%)	6 (42,9%)	5 (50,0%)		0 %	2 (22,2%)	1 (33,3%)	
Médio	0 %	3 (21,4%)	1 (10,0%)		4 (66,7%)	7 (77,8%)	2 (66,7%)	
Grande	3 (33,3%)	2 (14,3%)	2 (20,0%)		2 (33,3%)	0 %	0 %	

Tabela 25 – Associação entre o intervalo de valores que os visitantes pensavam gastar anualmente, em média, com o animal e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>					<u>Animais adotados</u>				
	não sabe (n=20)	até 400€ (n=16)	400 a 800€ (n=24)	mais de 800€ (n=9)	p	não sabe (n=13)	até 400€ (n=7)	400 a 800€ (n=17)	mais de 800€ (n=4)	p
Espécie										
Cão	9 (45,0%)	7 (43,8%)	11 (45,8%)	6 (66,7%)	0,688	6 (46,2%)	4 (57,1%)	6 (35,3%)	2 (50,0%)	0,806
Gato	11 (55,0%)	9 (56,3%)	13 (54,2%)	3 (33,3%)		7 (53,8%)	3 (42,9%)	11 (64,7%)	2 (50,0%)	
Sexo										
Indiferente	11 (55,0%)	6 (37,5%)	13 (54,2%)	4 (44,4%)	0,400	NA	NA	NA	NA	0,331
Fêmea	1 (5,0%)	5 (31,3%)	6 (25,0%)	2 (22,2%)		4 (30,8%)	4 (57,1%)	10 (58,8%)	3 (75,0%)	
Macho	8 (40,0%)	5 (31,3%)	5 (20,8%)	3 (33,3%)		9 (69,2%)	3 (42,9%)	7 (41,2%)	1 (25,0%)	
Idade										
Indiferente	4 (20,0%)	2 (12,5%)	7 (29,2%)	0 %	0,251	NA	NA	NA	NA	0,667
Jovem	14 (70,0%)	14 (87,5%)	14 (58,3%)	7 (77,8%)		8 (61,5%)	6 (85,7%)	11 (64,7%)	2 (50,0%)	
Adulto	2 (10,0%)	0 %	3 (12,5%)	2 (22,2%)		5 (38,5%)	1 (14,3%)	6 (35,3%)	2 (50,0%)	
Raça										
Não	19 (95,0%)	15 (93,8%)	21 (87,5%)	7 (77,8%)	0,489	11 (84,6%)	7 (100,0%)	13 (76,5%)	2 (50,0%)	0,213
Sim	1 (5,0%)	1 (6,3%)	3 (12,5%)	2 (22,2%)		2 (15,4%)	0 %	4 (23,5%)	2 (50,0%)	
Cor										
Não	17 (85,0%)	13 (81,3%)	20 (83,3%)	9 (100,0%)	0,700	NA	NA	NA	NA	
Sim	3 (15,0%)	3 (18,8%)	4 (16,7%)	0 %		NA	NA	NA	NA	

Tabela 25 (continuação) – Associação entre o intervalo de valores que os visitantes pensavam gastar anualmente, em média, com o animal e as características dos animais procurados/adotados.

	Animais procurados					Animais adotados				
	não sabe (n=20)	até 400€ (n=16)	400 a 800€ (n=24)	mais de 800€ (n=9)	<i>p</i>	não sabe (n=13)	até 400€ (n=7)	400 a 800€ (n=17)	mais de 800€ (n=4)	<i>p</i>
Tipo de pelo										
Indiferente	17 (85,0%)	14 (87,5%)	21 (87,5%)	9 (100,0%)	0,683	NA	NA	NA	NA	0,033
Liso	3 (15,0%)	1 (6,3%)	3 (12,5%)	0 %		13 (100,0%)	5 (71,4%)	17 (100,0%)	4 (100,0%)	
Cerdoso	0 %	1 (6,3%)	0 %	0 %		0 %	2 (28,6%)	0 %	0 %	
Tamanho de pelo										
Indiferente	13 (65,0%)	11 (68,8%)	19 (79,2%)	7 (77,8%)	0,586	NA	NA	NA	NA	0,187
Curto	7 (35,0%)	5 (31,3%)	3 (12,5%)	2 (22,2%)		12 (92,3%)	5 (71,4%)	16 (94,1%)	4 (100,0%)	
Médio	0 %	0 %	1 (4,2%)	0 %		1 (7,7%)	2 (28,6%)	0 %	0 %	
Comprido	0 %	0 %	1 (4,2%)	0 %		0 %	0 %	1 (5,9%)	0 %	
Porte (cão)										
Indiferente	n=9	n=7	n=11	n=6	0,592	n=6	n=4	n=6	n=2	0,004
Pequeno	3 (33,3%)	1 (14,3%)	3 (27,3%)	0 %		NA	NA	NA	NA	
Médio	3 (33,3%)	5 (71,4%)	5 (45,5%)	2 (33,3%)		0 %	2 (50,0%)	1 (16,7%)	0 %	
Grande	2 (22,2%)	0 %	1 (9,1%)	1 (16,7%)		6 (100,0%)	2 (50,0%)	5 (83,3%)	0 %	
	1 (11,1%)	1 (14,3%)	2 (18,2%)	3 (50,0%)		0 %	0 %	0 %	2 (100,0%)	

Tabela 26 – Associação entre o facto de os visitantes terem animais ao dia da visita e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>			<u>Animais adotados</u>		
	Não n=49	Sim n=21	<i>p</i>	Não n=31	Sim n=11	<i>p</i>
Espécie						
Cão	24 (49,0%)	9 (42,9%)	0,795	14 (45,2%)	4 (36,4%)	0,731
Gato	25 (51,0%)	12 (57,1%)		17 (54,8%)	7 (63,6%)	
Sexo						
Indiferente	25 (51,0%)	10 (47,6%)	0,148	NA	NA	0,384
Fêmea	7 (14,3%)	7 (33,3%)		15 (48,4%)	7 (63,6%)	
Macho	17 (34,7%)	4 (19,0%)		16 (51,6%)	4 (36,4%)	
Idade						
Indiferente	8 (16,3%)	5 (23,8%)	0,836	NA	NA	0,283
Jovem	36 (73,5%)	14 (66,7%)		19 (61,3%)	9 (81,8%)	
Adulto	5 (10,2%)	2 (9,5%)		12 (38,7%)	2 (18,2%)	
Raça						
Não	44 (89,8%)	19 (90,5%)	1	24 (77,4%)	10 (90,9%)	0,657
Sim	5 (10,2%)	2 (9,5%)		7 (22,6%)	1 (9,1%)	
Cor						
Não	42 (85,7%)	18 (85,7%)	1	NA	NA	
Sim	7 (14,3%)	3 (14,3%)		NA	NA	
Tipo de pelo						
Indiferente	41 (83,7%)	21 (100,0%)	0,119	NA	NA	1
Liso	7 (14,3%)	0 %		29 (93,5%)	11 (100,0%)	
Cerdoso	1 (2,0%)	0 %		2 (6,5%)	0 %	
Tamanho de pelo						
Indiferente	32 (65,3%)	19 (90,5%)	0,009	NA	NA	0,388
Curto	16 (32,7%)	1 (4,8%)		29 (93,5%)	9 (81,8%)	
Médio	1 (2,0%)	0 %		2 (6,5%)	1 (9,1%)	
Comprido	0 %	1 (4,8%)		0 %	1 (9,1%)	
Porte (cão)						
Indiferente	n=24 5 (20,8%)	n=9 2 (22,2%)	0,938	n=14 NA	n=4 NA	0,720
Pequeno	10 (41,7%)	5 (55,6%)		3 (21,4%)	0 %	
Médio	3 (12,5%)	1 (11,1%)		9 (64,3%)	4 (100,0%)	
Grande	6 (25,0%)	1 (11,1%)		2 (14,3%)	0 %	

Tabela 27 – Associação entre o facto de os visitantes terem tido animais nos últimos 10 anos e as características dos animais procurados/adotados.

	<u>Animais procurados</u>			<u>Animais adotados</u>		
	Não n=14	Sim n=56	<i>p</i>	Não n=12	Sim n=30	<i>p</i>
Espécie						
Cão	6 (42,9%)	27 (48,2%)	0,720	5 (41,7%)	13 (43,3%)	0,922
Gato	8 (57,1%)	29 (51,8%)		7 (58,3%)	17 (56,7%)	
Sexo						
Indiferente	9 (64,3%)	26 (46,4%)	0,388	NA	NA	0,625
Fêmea	1 (7,1%)	13 (23,2%)		7 (58,3%)	15 (50,0%)	
Macho	4 (28,6%)	17 (30,4%)		5 (41,7%)	15 (50,0%)	
Idade						
Indiferente	2 (14,3%)	11 (19,6%)	0,788	NA	NA	0,491
Jovem	10 (71,4%)	40 (71,4%)		7 (58,3%)	21 (70,0%)	
Adulto	2 (14,3%)	5 (8,9%)		5 (41,7%)	9 (30,0%)	
Raça						
Não	12 (85,7%)	51 (91,1%)	0,621	9 (75,0%)	25 (83,3%)	0,668
Sim	2 (14,3%)	5 (8,9%)		3 (25,0%)	5 (16,7%)	
Cor						
Não	12 (85,7%)	48 (85,7%)	1	NA	NA	
Sim	2 (14,3%)	8 (14,3%)		NA	NA	
Tipo de pelo						
Indiferente	12 (85,7%)	50 (89,3%)	0,699	NA	NA	0,495
Liso	2 (14,3%)	5 (8,9%)		11 (91,7%)	29 (96,7%)	
Cerdoso	0 %	1 (1,8%)		1 (8,3%)	1 (3,3%)	
Tamanho de pelo						
Indiferente	7 (50,0%)	44 (78,6%)	0,083	NA	NA	0,674
Curto	7 (50,0%)	10 (17,9%)		12 (100,0%)	26 (86,7%)	
Médio	0 %	1 (1,8%)		0 %	3 (10,0%)	
Comprido	0 %	1 (1,8%)		0 %	1 (3,3%)	
Porte (cão)						
Indiferente	0 %	7 (25,9%)	0,419	NA	NA	0,078
Pequeno	4 (66,7%)	11 (40,7%)		0 %	3 (23,1%)	
Médio	0 %	4 (14,8%)		3 (60,0%)	10 (76,9%)	
Grande	2 (33,3%)	5 (18,5%)		2 (40,0%)	0 %	

Anexo 3. Inquérito para os munícipes que visitaram a Casa dos Animais de Lisboa (CAL)

Data: ___/___/___ Hora: ___h___

Pessoa responsável pela visita: _____



1) **Idade:** 18 a 30 anos 31 a 50anos 51 a 65 anos >65 anos

2) **Sexo:** Feminino Masculino

3) **Habilitações Literárias:**

Menos de 4 anos de escolaridade 3º ciclo do ensino básico (9º ano) Licenciatura

1º ciclo do ensino básico (4º ano) Ensino secundário ou equivalente Mestrado

2º ciclo do ensino básico (6º ano) Bacharelato Doutoramento

4) **Estado Civil:**

Solteiro/a Casado/a Divorciado/a Viúvo/a União de facto

5) **Atividade Profissional:**

6) **Principal Meio de Vida:**

Rendimento do trabalho

Pensão/Reforma

Rendimento da propriedade e da empresa

Subsídios de desemprego

Rendimento social de Inserção

Outros subsídios temporários

A cargo da família

Outra situação. Qual? _____

7) **Cidade e Freguesia onde mora:**

8) **Indique nos respetivos quadrados o número de pessoas que moram em sua casa, consigo incluído/a, de acordo com a sua faixa etária (composição do seu agregado familiar):**

Nº de crianças entre os 0 a 2 anos. Nº de adultos entre os 18 a 30 anos.

Nº de crianças entre os 3 a 6 anos. Nº de adultos entre os 31 a 50 anos.

Nº de crianças entre os 7 a 12 anos. Nº de adultos entre os 51 a 65 anos.

Nº de jovens entre os 13 a 17 anos. Nº de adultos com mais de 65 anos.

9) **Qual o motivo que o/a trouxe a visitar a CAL?**

Ver os animais e se gostar de algum adotá-lo hoje.

Ver primeiro os animais alojados e decidir mais tarde.

Adotar um animal que já conhecia de outra visita ou que vi na página da Casa dos Animais de Lisboa.

10) A CAL é a primeira instituição que visita para adotar um animal?

- Sim, é a primeira.
 Não, já fui a outras instituições.

11) Como soube da existência da CAL?

- Televisão / Rádio / Jornais / Revistas
 Redes sociais (ex: Facebook, Instagram...)
 Internet (ex: página da Câmara Municipal de Lisboa...)
 Através do grupo de voluntariado e/ou funcionários da CAL
 Através de pessoas conhecidas sem ligação à CAL
 Através dos eventos organizados na cidade
 Outro. Qual? _____

12) Veio acompanhado/a?

- Sim Não

12.1) Se sim por mais quantos elementos?

- 1 pessoa 2 pessoas 3 pessoas 4 pessoas 5 pessoas >5 pessoas

13) Tem animais atualmente?

- Sim Não

13.1) Se sim, indique nos respetivos quadrado quantos são e de que espécie?

- N° de gatos N° de cães

- N° de outros animais e respetivas espécies: _____

14) Já teve animais nos últimos 10 anos?

- Sim Não

14.1) Se sim, indique nos respetivos quadrados quantos teve e de que espécie eram?

- N° de gatos N° de cães

- N° de outros animais e respetivas espécies: _____

15) Qual o tipo de habitação/local a que se destina o animal?

- Apartamento Moradia Quinta Outro local. Qual? _____

15.1) No caso do animal ter como destino uma habitação, terá acesso ao interior da mesma?

- Sim Não Outra opção. Qual? _____

15.2) No caso do animal ter como destino uma habitação, qual é a área da mesma (dá-se preferência pela área bruta, relativamente à tipologia)?

- T0 (área mínima 35m²) T1 (área mínima 52m²) T2 (área mínima 72m²)
 T3 (área mínima 91m²) T4 (área mínima 105m²) T5 (área mínima 122m²)
 T6 (área mínima 134m²) Não sabe

15.3) A habitação/local para onde pretende levar o animal tem quintal e/ou varanda?

- Sim, tem quintal. Sim, tem varanda. Não tem.

16) Quanto tempo pode dedicar ao animal por dia?

- Até 1h 1 a 2h 2 a 4h 4 a 6h 6 a 8h >8h

17) Indique o intervalo de valores que pensa vir a gastar em média com o animal por ano.

- <200€/ano 200-400€/ano 400-600€/ano 600-800€/ano
 800-1000€/ano >1000€/ano Não tem ideia

18) Neste momento procura um animal de que espécie?

- Cão Gato

19) Qual a razão principal pela qual veio adotar um animal?

- Companhia Guarda Caça Outra. Qual? _____

20) Qual o sexo do animal que procura?

- É indiferente Fêmea Macho

21) Qual a idade que procura num animal de estimação?

- É Indiferente Juvenil (até 6 meses) Jovem (6 meses até 1 ano)
 Jovem adulto (1 a 2 anos) Adulto (2 a 7 anos) Sénior (+7 anos)

22) Considera a possibilidade de adotar um animal com algum tipo de deficiência aparente?

- Sim Não

23) Tem preferência por um animal semelhante a alguma raça?

- Sim. Qual? _____ Não

24) Tem preferência pela cor do pelo?

- Sim. Qual? _____ Não

25) Tem preferência pelo tipo de pelo do animal?

- É indiferente Liso Cerdoso Encaracolado Sem pelo

26) Tem preferência pelo tamanho do pelo do animal?

- É indiferente Curto Médio Comprido Sem pelo

27) No caso de estar à procura de um cão, qual/quais os tamanhos do animal que procura (ou expectativa do que vai ser)?

- É indiferente
 Muito pequeno (até 4kg) - (Ex: Bichon Maltês, Chihuahua, Yorkshire Terrier, Caniche Toy ...)
 Pequeno (5-10kg) - (Ex: Caniche, Jack Russell Terrier, Shih Tzu, Teckel, Pug...)
 Médio (11-25kg) - (Ex: Beagle, Bulldog Francês, Cocker Spaniel, Staffordshire Bull Terrier...)
 Grande (26-45kg) - (Ex: Basset Hound, Boxer, Golden Retriever, Pastor Alemão, Labrador...)
 Gigante (>45kg) - (Ex: Cão da Serra da Estrela, Dogue Alemão, Rafeiro do Alentejo, Rottweiler...)

28) Indique as características comportamentais que procura no animal.

	Ele deve ser:	Ele não deve ser:	Característica Indiferente:
a) Enérgico			
b) Calmo			
c) Sociável			
d) Meigo			
e) Afável com crianças			
f) Afável com outros animais			
g) Brincalhão			
h) Alerta / atento			
i) Agressivo			
j) Medroso / Assustado			
l) Outra característica, indique qual: _____			

29) Indique com uma cruz (X), a importância que cada um dos seguintes fatores tem na decisão de adotar um animal.

	Fator nada importante	Fator pouco importante	Fator indiferente	Fator importante	Fator muito importante
a) Acompanhar na caça					
b) Proteger propriedade privada					
c) Ajudar a combater pragas					
d) Fazer companhia ao próprio					
e) Fazer companhia às crianças					
f) Fazer companhia a idoso					
g) Fazer companhia a animal que já tem					
h) Ajudar a superar a perda de outro animal					
i) Ajudar a superar um momento mais difícil (perda familiar, divórcio etc...)					
j) Ter amigos que têm animais					
l) Retirar um animal de um abrigo					
m) Outro fator, indique qual:					

PREENCHER APENAS NO CASO DE NÃO ADOTAR:**30) O que é que contribuiu para não adotar um animal hoje?**

- Os animais que vi não corresponderam às características comportamentais que pretendia.
- Os animais que vi não corresponderam às características físicas que pretendia.
- Gostei de um animal em especial (ou de alguns animais), mas prefiro pensar melhor antes de tomar a decisão.
- Quero pensar melhor e ver outras instituições antes de decidir.
- A visita fez-me pensar que talvez ainda não seja a altura mais adequada para adotar um animal.
- Outro motivo. Qual? _____

31) Considera adotar um animal no futuro?

- Sim Não Talvez, ainda vou pensar melhor.

PREENCHER APENAS NO CASO DE ADOTAR:

Ficha nº: _____

32) Espécie:

- Cão Gato

33) Sexo:

- Macho ainda não castrado Fêmea ainda não esterilizada
- Macho castrado Fêmea esterilizada

34) Idade:

- Juvenil (até 6 meses) Jovem (6 meses a 1 ano) Jovem adulto (1 a 2 anos)
- Adulto (2 a 7 anos) Sénior (+7 anos)

35) Raça (tipo): _____**36) Cor do pelo:** _____**37) Tipo de pelo:**

- Liso Cerdoso Encaracolado Sem pelo

38) Tamanho do pelo:

- Curto Médio Comprido Sem pelo

39) Tamanho do animal, se for cão (ou expectativa do que vai ser):

- Muito pequeno (até 4kg) - (Ex: Bichon Maltês, Chihuahua, Yorkshire Terrier, Caniche Toy...)
- Pequeno (5-10kg)- (Ex: Caniche, Jack Russell Terrier, Shih Tzu, Teckel, Pug...)
- Médio (11-25kg) - (Ex: Beagle, Bouledogue Francês, Cocker Spaniel, Staffordshire Bull Terrier...)
- Grande (26-45kg) - (Ex: Basset Hound, Boxer, Golden Retriever, Pastor Alemão, Labrador...)
- Gigante (>45kg) - (Ex: Cão Da Serra Da Estrela, Dogue Alemão, Rafeiro Do Alentejo, Rottweiler...)

40) Assinale as características comportamentais do animal adotado que foram percebidas durante a visita:

- Enérgico Meigo Agressivo
 Calmo Afável com crianças Medroso/Assustado
 Sociável Afável com outros animais Outra característica: _____
 Brincalhão Alerta / Atento

41) O animal que adotou apresenta algum tipo de deficiência aparente?

- Sim. Qual? _____ Não

42) Qual a razão principal que o/a levou a decidir levar hoje o animal?

- Já o tinha visto antes noutra visita (ou na página da CAL) e decidi que este é o animal ideal.
 Gostei deste animal, pois tem muitas das características que procurava há algum tempo.
 Vim com intenções de adotar hoje um animal e foi este o escolhido.
 Senti uma ligação especial com este animal e decidi adotá-lo, “foi ele que me escolheu”.
 Fui influenciado a adotar este animal pela opinião de quem me acompanhou durante a visita.
 Outro motivo. Qual? _____

43) Indique com uma cruz (X), a importância que os seguintes fatores contribuíram na decisão de adoção deste animal na CAL.

- a) “Expressão” do animal
 b) Características comportamentais
 c) Características físicas
 d) Condição de saúde
 e) Esterilização gratuita
 h) Outro fator, indique qual:

	Fator nada importante	Fator pouco importante	Fator indiferente	Fator importante	Fator muito importante
a)					
b)					
c)					
d)					
e)					
h)					

A privacidade dos meus dados e do meu animal será respeitada no caso dos resultados serem utilizados em comunicações escritas, orais, ou em publicações, que possam resultar do estudo. Desta forma autorizo o uso e tratamento dos mesmos _____.